

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**EDSON DE FREITAS GOMES**

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS EM MÊBÊNGÔKRE**  
**transitividade e marcação de argumentos**

Belém  
2021

EDSON DE FREITAS GOMES

**ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS EM MÊBENGOKRE**  
**transitividade e marcação de argumentos**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Belém

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

G633a Gomes, Edson de Freitas.  
Aspectos morfossintáticos em Mebêngôkre : transitividade e  
marcação de argumentos / Edson de Freitas Gomes. — 2021.  
191 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Vilacy Moreira Galucio  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras,  
Belém, 2021.

1. Alinhamento morfossintático. 2. Marcação de  
argumentos. 3. Sujeito dativo. 4. Sujeito locativo. 5.  
Transitividade. I. Título.

CDD 410

---

EDSON DE FREITAS GOMES

## **ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS EM MÊBÊNGÔKRE**

### **transitividade e marcação de argumentos**

Tese apresentada à banca examinadora da Universidade Federal do Pará/Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação, para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio

Conceito: APROVADO, Belém, 20 de agosto de 2021

#### **Banca examinadora**

---

**Profa. Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio - Presidente**  
Universidade Federal do Pará - Orientadora

---

**Profa. Dra. Angela Fabiola Alves Chagas - Titular**  
Universidade Federal do Pará – Membro interno

---

**Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira - Titular**  
Universidade Federal do Pará – Membro interno

---

**Prof. Dr. Bernat Bardagil-Mas - Titular**  
Universidade de Gante (Bélgica) – Membro externo

---

**Profa. Dra. Flavia de Castro Alves - Titular**  
Universidade de Brasília – Membro externo

---

**Prof. Dr. Sidi Facundes - Suplente**  
Universidade Federal do Pará – Membro interno

---

**Prof. Dr. Ivan Rocha da Silva – Suplente**  
Museu Paraense Emílio Goeldi – Membro externo

## DEDICATÓRIA

Para o povo Mëbêngôkre/Kayapó das aldeias de São Félix do Xingu, em especial aos indígenas Bepkaete, Kàjràti e Tomyajkuwa

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Luísa de Freitas Gomes, que apesar da ignorância para lidar com as letras, sempre me manteve na escola.

À minha filha Mahara dos Santos Gomes, por ser uma fonte de inspiração durante esses cinco anos.

À minha esposa Daniele Negrão dos Santos, por ser uma companheira há quatorze anos e por prestar apoio, especialmente tecnológico, em muitos momentos de dificuldades.

Às minhas irmãs Elisangela do Socorro Gomes Nogueira, Adriana do Socorro de Freitas Gomes, Solange do Socorro de Freitas Gomes e Marinete do Socorro Freitas (*in memorian*), pela companhia no percurso de vida.

À Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/Instituto de Estudos do Xingu, pela liberação que me concedeu durante dois anos, o que me proporcionou uma dedicação maior para o desenvolvimento desta tese.

À Universidade Federal do Pará por ter me proporcionado a oportunidade de cursar toda a minha formação acadêmica de nível superior, desde a graduação até o doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará e seus servidores e bolsistas.

À professora Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira, pela sugestão e encorajamento para eu estudar a língua Mëbêngôkre, pela sugestão preciosa da minha orientadora e pelo incentivo que deu para eu entrar no doutorado, durante sua passagem pelo Instituto de Estudos do Xingu em dezembro de 2015.

À professora Bruna Franchetto, pelas dicas de trabalho que nos deu, por ocasião de sua estada no Instituto de Estudos do Xingu em 2016.

Ao professor Sidi Facundes pelas observações feitas no trabalho durante a defesa da qualificação.

Ao doutor Bernat Bardagil-Mas pelas importantíssimas sugestões no trabalho escrito e durante a defesa da qualificação, que foram fundamentais para a melhoria da qualidade da redação final do texto da tese.

Ao professor Andrés Pablo Salanova pelo esclarecimento inicial sobre a possibilidade de construções com sintagmas posposicionais locativos, *kãm*, *jã* e *bê*, serem possíveis sujeitos não-canônicos em Mëbêngôkre.

À professora Flávia de Castro Alves pelas importantes contribuições relativas aos sujeitos dativo e locativo, as quais foram fundamentais para o avanço no tema.

Ao doutor Ivan Rocha da Silva pela contribuição na revisão das seções referentes à estrutura argumental e pelas importantes dicas para a elaboração das árvores.

Em especial, a minha orientadora, professora Ana Vilacy Moreira Galúcio, pelas incontáveis intervenções para a melhoria da qualidade do trabalho e, por ter me direcionado no caminho certo, sendo exigente e mostrando seriedade e profissionalismo na condução da orientação, o que me fez adotar uma postura mais profissional diante do trabalho e alcançar resultados mais satisfatórios.

Ao Clédson Mendonça Junior e ao Paulo Carvalho, ex-alunos da Unifesspa/IEX, primeiras pessoas a me ensinarem as primeiras palavras em Mëbêngôkre.

Ao senhor Adalberto Kamritô Silva, primeira pessoa a me levar para conhecer as aldeias Mëbêngôkre do rio Xingu, em março de 2016.

À professora Maria de Fátima Freires, primeira pessoa a me levar para a festa do Índio nas aldeias Mëbêngôkre dos rios Fresco e Zinho, em abril de 2016.

À SESAI de São Félix do Xingu, em especial à enfermeira Micaela Coelho e à técnica Diana Selma Amorim, que facilitaram a tomada de caronas nos transportes desta secretaria, nos meus deslocamentos para as aldeias.

À Coordenadoria de educação indígena da Secretaria de Educação de São Félix do Xingu, que sempre foram solícitos aos meus pedidos de deslocamento e permanência nas aldeias do município.

Aos indígenas e às indígenas das aldeias Apexti, Moxkàràkô e Kokraxmôr, pelas concessões de gravações de dados e acolhidas durante os dias em que estive nessas aldeias.

Ao cacique Kàjràti Kayapó e aos indígenas Bepkawbox Kayapó, Bepmôr Kayapó, Beui Kayapó, Tomyajkuwa Kayapó, Bepmrãjti Kayapó, entre outros, pelas gravações e pelas muitas colaborações nas soluções das dúvidas com os dados que coletados.

Em especial ao professor Bepkaete Kayapó que colaborou com dados e tirando dúvidas que surgiram via WhatsApp durante o período da pandemia de Covid-19. Sem essa colaboração teria sido mais difícil concluir este trabalho.

Aos professores Antonio Félix Costa Neto e Silvifran Sousa e, às professoras Maria de Fátima Freires, Maria Lucia Silva, Lucirlene e Thelma Marques Costa, pelas acolhidas nas casas dos professores nas aldeias, durante as minhas idas a campo.

Aos integrantes da banca avaliadora professoras Ana Vilacy Galucio (presidente), Flávia de Castro Alves, Marília de Nazaré Ferreira e Angela Fabiola Chagas e o professor Bernat Bardagil-Mas pelas preciosas intervenções, que ajudaram muito a melhorar a qualidade do trabalho.

## Reis do agronegócio

Ó donos do agrobiz, ó reis do agronegócio  
Ó produtores de alimento com veneno  
Vocês que aumentam todo ano sua posse  
E que poluem cada palmo de terreno  
E que possuem cada qual um latifúndio  
E que destratam e destroem o ambiente  
De cada mente de vocês olhei no fundo  
E vi o quanto cada um, no fundo, mente

Vocês desterram povaréis ao léu que erram  
E não empregam tanta gente como pregam  
Vocês não matam nem a fome que há na terra  
Nem alimentam tanto a gente como alegam  
É o pequeno produtor que nos provê e os  
Seus deputados não protegem, como dizem:  
[...]

Vocês me dizem que o brasil não desenvolve  
Sem o agrobiz feroz, desenvolvimentista  
Mas até hoje na verdade nunca houve  
Um desenvolvimento tão destrutivista  
É o que diz aquele que vocês não ouvem  
O cientista, essa voz, a da ciência  
Tampouco a voz da consciência os comove  
Vocês só ouvem algo por conveniência

[...]

A terra indígena, o quilombo e a reserva  
Vocês que podam e que fodem e que ferram  
Quem represente pela frente uma barreira  
Seja o posseiro, o seringueiro ou o sem-terra  
O extrativista, o ambientalista ou a freira  
Vocês que criam, matam cruelmente bois  
Cujas carcaças formam um enorme lixo  
Vocês que exterminam peixes, caracóis  
Sapos e pássaros e abelhas do seu nicho  
E que rebaixam planta, bicho e outros entes  
E acham pobre, preto e índio "tudo" chucro:  
Por que dispensam tal desprezo a um vivente?  
Por que só prezam e só pensam no seu lucro?

[...]

(Chico César, 2015)

## RESUMO

O sujeito marcado canonicamente em Mëbêngôkre já vem sendo descrito na literatura sobre a língua há alguns anos, no entanto, a descrição do sujeito marcado não-canonicamente ainda é um campo que precisa ser mais explorado e que mostra ser muito produtivo. A temática do sujeito que recebe marcação diferente do padrão canônico é bastante atual e relevante, pois, pode trazer informações novas para o conhecimento da morfossintaxe da língua e contribuir para o maior conhecimento de fenômenos ainda carentes de descrição. O estudo do sujeito não-canônico pretende possibilitar a discussão sobre a realização do sujeito Mëbêngôkre, mas sem perder de vista que ainda falta muito a ser feito para que esta hipótese seja confirmada definitivamente. Partindo desse cenário, esta tese tem o objetivo principal de descrever as formas como o sujeito é marcado em Mëbêngôkre, com foco nas estratégias principais utilizadas para a marcação de sujeitos canônicos e não-canônicos, em especial o sujeito dativo, marcado pela posposição *mã*, e o sujeito locativo, marcado pelas posposições *kãm*, *jã* e *bê*. O padrão não-canônico de sujeitos em Mëbêngôkre será tratado com base nos testes referentes às propriedades de codificação e comportamentais do sujeito propostos por Keenan (1976); Sigurðsson (2004); Eythórsson; Barddal (2005); Barddal; Eythórsson (2009 e 2016), entre outros autores. A análise apresentada baseia-se em dados oriundos de pesquisa de campo, obtidos por meio de gravação com consultores indígenas de aldeias Mëbêngôkre, localizadas na reserva Gorotire, município de São Félix do Xingu, Sul do estado do Pará. A metodologia é baseada na aplicação de testes sobre as propriedades de codificação como a marcação de caso nominal, a indexação de argumentos no verbo e a ordem dos constituintes na sentença e das propriedades comportamentais como controle do reflexivo, controle e apagamento nas orações coordenadas e subordinadas, e mudança de referência. Os dados mostram que, além do sujeito marcado canonicamente, existe também o sujeito que é marcado formalmente por morfemas que são posposições e os testes morfossintáticos realizados mostram que estes sujeitos são aprovados na maioria dos testes propostos, no caso do sujeito dativo, e em alguns, no caso do sujeito locativo. Um argumento que corrobora a análise dos prefixos indexados em posposições como sujeito é o fato de estes prefixos serem duplicados pelo pronome nominativo, tal qual ocorre com o sujeito marcado canonicamente.

**Palavras-chave:** Alinhamento morfossintático. Marcação de argumentos. Sujeito dativo. Sujeito locativo. Transitividade.

## ABSTRACT

The canonically marked subject in Mẽbêngôkre has already been described in the literature for years, however, the description of a non-canonically marked subject is a field that proves to be very productive itself and still need further exploration. The thematic of the subject which receives different canonical pattern mark is current and relevant as it brings new information to the morphosyntax language knowledge and contributes to the understanding of phenomena that still needs description. The non-canonical subject study intends to raise the discussion on the Mẽbêngôkre subject realization, although there is still a lot remaining to be done for this hypothesis to be definitively confirmed. In this scenario, the main objective of this thesis is to describe the ways in which the subject is marked in Mẽbêngôkre language, focusing on the main strategies used for canonical and non-canonical subjects marking, especially the dative subject, marked by *mã* postposition and the locative subject, marked by *kãm*, *jã* and *bê* postpositions. The non-canonical subject pattern in Mẽbêngôkre is treated based on tests regarding the coding and behavioral properties of the subject suggested by Keenan (1976); Sigurðsson (2004); Eythórsson; Barddal (2005); Barddal; Eythórsson (2006 and 2009), among other authors. The analysis shown is based on field research material data, acquired through interview recording with indigenous consultants from Mẽbêngôkre villages, placed in the Gorotire reserve, in São Félix do Xingu municipality, southern of Pará state. The methodology is based on test application about the coding properties such as nominal case marking, the argument indexing in the verb and the constituents order in the sentence, and on behavioral properties such as reflexive control, control and erasure in coordinated and subordinate clauses and reference changes. The data showed that, besides the canonically marked subject, there is another subject who is also formally marked by morphemes that are postposition and the morphosyntactic tests performed showed that those subjects are approved in most of the proposed tests, in the dative subject case and in the locative subject in some cases. An argument that supports the prefixes indexed analysis in postpositions as subject is the fact that these prefixes are doubled by the nominative pronoun, as it occurs with the canonically marked subject.

**Keywords:** Argument marking. Dative subject. Locative subject. Morphosyntactic alignment. Transitivity.

## RÉSUMÉ

Le sujet canonique en mēbēngôkre a été décrit dans la littérature depuis quelques années, cependant, la description du sujet non canonique reste un domaine de recherche à explorer qui se montre très productif. Le thème du sujet qui reçoit un marquage différent du modèle canonique est assez actuel et pertinent, car il apportera de nouvelles informations à la connaissance de la morphosyntaxe de la langue mēbēngôkre et contribuera à une compréhension plus profonde de phénomènes encore peu décrits. L'étude du sujet non canonique vise à permettre la discussion sur la réalisation du sujet en mēbēngôkre, mais sans oublier qu'il y a encore beaucoup à faire avant que cette hypothèse soit définitivement confirmée. Dans ce contexte, cette thèse a pour objectif principal de décrire les formes de marquage du sujet en mēbēngôkre, en se concentrant sur les principales stratégies utilisées pour le marquage des sujets canoniques et non canoniques, notamment le sujet datif, marqué par la postposition *mã*, et le sujet locatif, marqué par les postpositions *kām*, *jã* et *bê*. Le schéma non canonique des sujets en mēbēngôkre sera abordé en utilisant les tests concernant les propriétés de codage et de comportement du sujet proposés par Keenan (1976), Sigurðsson (2004), Eythórsson et Barðdal (2005), Barðdal et Eythórsson (2006 et 2009), entre autres auteurs. Les données sur lesquelles se fonde l'analyse présentée proviennent de la recherche de terrain et ont été obtenues par enregistrement en collaborant avec des consultants indigènes des villages mēbēngôkre, situés dans la réserve Gorotire, municipalité de São Félix do Xingu, au sud de l'État du Pará, Brésil. La méthodologie repose sur l'application de tests relatifs aux propriétés de codage, y compris le marquage du cas nominal, l'indexation des arguments dans le verbe et l'ordre des constituants dans la phrase, et aux propriétés comportementales telles que le contrôle réflexif, le contrôle/la suppression dans les clauses coordonnées et subordonnées et la référence croisée (*switch reference*). Les données ont révélé qu'en plus du sujet canonique, il existe un type de sujet marqué formellement par des morphèmes identifiés comme postpositions, qui passe la plupart des tests morphosyntaxiques appliqués (dans le cas du sujet datif et, pour certains tests, dans le cas du sujet locatif). Un argument qui confirme l'analyse des préfixes indexés dans les positions comme sujet est le fait que ces préfixes sont doublés par des pronoms nominatifs, tout comme dans le cas du sujet canonique.

**Mots-clés:** Marquage des arguments. Structure d'actance. Sujet datif. Sujet locatif. Transitivité.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Subagrupamento da família Jê de Goyaz .....	27
<b>Figura 2:</b> Subagrupamento da família Jê .....	28

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b> Fonemas consonantais do Mëbêngôkre .....	29
<b>Quadro 02:</b> Vogais orais e nasais do Mëbêngôkre .....	29
<b>Quadro 03:</b> Palavras do Xikrin e do Kayapó .....	31
<b>Quadro 04:</b> Numerais do Xikrin e do Kayapó .....	32
<b>Quadro 05:</b> Pronomes Mëbêngôkre .....	65
<b>Quadro 06:</b> Posposições do Mëbêngôkre .....	67
<b>Quadro 07:</b> Marcação de caso em Mëbêngôkre .....	91
<b>Quadro 08:</b> Indexação verbal em Mëbêngôkre .....	101
<b>Quadro 09:</b> Ordem de constituintes em Mëbêngôkre .....	105
<b>Quadro 10:</b> Formas de marcação do sujeito canônico .....	131
<b>Quadro 11:</b> Predicados com sujeito dativo que expressa estados físicos ou mentais ...	138
<b>Quadro 12:</b> Predicado com sujeito locativo que expressa posse/existência/localização	153
<b>Quadro 13:</b> Formas de marcação do sujeito não-canônico .....	175
<b>Quadro 14:</b> Formas de predicar o sujeito canônico e não-canônico .....	178

## LISTA DE ABREVIATURAS

A	Sujeito transitivo	LOC	Locativo
ABS	Absolutivo	N	Nominal
ACC	Acusativo	NEG	Negação
ADV	Advérbio	NFUT	Não-futuro
AGNM	Agente nominalizador	NMZ	Nominalizador
AORIST	Aorístico	NOM	Nominativo
ASP	Aspecto	O	Objeto transitivo
AT	Atestado	OBL	Oblíquo
ES	Essivo	OD	Objeto direto
CAUS	Causativo	OI	Objeto indireto
COMPL	Complemento	P	Objeto transitivo
CONJ	Conjunção	p-	Prefixo de pessoa
COP	Cópula	PAST	Passado
DAT	Dativo	PNCT	Pontual (aspecto)
DEM	Demonstrativo	POSS	Possessivo
DIR	Direcional	POSS	Possessivo
ERG	Ergativo	Pred	Predicado
EX	Experienciador	PROSP	Prospecção
EXC	Exclusivo	QUANT	Quantificador
FCT	Factível	R	Recipiente
REF	Reflexivo	Rel	Relacional
FOC	Foco	RLS	Realis
FUT	Futuro	S	Sujeito intransitivo
GEN	Genitivo	s-	Prefixo de pessoa
HAB	Habitual	SD	Sintagma determinante
INST	Instrumental	SP	Sintagma posposicional
INT	Interrogação	ST	Estímulo
INTR	Intransitivo	SV	Sintagma verbal

T	Tema
TEMP	Temporário
TOP	Topicalização
V	Verbo
?	Indefinido
1SG.NOM	Primeira pessoa singular nominativo
2SG.NOM	Segunda pessoa singular nominativo
3SG.NOM	Terceira pessoa singular nominativo
1SG.ERG	Primeira pessoa singular ergativo
2SG.ERG	Segunda pessoa singular ergativo
3SG.ERG	Terceira pessoa singular ergativo
1SG.ABS	Primeira pessoa singular absolutivo
2SG.ABS	Segunda pessoa singular absolutivo
3SG.ABS	Terceira pessoa singular absolutivo
1SG.ACC	Primeira pessoa singular acusativo
2SG.ACC	Segunda pessoa singular acusativo
3SG.ACC	Terceira pessoa singular acusativo
1PL.INC	Primeira pessoa plural inclusiva
1PL.EXC	Primeira pessoa plural exclusiva

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
1.1 ETAPAS DO TRABALHO DE CAMPO E COLETA DOS DADOS .....	21
<b>2 PRELIMINARES SOBRE A LÍNGUA MÊBÊNGÔKRE</b> .....	<b>27</b>
2.1 INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS .....	32
2.2 ESTUDOS GRAMÁTICAIS REALIZADOS .....	37
<b>3 MORFOSSINTAXE MÊBÊNGÔKRE</b> .....	<b>40</b>
3.1 CLASSES VERBAIS .....	41
<b>3.1.1 Verbos intransitivos</b> .....	<b>45</b>
<b>3.1.2 Verbos transitivos</b> .....	<b>54</b>
3.2 OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS .....	58
<b>3.2.1 Nomes</b> .....	<b>58</b>
<b>3.2.2 Advérbios</b> .....	<b>62</b>
<b>3.2.3 Pronomes</b> .....	<b>64</b>
<b>3.2.4 Adposições</b> .....	<b>66</b>
<b>3.2.5 Conjunções</b> .....	<b>68</b>
3.3 TAME .....	68
<b>3.3.1 Tempo</b> .....	<b>69</b>
<b>3.3.2 Aspecto</b> .....	<b>72</b>
<b>3.3.3 Modo</b> .....	<b>74</b>
<b>3.3.4 Evidencialidade</b> .....	<b>75</b>
<b>4 MARCAÇÃO DE ARGUMENTOS, RELAÇÕES SINTÁTICAS E ALINHAMENTO MORFOSSINTÁTICO</b> .....	<b>77</b>
4.1 CATEGORIAS DE ARGUMENTOS .....	78
<b>4.1.1 Marcação de caso nominal</b> .....	<b>80</b>

<b>4.1.2 Indexação verbal .....</b>	<b>91</b>
<b>4.1.3 Ordem de constituintes .....</b>	<b>102</b>
4.2 ALINHAMENTO MORFOSSINTÁTICO .....	106
<b>4.2.1 Alinhamento nominativo-acusativo .....</b>	<b>110</b>
<b>4.2.2 Alinhamento ergativo-absolutivo .....</b>	<b>111</b>
<b>4.2.3 Alinhamento nominativo-absolutivo .....</b>	<b>112</b>
<b>5 SUJEITO NÃO-CANÔNICO EM MÊBÊNGÔKRE .....</b>	<b>120</b>
5.1 PROPRIEDADES DO SUJEITO CANÔNICO .....	122
<b>5.1.1 Propriedades de codificação .....</b>	<b>123</b>
<b>5.1.2 Propriedades comportamentais .....</b>	<b>128</b>
5.2 PROPRIEDADES DO SUJEITO NÃO-CANÔNICO .....	131
<b>5.2.1 Sujeito dativo .....</b>	<b>133</b>
5.2.1.1 Construções com sintagma posposicional dativo na função de complemento ...	141
5.2.1.2 Construções com sintagma posposicional dativo na função de sujeito .....	144
<b>5.2.2 Sujeito locativo .....</b>	<b>152</b>
5.2.2.1 Sujeito locativo marcado com a posposição kãm .....	159
5.2.2.2 Sujeito locativo marcado com a posposição jã .....	165
5.2.2.3 Sujeito locativo marcado com a posposição bê .....	169
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>179</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>182</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em agosto de 2015, quando assumi o cargo de professor da Unifesspa em São Félix do Xingu, o que eu sabia e pensava sobre indígenas não era muito diferente do que pensa e sabe a maioria da população brasileira a respeito. O nome Kayapó era tudo o que eu sabia desse povo e o nome Mëbêngôkre era uma novidade difícil de pronunciar.

Minha participação nos eventos ofertados pela professora Marília de Nazaré Ferreira em 2015 e pela professora Bruna Franchetto em 2016, pelo programa Pesquisador Produtividade, no Instituto de Estudos do Xingu/Unifesspa, foi o estímulo para que eu desenvolvesse este trabalho descritivo sobre a língua Mëbêngôkre.

Em uma região onde vive parte de uma das nações indígenas mais populosas do Brasil e, que ainda mantém significativa expressão de sua tradição ancestral, é de fundamental importância o desenvolvimento de pesquisas para melhor conhecimento dessa realidade. Neste cenário, a pesquisa linguística parece ser um campo com potencial para ser explorado, ainda mais se pensarmos que existe um Campus Universitário da Unifesspa em São Félix do Xingu e que foi concebido em função do potencial linguístico da região.

Os argumentos marcados canonicamente na língua Mëbêngôkre já vêm sendo descritos faz alguns anos, por Thomson e Stout (1974); Reis Silva (2001); Salanova (2007); Costa (2015), entre outros trabalhos realizados por estes autores, no entanto, a descrição dos argumentos marcados não-canonicamente na língua, ainda é um campo que precisa ser mais bem explorado e que mostra ser muito produtivo.

Com a realização deste trabalho, pretende-se contribuir, com dados novos, para um tema que ainda tem muito a ser explorado na língua, que parece ser de extrema relevância e, que impõe muitos desafios a serem enfrentados, para a sua execução. Pretende-se ainda com este trabalho, compor um banco de dados com informações morfossintáticas da língua Mëbêngôkre, para fundamentar a presente descrição e também para ser utilizado como fonte de consultas futuras sobre o tema e também para ajudar a divulgar o conhecimento sobre a língua.

O objetivo desta pesquisa é identificar, descrever e analisar a forma como A/S são marcados morfossintaticamente na língua Mëbêngôkre, com foco nas estratégias principais utilizadas para a marcação canônicos e não-canônicos dos argumentos A/S.

Sujeitos não-canônicos em Mëbêngôkre serão tratados com base nos testes referentes às propriedades de codificação e comportamentais do sujeito propostos por Keenan (1976);

Sigurðsson (2004); Eythórsson; Barddal (2005); Barddal; Eythórsson (2009 e 2016), entre outros autores.

A metodologia é baseada na aplicação de testes sobre as propriedades de codificação como a marcação de caso nominal, a indexação de argumentos no verbo e a ordem dos constituintes na sentença e, das propriedades comportamentais como controle do reflexivo, controle e apagamento nas orações coordenadas e subordinadas e mudança de referência (KEENAN, 1976).

Os dados utilizados neste trabalho foram coletados junto a consultores indígenas de aldeias localizadas no município de São Félix do Xingu (PA) e representam a variedade da língua falada pelos Mëbêngôkre/Kayapó da reserva Gorotire, localizada entre os rios Zinho, Fresco e Xingu.

A descrição morfossintática será realizada com ênfase na estrutura argumental que é a relação do verbo (ou predicado) com seus argumentos. Em relação ao sujeito serão descritos o padrão de marcação canônico e o padrão não-canônico.

A variedade da língua Mëbêngôkre estudada neste trabalho será contrastada/comparada sempre que necessário, em relação às propriedades morfossintáticas analisadas, com outras variedades da língua já descritas, com destaque para trabalhos como a dissertação de Reis Silva (2001) e as teses de Salanova (2007); Costa (2015) e, também com outras línguas da família Jê, tais como Parkatêjê e Canela-Apãniekra.

Esta tese seguiu a orientação metodológica adotada nos trabalhos de linguística descritiva, que prevê a realização de pesquisa de campo junto a falantes da língua pesquisada, por meio de coleta de dados de fala livre, de fala espontânea e da aplicação de elicitación. No caso da elicitación, trata-se da coleta de sentenças pré-definidas, em que foram feitas as perguntas em Português e as respostas foram dadas em Mëbêngôkre.

A opção, nesta tese, pelo modelo de trabalho de campo, visa a coleta de dados inéditos de aldeias Mëbêngôkre localizadas no município de São Félix do Xingu, pois acreditamos que não há trabalhos com dados linguísticos exclusivos desta localidade<sup>1</sup>. A descrição dos sujeitos marcados não-canonicamente traz a discussão sobre as diferentes possibilidades de expressão do sujeito em Mëbêngôkre, a fim de somar ao que já há de descrição sobre o tema na língua.

A importância da realização de trabalho de campo para trabalhos descritivos e da documentação de dados é justificada por diversos autores, como destacamos a seguir.

---

<sup>1</sup> Pelos relatos históricos, as missionárias do SIL (Summer Institute of Linguistics) Thomson e Stout estiveram nesta região na década de 1970, no entanto, não temos mais informações a respeito.

Segundo Chelliah e Reuse (2011), na pesquisa de campo espera-se que o pesquisador mantenha contato mais próximo com a comunidade pesquisada, pois desenvolver um trabalho de descrição de determinada língua pode ser uma experiência muito enriquecedora, uma vez que, acessar os locais onde essa língua é falada e as pessoas que a falam, possibilitará o contato e o conhecimento da realidade. Assim, o pesquisador terá condições de reunir um conjunto de informações para serem tratadas, registradas e publicadas e, no caso de línguas ameaçadas, ajudar na revitalização e preservação.

Chelliah e Reuse (Op. cit.) argumentam que o estudo de material documental sem a contribuição do falante nativo dificilmente poderia resultar em uma descrição abrangente. Himmelmann (2006) vai além e diz que os resultados dos dados documentais devem servir para os linguistas descritivistas, mas também para outros pesquisadores de áreas afins, tais como antropólogos, historiadores, sociolinguistas e analistas do discurso, por isso, quando dados de elicitación e de textos escritos dialogam, os descritivistas podem produzir uma gramática descritiva de boa qualidade.

Dixon (2007) argumenta a favor de que não é possível nem aconselhável considerar o trabalho de campo documental e descritivo como atividades distintas. Segundo ele, quando a documentação e a descrição de uma determinada língua são realizadas em conjunto pelo mesmo linguista, este obtém uma visão geral de como esta língua funciona, uma vez que ele tem a experiência de acompanhar todas as etapas que envolvem o processo, tanto da documentação, quanto a descrição.

Chelliah e Reuse (Op. cit.) afirmam que a documentação e a descrição ao mesmo tempo em que são distintas entre si, mantêm certa dependência uma da outra, pois são atividades de pesquisa que se complementam. Por saberem das dificuldades enfrentadas pelo pesquisador quando trabalham com língua em processo de desaparecimento, esses autores advogam em favor do trabalho de campo que seja capaz de resultar em gramática de referência e *corpus* de textos que possibilitem a linguistas e outros pesquisadores interessados no assunto, usarem esses dados na tentativa de manter determinada língua viva.

Pelo exposto acima, o pesquisador de campo não deve deixar de considerar os vários aspectos envolvidos no processo de campo. Assim, tanto a documentação como a descrição são fundamentais e necessárias para o trabalho com língua, uma vez que, a partir de dados de determinada língua, pode-se analisar e registrar os fenômenos que ocorrem e disponibilizar os resultados para conhecimento do público, especialmente se considerarmos que grande parte das línguas do mundo passa por constante ameaça de desaparecimento.

## 1.1 ETAPAS DO TRABALHO DE CAMPO E COLETA DOS DADOS

Nesta seção serão detalhados os passos seguidos para a realização do trabalho de campo e para a coleta dos dados utilizados na elaboração do texto da tese. Os dados coletados, descritos e analisados para esta tese são oriundos de pesquisa de campo do próprio autor.

Após um período de definição sobre como seria a melhor forma de obter os dados da língua e selecionar a(s) aldeia(s) onde seria realizada a pesquisa de campo, chegamos à conclusão que ir para uma aldeia menor seria um bom começo e que os deslocamentos para as aldeias seriam feitos em etapas.

Em seguida, a fim de testar o equipamento e a qualidade das gravações, fizemos duas gravações com um consultor (TMK<sup>2</sup>, de 24 anos) e uma consultora (KFK, de 20 anos), na cidade de São Félix do Xingu, totalizando as gravações 1h39m50s. Essa atividade serviu para testar os equipamentos, coletar dados iniciais e nos preparar para a ida a aldeia.

A primeira etapa de coleta de dados ocorreu no período de 4 a 9 de março de 2017. No dia 4 de março fomos no barco que levou as professoras da Secretaria de Educação de São Félix do Xingu para a aldeia Apexti, com o objetivo de ficarmos lá por alguns dias, para a realização das primeiras gravações e também para convivermos com a comunidade, uma vez que o convívio é muito importante para que o pesquisador se familiarize com a língua falada.

Chegamos à aldeia às 19h no dia 4 de março de 2017. No dia 5 apresentamos o projeto de pesquisa para o chefe dos guerreiros, IMA, que representava o cacique MMA e este sinalizou positivamente quanto a nossa permanência e pesquisa na aldeia. Retornamos para São Félix do Xingu, no dia 9 de março de 2017 de carona com os indígenas, na voadeira da SESAI.

Durante o período em que passamos na aldeia Apexti, conseguimos gravar com quatro consultores indígenas, sendo três consultores (TMA, de 17 anos, BMA, de 29 anos e KMA, de 22 anos) e uma consultora (NFA, de 17 anos), totalizando 1h18min26s de gravação. Foi utilizado com estes consultores a elicitação de sentenças previamente definidas.

A segunda etapa de campo ocorreu no período de 11 a 17 de dezembro de 2017. Para esse deslocamento, conseguimos carona no carro da SESAI de São Félix do Xingu até o posto P9, de onde pegamos a voadeira da SESAI que levava o médico para a aldeia Moxkàràkô. Chegamos à aldeia às 19h. No dia 11 de dezembro de 2017, apresentamos o projeto de pesquisa para o cacique Mandu, e este sinalizou positivamente a nossa permanência e pesquisa na aldeia.

---

<sup>2</sup> Quando for identificado o consultor, será usado um código com a seguinte composição: as iniciais do primeiro nome, do sexo e da aldeia do consultor, tudo em maiúsculo.

Voltamos de carona na voadeira da Secretaria de Educação de São Félix do Xingu até o posto P9 e no ônibus escolar que levou os professores das aldeias, do posto P9 até a cidade de São Félix do Xingu.

No período em que passamos na aldeia Moxkàràkô, gravamos com três consultores indígenas: KMM não declarou idade, mas aparenta ter mais de 50 anos; BMM, de 18 anos e BMM, de 27 anos, totalizando 4h4min51s. Utilizamos para estas gravações a elicitación de sentenças previamente definidas.

Nos dias 3 e 18 de fevereiro e no dia 3 de março de 2018, reunimos com o consultor indígena BMM no campus da Unifesspa de São Félix do Xingu para que este nos esclarecesse as dúvidas que surgiram durante a transcrição dos dados coletados na aldeia Moxkàràkô, bem como para que este nos fornecesse novos dados, a fim de complementar os já coletados durante a estada na aldeia.

A terceira etapa de campo ocorreu no período de 19 a 23 de março de 2018. No dia 19, saímos na lancha da SESAI de São Félix do Xingu para a aldeia Kokraxmôr. Às 15h saímos por baixo de muita chuva e às 16h o motor da voadeira quebrou, fazendo com que o piloto voltasse para São Félix do Xingu para ir buscar outra voadeira, o que demorou 2 horas. Reiniciamos a viagem às 18h, àquela altura já com o tempo bom. Depois de passarmos pelas cachoeiras Chadá e Onça, Xingu acima, chegamos à aldeia às 22h.

No dia 20 de março de 2018, logo de manhã, fomos ao encontro do cacique BMK para nos apresentar e apresentar a este e demais guerreiros da aldeia, o nosso projeto de pesquisa, após fazer as devidas recomendações, o cacique se mostrou favorável à nossa permanência na aldeia. Depois de cinco dias na aldeia, no dia 23 de março de 2018, fizemos o percurso de volta para a cidade de São Félix do Xingu, na voadeira da SESAI e chegamos à cidade às 20h.

Durante o período que passamos na aldeia Kokraxmôr, gravamos com o consultor indígena, BMK, de 24 anos. Nesta etapa, percebemos que gravar com apenas um consultor poderia ser mais produtivo, porque daria para dar continuidade ao trabalho feito no dia anterior e este já estaria familiarizado com a metodologia. O tempo de gravação foi de 1h25m19s.

Nos dias 24 e 25 de agosto de 2018, gravamos, na cidade de São Félix do Xingu, com o consultor indígena TMK da aldeia Kawatire. O tempo de gravação foi de 1h20m51s. Nestas gravações foram utilizadas imagens de indígenas executando atividades rotineiras e imagens de pessoas não-indígenas realizando algumas atividades, como estímulos, para a produção pelo consultor, de pequenos textos descritivos a partir dessas atividades.

Enfrentamos muitas dificuldades para realizar as primeiras três etapas de coleta de dados, tanto logística, quanto operacional, tais como: dependência de transporte para

deslocamento para as aldeias, já que todas as viagens foram feitas de carona; falta de local para permanecer mais tempo nas aldeias, pois sempre ficamos na casa das professoras que trabalham na aldeia; dificuldade para selecionar consultor, entre outras.

Em razão dessas dificuldades relatadas acima, julgamos necessário realizar mais idas a campo com tempo ampliado, a fim de coletar novos dados e de melhorar a qualidade dos dados selecionados. Neste momento também já nos considerávamos mais inteirados sobre as dificuldades decorrentes do processo de campo e de como tentar otimizá-lo. Consideramos que, concentrar o trabalho de campo em apenas uma aldeia poderia ser mais produtivo.

Assim, já com o novo propósito em mente, nos dias 10 a 12 de abril de 2019 gravamos com o consultor indígena BMM da aldeia Moxkàràkô, no campus da Unifesspa de São Félix do Xingu. O tempo das gravações foi de 4h49m19s. Essas gravações foram atividades que antecederam a realização da quarta etapa de campo que se realizaria em seguida.

A quarta etapa de campo ocorreu no período de 14 a 25 de abril de 2019. Saímos da cidade de São Félix do Xingu, às 6h do dia 14 de abril, no barco da Secretaria de Educação do mesmo município, em direção à aldeia Moxkàràkô, no Riozinho. Às 19h aportamos na base indígena, na confluência dos rios Zinho e Vermelho, para pernoitarmos e às 6h do dia 15 de abril retonamos a viagem, chegando à aldeia às 9h.

A intenção inicial seria permanecermos na aldeia até o final de abril de 2019, mas no dia 25 de abril, por motivos relacionados à alimentação, estada, viagem etc., retornamos na voadeira da SESAI, às 9h e chegamos ao posto P9 no rio Fresco, às 10h30. Às 13h saímos no carro da Sesai do P9 em direção a São Félix do Xingu e chagamos às 17h.

Durante os dias que passamos nesta aldeia, que incluiu a festa dos povos indígenas de 2019, conseguimos gravar e fazer anotações de fala de alguns indígenas e de pequenos trechos de conversas com dois indígenas mais velhos, inclusive da reunião na casa do guerreiro que antecedeu a ida dos indígenas para a manifestação em Brasília. Os dias da festa não foram produtivos para coleta de dados, mas foram extremamente importantes para entender um pouco das manifestações culturais do povo.

Embora tenhamos feito quatro incursões a aldeias e gravado com consultores indígenas na cidade de São Félix do Xingu, as estadas foram de curta duração, o que dificultou uma coleta de dados mais bem elaborada. Apesar disso, a quarta etapa foi a que consideramos mais proveitosa, uma vez que o período de tempo um pouco mais longo, facilitaram a pesquisa.

A quinta etapa de campo iniciou-se no dia 18 de outubro de 2019, quando gravamos com a consultora indígena NFK (idade não declarada, mas aparentando em torno de 25 anos), na cidade de São Félix do Xingu. O tempo de gravação foi de 43m26s. Nos dias 19 e 20 de

outubro, gravamos com o consultor indígena PMK (29 anos), da aldeia Kawatire, no campus da Unifesspa de São Félix do Xingu. Nesta gravação utilizamos a elicitação sem estímulo e também com figuras com indígenas e figuras de não-indígenas, como estímulo. O tempo de gravação foi de 1h35m33s.

Na segunda-feira, 21 de outubro de 2019, após dias de peregrinação para o aeroporto da cidade de São Félix do Xingu em busca de uma carona, seguimos para aldeia Moxkàràkô, às 11h30, no avião da SESAI que transportou paciente indígena da cidade para a aldeia, num percurso de trinta minutos.

No dia 22 de outubro de 2019, o consultor indígena KMM (35 anos) explicou-nos o conteúdo de gravações que havíamos realizado na etapa de campo de abril de 2019. No período de 23 a 30 de outubro de 2019 gravamos dados com este consultor, cuja duração foi de 2h3m34s. O tempo total das gravações desta etapa de campo foi de 4h22min33s.

Na quarta-feira, 30 de outubro de 2019, após dez dias de estada na aldeia Moxkàràkô, fizemos a viagem de retorno, de carona no avião da SESAI, para a cidade de Ourilândia do Norte e de lá, no carro da Sesai, para São Félix do Xingu.

Mesmo tendo entrado cinco vezes em campo, o tempo de estada nas comunidades foi muito curto, por isso a coleta de dados não foi suficiente para dar conta de responder às perguntas iniciais e às que foram surgindo ao longo da escrita do trabalho. Assim, houve a necessidade ir para a aldeia a fim de coletar mais dados, na tentativa de finalizar a escrita do trabalho de tese.

Planejamos a última ida a campo para o mês de março de 2020, a qual seria para a aldeia Moxkàràkô no Riozinho ou para a aldeia Karema no rio Iriri, no entanto, esta etapa foi adiada, devido à interrupção do acesso as aldeias por conta da epidemia de Covid-19. Este fato impossibilitou a coleta de novos dados na data prevista, e isso nos forçou a adotar outra estratégia para obtenção dos dados.

No dia 19 de março de 2020, combinei com o consultor TMK, da aldeia Kawatire, para gravarmos no campus da Unifesspa de São Félix do Xingu, mas tivemos que interromper o trabalho por determinação da administração do Campus e no dia 20 de março de 2020, o consultor viajou para a aldeia por determinação dos órgãos de saúde, o que nos impossibilitou a continuidade da gravação.

No período de março a julho de 2020, ficamos sem perspectiva de quando poderíamos retornar à aldeia para coletar os dados, até recebermos mensagem via WhatsApp do consultor BMK de 43 anos, da aldeia Karema, localizada no rio Iriri, que havia conhecido durante uma

das viagens de volta da aldeia e combinar com ele a possibilidade de realizarmos o trabalho de coleta por este meio de comunicação.

Diante do impedimento do acesso às aldeias, tentamos a estratégia de coletar os dados por meio de trabalho via WhatsApp. Desde agosto de 2020, o consultor BMK vem fornecendo dados e esclarecendo dúvidas referentes a textos escritos em Mëbêngôkre e de outras gravações que realizamos em datas anteriores, o que tem ajudado a diminuir as dificuldades para prosseguirmos com a seleção de dados.

No entanto, apesar da disponibilidade do informante BMK de ajudar nas atividades com a coleta dos dados, temos enfrentado muitas dificuldades, pois, como ele está na aldeia, a conexão de internet constantemente dá problema. Embora, a dificuldade maior seja quanto a forma de coletar os dados, uma vez que, nem sempre é possível esclarecê-lo quanto ao que ele realmente precisa responder.

O mais comum foi conseguir que o informante escrevesse os dados e em alguns poucos momentos, ele mandou áudio, o que facilitou e tornou mais proveitoso o entendimento. A dificuldade maior foi conseguir algum dado em forma de texto, pois, ele parecia ter mais resistência para essa produção. Na reta final ainda tentei fazer chamadas de vídeo para conversarmos, mas a internet do consultor não suportava tal atividade.

Os dados coletados nas etapas de campo foram gravados em gravador digital Olympus Linear PCM Recorder LS-10. As gravações foram realizadas com consultores com a utilização de elicitación, de fala controlada e de fala espontânea. Os dados foram transcritos com o auxílio dos consultores, que ajudaram a tirar dúvidas e acrescentavam informações que não ficaram claras nas gravações.

Os dados coletados foram transcritos e organizados no programa Transcriber e estão selecionados por consultor e por localidade onde foram coletados. Os dados estão identificados em nome do autor desta tese e serão guardados em arquivo digital na seção de estudos linguísticos, no Acervo de Línguas Indígenas, que fica localizado no Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém (PA).

As fontes dos dados do Mëbêngôkre citados nesta tese são oriundos de pesquisa de campo realizada pelo autor deste trabalho e, quando as fontes citadas não forem de autoria própria serão identificados os seus respectivos autores. Os dados foram transcritos tomando como base o Alfabeto Fonético Internacional (IFA), versão atualizada de 2005<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Alphabet Phonetic International.

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto\\_fon%C3%A9tico\\_internacional](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_fon%C3%A9tico_internacional). Acesso em: 09 mar. 2020.

A tese está estruturada em seis capítulos. O primeiro capítulo, a introdução, faz um panorama geral sobre o trabalho e sobre o detalhamento de como foram realizadas as etapas de campo e a coleta dos dados.

O segundo capítulo aborda informações relativas à etnografia do povo e dos trabalhos descritivos que já foram realizados sobre a língua Mëbêngôkre.

O terceiro capítulo apresenta a categoria dos verbos na língua e inclui uma descrição da noção de transitividade, considerando os verbos intransitivos, intransitivos com oblíquo, transitivos e transitivos com oblíquo. Este capítulo introduz também a noção de sujeito, que será central para a discussão da marcação canônica e não-canônica dos argumentos A/S do predicado, descrita nos capítulos quatro e cinco.

O quarto capítulo descreve a marcação canônica dos argumentos e as estratégias utilizadas na língua, com foco na marcação de caso nominal, indexação de pessoa no verbo e ordem de constituintes, bem como nos padrões de alinhamento morfossintático apresentado pelos argumentos: nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo e nominativo-absolutivo.

O quinto capítulo descreve o sujeito na língua Mëbêngôkre, considerando os argumentos A/S como sujeitos marcados canônica e não-canonicamente. O destaque deste capítulo é para os sujeitos não-canônicos, dativo e locativo, que são expressos na forma de sintagma posposicional, composto de um pronome ou de um nominal, seguidos pelas posições *mã*, *kãm*, *jã* e *bê*.

Finalmente, o sexto capítulo faz a conclusão do trabalho, retomando os principais tópicos que foram abordados ao longo dos capítulos.

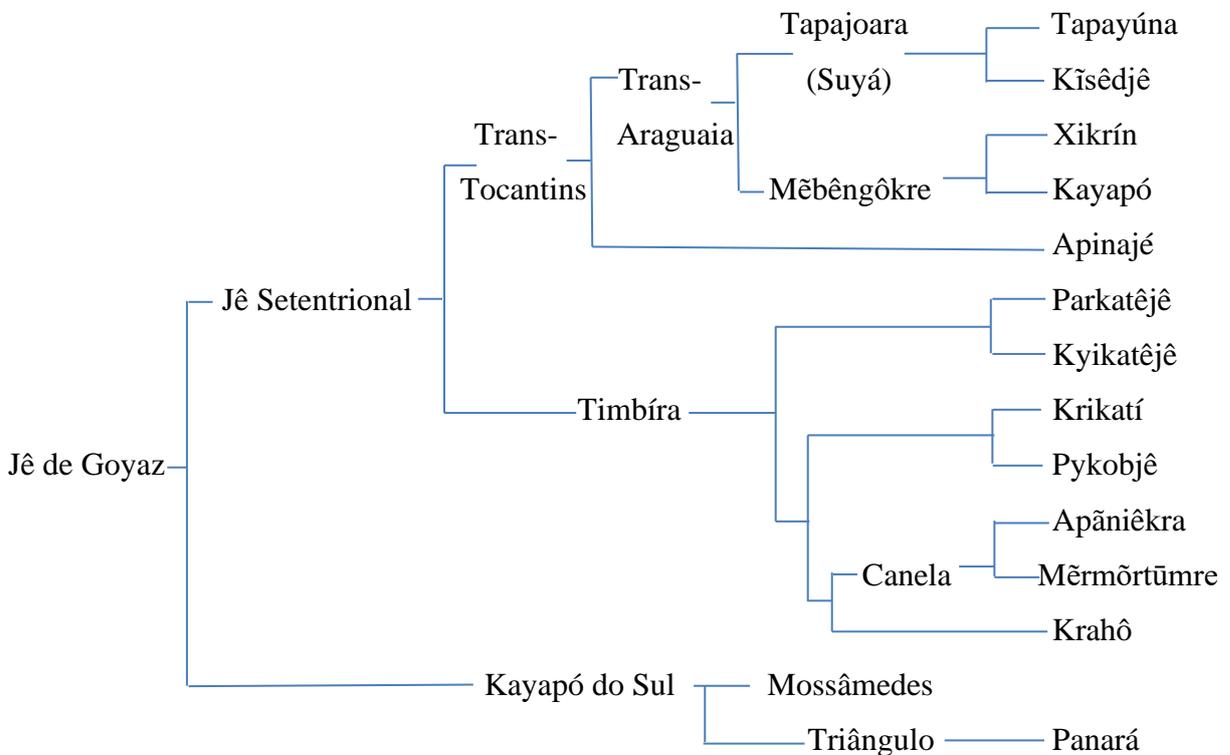
## 2 PRELIMINARES SOBRE A LÍNGUA MĚBĚNGÔKRE

Neste capítulo, apresentaremos um resumo sobre o lugar do MĚbĚngôkre no agrupamento de línguas da família Jê, sobre o inventário das consoantes e vogais, além de informações de cunho fonético-fonológico e também morfossintático e lexical. Apresentaremos ainda informações etnográficas e de alguns trabalhos acadêmicos, tais como teses, dissertações e artigos, realizados sobre a língua MĚbĚngôkre.

Nas últimas décadas foram apresentadas algumas propostas para o agrupamento das línguas da família Jê (RODRIGUES, 1986; LAPIERRE; BARDAGIL-MAS; SALANOVA, 2016; NIKULIN, 2020), entre outras. A opção pelas figuras 1 e 2, extraídas da tese de Nikulin (2020), para representar o subagrupamento da família Jê, é por esta ser a proposta mais atual e com maior grau de detalhamento das informações.

A figura 1 a seguir, exhibe o MĚbĚngôkre como uma das línguas que compõem o sub-ramo Jê de Goyaz, conforme proposta de Nikulin (2020).

**Figura 1:** Subagrupamento da família Jê de Goyaz.

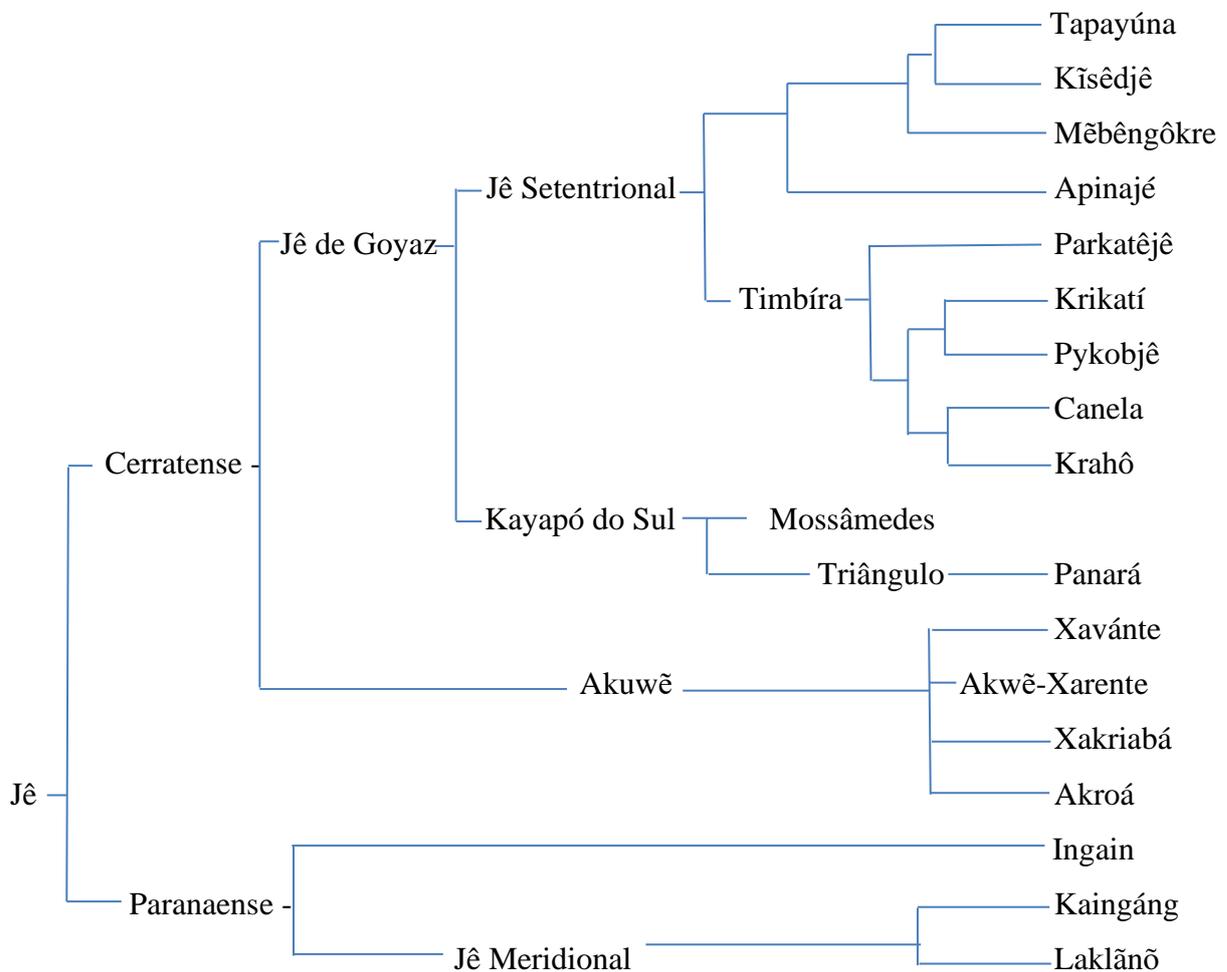


Fonte: Nikulin (2020, p. 7).

Observa-se na figura 1, que a língua Mëbêngôkre inclui as variedades Xikrin e Kayapó, e faz parte do conjunto de línguas que compõem o ramo Jê Setentrional. Observa-se ainda na figura 1, acima, que em relação à afiliação genealógica da família Jê, o Mëbêngôkre, o Kîsêdjê e o Tapayúna formam o ramo das línguas do Trans-Araguaia e estas três línguas juntamente com o Apinajé fazem parte do ramo Trans-Tocantins. O resultado da junção das quatro línguas do ramo Trans-Tocantins com as línguas do complexo Timbira forma o subagrupamento Jê Setentrional (NIKULIN, 2020, p. 83).

A figura 2 a seguir, exibe a estrutura das línguas da família Jê, com a representação dos seus respectivos subagrupamentos, baseada na proposta de Nikulin (2020).

**Figura 2:** Subagrupamento da família Jê.



Fonte: Nikulin (2020, p. 83).

No trabalho sobre reconstrução fonêmica das línguas Jê do Norte, Lapierre, Bardagil-Mas e Salanova (2016) apresentam o inventário consonantal e vocálico das línguas Panará, Timbira (Apãniekra), Kîsêdjê, Tapayúna, Apinajé e Mëbêngôkre.

De acordo com o inventário fonológico das consoantes, o Mëbêngôkre apresenta a seguinte constituição, conforme quadro 1 a seguir.

**Quadro 01:** Fonemas consonantais do Mëbêngôkre.

	<b>Bilabial</b>	<b>Alveolar</b>	<b>Palatal</b>	<b>Velar</b>	<b>Glotal</b>
<b>Oclusiva surda</b>	p	t	tʃ	k	ʔ
<b>Oclusiva sonora</b>	b	d	dʒ	g	
<b>Nasal</b>	m	n	ɲ	ŋ	
<b>Aproximante</b>	w	r	j		

Fonte: Salanova (2001, p. 20); Lapierre, Bardagil-Mas e Salanova (2016) [adaptado].

O quadro 1 apresenta as consoantes do Mëbêngôkre, totalizando dezesseis segmentos fonológicos, com os seguintes pontos de articulação: labial, alveolar, palatal, velar e glotal e, com os seguintes modos de articulação: oclusivas surda/sonora, nasal e aproximante.

A diferença do inventário de Lapierre, Bardagil-Mas e Salanova (2016) em relação ao de Salanova (2001) é que, no inventário de Lapierre; Bardagil-Mas e Salanova (2016) o que está descrito como nasal e aproximante, em Salanova (2001) está descrito como soante nasal e soante oral, respectivamente.

Já para o inventário das vogais, o Mëbêngôkre apresenta a seguinte constituição, conforme apresentado no quadro 2 a seguir.

**Quadro 02:** Vogais orais e nasais do Mëbêngôkre.

	<b>Vogais orais</b>			<b>Vogais nasais</b>		
	anterior	central	posterior	anterior	central	posterior
alta	i	ɨ	u	ĩ	ĩ̃	ũ
média-alta	e	ɛ	o	ẽ	ʌ	õ
média-baixa	ɛ	ʌ	ɔ	ã		
baixa		a				

Fonte: Lapierre, Bardagil-Mas e Salanova (2016); Salanova e Nikulin (2020) [adaptado].

O sistema vocálico do Mëbêngôkre apresenta dez vogais orais, distribuídas da seguinte forma: altura *altas*, *médias-altas*, *médias-baixas* e *baixa*; posição da língua em relação ao palato *anteriores*, *centrais* e *posteriores*. São sete vogais nasais, distribuídas da seguinte forma: altura *altas*, *médias-altas* e posição da língua em relação ao palato *anteriores*, *centrais* e *posteriores*.

Em relação ao sistema vocálico do Mëbêngôkre, a vogal alta central foi descrita por Lapierre, Bardagil-Mas e Salanova (2016) com a forma /uu/. No entanto, neste trabalho, adotamos a forma /i/, por considerarmos que este fonema ocorre na posição central do trato

vocal e não na posição mais posterior, como indica a notação /u/, utilizada pelos autores supracitados.

Uma observação sobre as vogais nasais é que a vogal nasal média-alta central ‘ʌ’ figura no quadro dois de Salanova; Nikulin, (2020, p 65-6), mas não está descrita no inventário de Lapierre; Bardagil-Mas; Salanova, 2016).

Em relação à sonorização, consoantes oclusivas surdas sonorizam em nasais tanto em *coda* quanto em *onset*. A mudança do modo de articulação de oclusiva para nasal na sonorização parece apresentar certa regularidade. É possível que isso ocorra em razão de as consoantes oclusivas sonoras não apresentarem produtividade tão alta nesta língua, assim como ocorre com as línguas da família Jê, que apresentam apenas as oclusivas surdas.

Nos exemplos de (001) a (003), as oclusivas surdas [p], [t] e [k], sonorizaram em [m], [n] e em [ŋ], respectivamente (GOMES, 2020)<sup>4</sup>. Formas das palavras cujo segmento final foi sonorizado: *arip*, *prõt* e *piʔôk*.

001    *arip*    *mēm̃i*            bʌ    kãm    tẽ  
           *ari*    *mēm̃i*            bʌ    kãm    tẽ  
           ADV    homem            mato    LOC    ir  
           ‘O homem foi caçar.’ (elicitação)

002    *ta*    *wã*    *nẽ*    *mēm̃i*            *prõt*            *ɲipej*  
           *ta*    *wã*    *nẽ*    *mēm̃i*            *prõn*            *ɲipej*  
           3SG    DEM    NFUT    homem            correr.N            fazer  
           ‘Ele fez o homem correr.’ (elicitação)

003    *ba*    *nẽ*    *ba*    *piʔôkjarẽdʒwiy*            *mã*    *piʔôk*    *ŋã*  
           *ba*    *nẽ*    *ba*    *piʔôkjarẽdʒwiy*            *mã*    *piʔô*    *ŋã*  
           1SG    NFUT    1SG    aluno                            DAT    papel    dar.V  
           ‘Eu dei o livro para o aluno.’ (elicitação)

Em (001) a oclusiva bilabial surda final [p], em *arip*, sonorizou em [m] quando seguida pela nasal [m]. Neste caso, observa-se que [p] assimila todos os traços do segmento [m], ocorrendo a assimilação total, com conseqüente queda do segmento sonorizado. Em (002) o

<sup>4</sup> Apenas nos exemplos (001 a (003) , utilizaremos a notação com quatro (4) linhas, para indicar a pronúncia das palavras em destaque. Nos demais exemplos nesta tese, usaremos a notação com três linhas.

segmento alveolar [t], em *prôt*, ocorre antes do segmento palatal [ɲ]. Neste caso [t] assimilou os traços de sonoridade [+sonoro] e de nasalidade [+nasal] do segmento [ɲ], sonorizando em [n]. Em (003) a oclusiva velar surda [k], em *piʔôk*, sonorizou em [ŋ], quando seguida pelo próprio [ɲ]. Neste caso houve a assimilação regressiva total dos traços [+sonoro], [+nasal] e [+soante] do segmento [ɲ], com conseqüente queda do segmento sonorizado.

Em relação à morfossintaxe, observa-se que é muito recorrente o padrão de marcação do sujeito duplicado, coocorrendo o pronome nominativo e o prefixo de pessoa no verbo, conforme exemplos (004) e (005) a seguir.

	TOP		S		s-V
004	ba	nẽ	ba	i-kəkət	
	1SG	NFUT	1SG	1SG-sorrir	
	‘Eu sorri/estou sorrindo. (elicitção)				

	TOP		S		s-V
005	ba	nẽ	ba	i-kəkət	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG-rir	NEG
	‘Eu não sorri/não estou sorrindo. (elicitção)				

Em relação à fonologia e à morfossintaxe, as variedades do Mëbêngôkre (Xikrin e Kayapó) não apresentam diferença significativa, no entanto, em relação ao léxico ocorre uma discreta diferença. No quadro 3 a seguir (cf. SALANOVA, 2001, p. 16; SALANOVA; NIKULIN, 2020, p. 71), há o registro de seis palavras que variam do Xikrin para o Kayapó.

**Quadro 03:** Palavras do Xikrin e do Kayapó.

<b>Xikrin</b>	<b>Kayapó</b>	<b>Português</b>
bɛnɔɾɔ	tɛp ikot	tucunaré
wɔʃi	kaɟɔto	linha de pescar
tɛɟɔ	tɛkre	coxa
abɔm	akubam	de volta
ɔrina	ɔnija	longe (pred.)
watkoko	warkokɔ	cachimbo

Fonte: Salanova (2001); Salanova e Nikulin (2020) [adaptado pelo autor]

Uma área do léxico Mëbêngôkre onde se observa também a diferença entre as duas variedades é em relação aos numerais. Estes são bastante limitados, em geral a lista de numerais vai até o número cinco e, a partir deste número são feitas associações para formar números maiores, tais como dois mais um para formar três e assim por diante. Xikrin e Kayapó apresentam diferenças em relação aos numerais, conforme exposto no quadro 4 a seguir.

**Quadro 04:** Numerais do Xikrin e do Kayapó.

<b>Xikrin</b>	<b>Kayapó</b>	<b>Português</b>
pidzi	pidzi	um
amë	ajmajkrūt	dois
amë ikje ket	ajmajkrūt në ikjê ket	três
amë amë	ajmajkrūt në ajmajkrūt	quatro
amë amë ikje ket	ajmajkrūt në ajmajkrūt në ikjê ket	cinco

Fonte: Costa (2015), para o Xikrin; Próprio autor, para o Kayapó.

As palavras identificadas como numerais na língua Mëbêngôkre é resultado da associação das palavras *pidzi* ‘sozinho’ e *ajmajkrūt/amë* ‘par, dupla’. O numeral *ajmajkrūt/amë* duplicado gera os números pares e, o resultado dos números duplicados mais o acréscimo de *ikjê ket*, gera os numerais ímpares.

No exemplo (006) a seguir, temos um caso do numeral dois que é repetido para formar o numeral quatro.

006    ajmajkrūt    në    ajmajkrūt    në    dza    ga    ari    amrë    tẽ  
dois            CONJ    dois            CONJ    FUT    2SG    PAUC    ?    ir  
‘Quatro pessoas virão.’ (fala livre)

Aparentemente as poucas diferenças lexicais que ocorrem entre o Xikrin e o Kayapó não chegam a configurar uma diferença a ponto de identificar essas variedades como línguas distintas, mas sim como variedades da mesma língua.

## 2.1 INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Nesta seção serão descritas informações de cunho etnográfico a respeito da formação do povo Mëbêngôkre.

Assim como outros povos indígenas do Brasil que têm dois nomes, um que é a denominação do próprio povo (autodenominação) e o outro que é dado por pessoas externas ao povo, geralmente aqueles com os quais os indígenas mantiveram os primeiros contatos, os Mëbêngôkre também são chamados de Kayapó<sup>5</sup>. Assim Mëbêngôkre é a autodenominação, enquanto Kayapó é a denominação dada por pessoas externas ao povo, tanto indígenas quanto não-indígenas.

Os Xikrin também se autodenominam Mëbêngôkre. Segundo Lea (2012), até 1800, Kayapó e Xikrin habitavam a mesma região do rio Araguaia entre os estados do Tocantins<sup>6</sup> e do Pará. Para Salanova (2001), apesar de os Kayapó não se considerarem Xikrin e vice-versa, ambos se reconhecem como Mëbêngôkre. Apesar de terem sido inimigos no passado, hoje Xikrin e Kayapó convivem de forma harmoniosa e mantêm constante contato, inclusive por meio de união matrimonial. Prova disso, na festa do índio de 2019, na aldeia Moxkàràkô, pudemos constatar a presença de algumas famílias compostas por Xikrin e Kayapó.

O Mëbêngôkre é uma língua da família Jê, que pertence ao subagrupamento Jê Setentrional. Esta é falada pela nação Kayapó, no Pará e no Mato Grosso e pela nação Xikrin, no Pará. Os Kayapó habitam em Terras Indígenas localizadas no Sul do Pará e no Norte do Mato Grosso. No Pará estão localizados entre os municípios de Altamira, Bannach, Cumaru do Norte, Ourilândia do Norte e São Félix do Xingu. No Mato Grosso, os Kayapó estão localizados entre os municípios de Matupá e Peixoto de Azevedo. Os Xikrin se dividem em Xikrin do Cateté e Xikrin da trincheira Bacajá. Os Xikrin do Cateté estão localizados entre os municípios de Água Azul, Marabá e Parauapebas. Os da trincheira Bacajá estão localizados próximo ao município de Altamira (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2019).

De acordo com SIASI/SESAI (2014), são 11.675 Kayapó e, de acordo com Funasa (2010), são 1.818 Xikrin, totalizando 13.493 Mëbêngôkre, segundo dados disponíveis no site do Instituto Socioambiental (2019). Os Mëbêngôkre habitam em aldeias que variam de tamanho, algumas com aproximadamente 440 pessoas e outras com aproximadamente 87 pessoas, de acordo com dados fornecidos pela CASAI/SESAI de São Félix do Xingu, no ano de 2018.

Pelos dados apresentados acima, observa-se que houve um crescimento da população e das aldeias Mëbêngôkre nos últimos 50 anos, pois, de acordo com Thomson e Stout (1974), entre os anos 1965 e 1970, a população Kayapó era em torno de 1.500 e habitavam em apenas sete aldeias.

---

<sup>5</sup> Essa distinção já foi feita em trabalhos anteriores sobre a língua (REIS SILVA, 2001; SALANOVA, 2001; COSTA, 2015).

<sup>6</sup> Na época, o atual Estado do Tocantins fazia parte do Estado de Goiás.

Durante nossa estada em campo, observamos que em geral, os homens jovens e adultos falam o português, pois são eles que mantêm relação mais intensa com a cidade e as relações de negócio com os não-indígenas, no entanto, os idosos, as mulheres e as crianças demonstram não compreender bem o português, já que grande parte destes fala apenas algumas palavras. Por isso, a presença de um homem jovem ou adulto facilita diálogo nesta língua. Os Mëbêngôkre falam sua língua nativa, desde criança e esta é transmitida intergeracionalmente.

Considerando a ameaça histórica que sofrem as línguas minoritárias no mundo, em decorrência de demandas socioeconômicas, o Mëbêngôkre também sofre essa pressão, consequência de atividades como exploração de madeira, garimpo etc., o que atinge diretamente o modo de vida da população. Como consequência desse processo de exploração, a língua sofre crescente ameaça de perda de importância para os seus falantes frente ao português.

Em 2003, a Unesco estabeleceu nove critérios para medir o grau de perda sofrido pelas línguas ameaçadas no mundo. Se considerarmos os critérios referentes à proporção de falantes da língua em relação à população, a língua Mëbêngôkre ainda estaria pouco ameaçada, já que pelo que observamos, a maioria da população ainda a utiliza cotidianamente. No entanto, em relação aos critérios de domínio de uso da língua, a ameaça seria maior, haja vista as novas gerações estarem sendo atraídas pela língua envolvente.

Sobre os demais critérios estabelecidos pela Unesco (2003), podemos observar que em relação aos materiais disponíveis para a educação na língua, embora existam, parecem pouco satisfatórios para alcançar resultados satisfatórios como a manutenção da vitalidade da língua, por exemplo. O quadro docente que trabalha nas aldeias de São Félix do Xingu já conta com professores com formação, inclusive, a nível de pós-graduação *strictu sensu*, no entanto, ainda há muito o que fazer para que a educação oferecida nas aldeias atenda às necessidades específicas dos indígenas.

A Unesco (Op. cit.) adotou também seis graus de vulnerabilidade de uma língua, que são: não ameaçada, vulnerável, ameaçada, seriamente ameaçada, em situação crítica e extinta. Por essa definição consideramos que a língua Mëbêngôkre pode ser considerada uma língua vulnerável, pois ainda é transmitida como língua materna para as crianças, variando de acordo com a situação de uso, no entanto, se não forem implementadas as ações que evitem a desvalorização da língua, em pouco tempo pode passar de vulnerável a ameaçada, estágio em que a língua é falada majoritariamente pelos pais e avós.

A documentação linguística disponível sobre a língua Mëbêngôkre pode ser considerada razoável em termos de quantidade (pelo que sabemos há duas teses de doutorado publicadas e algumas em preparação; em torno de uma dezena de dissertações de mestrado publicadas e

vários artigos publicados). A questão é saber se esses materiais são apropriados e se são utilizados pelos professores que atuam nas aldeias. Um ponto importante sobre isso é que alguns desses trabalhos publicados e em andamento estão sendo realizados por alguns professores que atuam nas aldeias, o que pode ajudar na facilitação do processo educacional, embora não seja nenhuma garantia.

Se pensarmos no critério das políticas relacionadas ao fortalecimento da língua, duas ações governamentais importantes foram implementadas no município de São Félix do Xingu. A primeira foi a criação do Campus Universitário da Unifesspa que iniciou com o curso de Letras, que tem como objetivo potencializar a valorização da língua indígena local, por meio de pesquisas voltadas para o melhor conhecimento dos aspectos linguísticos, culturais, educacionais etc.. A segunda foi a aprovação em 2019, da Lei 571, que cooficializou a língua Mëbêngôkre, com o objetivo de implementá-la nos espaços públicos, no prazo de cinco anos.

Em relação ao estabelecimento dos Mëbêngôkre no atual território, a literatura relata que ocorreu como resultado da defesa aos ataques que estes sofreram em confrontos com caçadores de escravos portugueses no século XIX e posteriormente por pessoas interessadas em se apossar das suas terras, a fim do estabelecimento de empreendimentos com interesses comerciais. Como consequência disso, os Mëbêngôkre iniciaram no século XX deslocamento em direção ao Oeste (LEA, 2012), mais especificamente para o Sul do Estado do Pará e Norte do Estado do Mato Grosso.

Os grupos passaram a seguir diferentes orientações, alguns aceitando pacificamente manter relação com os invasores e outros fugindo em busca de refúgio (LEA, 2012). Ainda de acordo com Lea (Op. cit., p. 62): ‘desde 1800 os Mëbêngôkre passam por um processo de cisão de suas grandes aldeias entre os rios Araguaia e Tocantins, com a criação de muitas pequenas aldeias ao longo dos rios’. Esses fatos fizeram com que se dividissem em dois grandes grupos: Os Irã’ãmrãire e os Gorotire.

Os Gorotire se dividiram por volta da virada do século. Um de seus segmentos foi para o oeste do Xingu e tornou-se o ancestral das várias comunidades contemporâneas de Mekranoti e Mentuktire do Xingu. O resto do grupo permaneceu no local original da aldeia perto da cachoeira da Fumaça, no Riozinho do Anfrísio, um tributário da margem leste do Xingu. (CUNHA, 1992).

O confinamento dos Mëbêngôkre/Kayapó na região do Sudeste do Pará foi uma alternativa, em um primeiro momento, encontrada pelo povo para evitar o contato com o colonizador, pois, do contrário poderiam ter sido dizimados, se não por ataques com armas de fogo, mas por epidemias, já que não tinham imunidade contra as doenças do homem branco.

Os Irã'ãmrãire que aceitaram o contato pacífico com os brancos, em pouco tempo foram extintos (LEA, 2012).

Em se tratando dos Gorotire, a migração aconteceu em duas etapas. A primeira foi a migração para o Oeste que se deu com a separação dos outros grupos Mëbêngôkre que ficou na região do Araguaia-Tocantins, e a segunda, desta região em direção ao rio Xingu e seus afluentes, com a criação de muitas aldeias, mas pouco populosas. Esta migração possibilitou a futura criação de uma reserva relativamente maior.

Em 1900, os Mëbêngôkre do Sudeste do Pará habitavam a aldeia Pykatôti no cerrado, às proximidades da cabeceira do Riozinho, com aproximadamente 2000 pessoas, segundo Lea (2012), quando houve uma cisão e estes se dividiram em três grupos: Kararaô, Kubêkrâkênh e Gorotire. Os dois últimos ficaram entre o Riozinho e o Rio Fresco e os Kararaô, que hoje já são considerados extintos, foram para as proximidades do atual município de Altamira.

Considerando apenas os Mëbêngôkre/Kayapó do Estado do Pará na atualidade, eles estão distribuídos em uma área de 3.284ha, segundo dados disponíveis no site do Instituto socioambiental (2019), entre os municípios de Altamira, Bannach, Cumaru do Norte, Ourilândia do Norte e São Félix do Xingu. Estes Mëbêngôkre/Kayapó estão divididos em aldeias como Kubêkrâkênh, Kokraxmôr e Moxkàràkô<sup>7</sup>, com uma população total de 4.548 habitantes (SIASI/SESAI, 2014).

Pelo que pudemos observar nas vezes em que fomos a algumas aldeias Mëbêngôkre localizadas no município de São Félix do Xingu, os indígenas conservam parte das suas tradições culturais e de seu modo de vida tradicional. A dança é bastante presente nas comunidades. Atividades tradicionais como a caça, a pesca e a roça, por exemplo, ainda sobrevivem, como importante fonte de alimento nas aldeias, em concorrência com o consumo de alimentos industrializados de toda ordem.

A respeito do consumo de alimentos industrializados pelos Mëbêngôkre, na tese de Costa (2015, p. 22), há a menção a essa mudança:

Atualmente, o consumo de alimentos industrializados e o intenso consumo de açúcar têm gerado sérios problemas à saúde dos Xikrín do Cateté<sup>8</sup>, como os inúmeros casos de pessoas com diabetes. Há necessidade urgente de realização de campanhas educativas que esclareçam sobre o consumo de alimentos industrializados e o perigo que podem causar à sua saúde.

<sup>7</sup> Estas aldeias fazem parte da TI Kayapó. Além desta, existe a Mëkragnoti, Mëtiktire e Badjonkore (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2019).

<sup>8</sup> Embora na citação a referência seja feita aos Xikrin, a informação é válida para os Kayapó, pois essa realidade se impõe às duas etnias.

O modo de vida tradicional varia de uma aldeia para outra, mas em geral muito já se perdeu após o contato com os não-indígenas. O estilo de vida nômade deu lugar ao sedentarismo, como pode ser observado nas palavras de Cunha (1992, p. 323), em que ‘as aldeias Kayapó antes da pacificação tendiam a mudar-se regularmente a cada período de dois a cinco anos. Uma mesma comunidade podia ter até uma dúzia de locais de aldeamento e ocupar a maioria deles ao longo de um período de vinte anos’.

A instalação de serviços nas aldeias tais como postos de saúde, escolas e a migração de muitas famílias para as cidades próximas como São Félix do Xingu, Tucumã e Ourilândia, a fim de conseguir ‘benefícios’ socioeconômicos, alterou em muito o modo de vida. Mas o fato de os que mudam para a cidade não perderem o contato definitivo com suas aldeias ainda permite que conservem parte da cultura ancestral.

Desde o século XIX já foram publicados vários trabalhos sobre o povo e a língua Mëbêngôkre. Trabalhos antropológicos e linguísticos, desde então, proporcionam informações sobre a vida e manifestações culturais. Os trabalhos referentes à língua começaram a ser publicados nos anos 1900 com destaque para estudos gramaticais, e a partir dos anos 1990 tomaram uma feição mais acadêmica, conforme será mostrado na seção a seguir.

## 2.2 ESTUDOS GRAMATICAIS REALIZADOS

Nesta seção serão pontuados, em ordem cronológica, alguns trabalhos de descrição que já foram realizados sobre a língua Mëbêngôkre. Com atenção particular aos trabalhos referentes ao aspecto morfossintático.

No levantamento de estudos realizadas sobre a língua Mëbêngôkre, constatamos que já existe uma considerável publicação de trabalhos acadêmicos que tratam da descrição dos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos da língua Mëbêngôkre, além de trabalhos de missionários ligados ao Instituto Linguístico de Verão (SIL), Missão Cristã Evangélica do Brasil (MICEB) e à igreja católica. Dentre os trabalhos, pode-se destacar alguns, tais como:

O ensaio de *Grammatica Kayapó*, do padre Sala (1920), com dados sobre a fonologia, a taxonomia e a sintaxe.

A gramática pedagógica do Kayapó, de autoria de Jefferson (1989), autora ligada ao Instituto Linguístico de Verão (SIL), que tem como proposta ensinar a língua Mëbêngôkre para pessoas externas à comunidade de falantes nativos.

A dissertação de mestrado de Borges (1995), em que a autora descreve os ‘Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó’, enfatizando as características que definem cada um, bem como a morfossintaxe das relações genitivas.

A dissertação de mestrado de Salanova (2001) descreve ‘A nasalidade em Mëbêngôkre e Apinagé: o limite do vozeamento soante’, com a proposta de descrição dos sistemas fonológicos das duas línguas, mostrando a proximidade que as duas línguas apresentam e a discussão crítica da noção de sistema fonológico nessas línguas.

A dissertação de mestrado de Reis Silva (2001), em que a autora trata de ‘Pronomes, ordem e ergatividade em Mëbêngôkre (Kayapó)’, com foco na descrição e análise do fenômeno da ergatividade em Mëbêngôkre.

A dissertação de Costa (2003) com o título ‘Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrin: contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê’. Neste trabalho o autor tem por objetivo mostrar que a cisão no alinhamento tem relação com a forma nominal ou verbal do núcleo do predicado.

A tese de doutorado de Salanova (2007), na qual o autor aborda o tema ‘Nominalizações e aspecto em Mëbêngôkre’. Nesse estudo o autor desenvolveu a proposta de análise em que apresenta a oposição entre uma forma verbal, em que o verbo é tratado como verbo na sua forma prototípica, com alinhamento nominativo-acusativo e outra forma nominal do verbo, em que o verbo funciona como nome, com alinhamento ergativo-absolutivo.

A tese de doutorado de Costa (2015) com o título ‘Uma descrição gramatical da língua Xikrin do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)’, que tem como objetivo aprofundar a descrição de aspectos gramaticais da língua, com foco nas classes de palavras, nos tipos de predicados, na manifestação de alinhamento, dentre outros, com a perspectiva de aplicação desses estudos no processo de ensino da língua para os próprios falantes, nas escolas das aldeias.

O artigo ‘A história que conta o léxico Mëbêngôkre’, de autoria de Salanova e Nikulin (2020), tem o propósito de identificar o léxico de origem não nativa na língua, inseridos através de contatos com outros povos Jê e povos indígenas de outras famílias linguísticas como os Iny/Karajá, os Yudjá/Juruna, os Apyãwa/Tapirapé, os Panará, os Arara e os povos Tupí-Guaraní e do português.

O artigo ‘Processos morfofonológicos em Mëbêngôkre’ de Gomes (2020) trata de alguns processos morfofonológicos que ocorrem em Mëbêngôkre, envolvendo a sonorização das oclusivas surdas /p/, /t/ e /k/ em *coda* silábica, quando ocorrem em fronteira de palavras. Neste artigo, o autor mostra que as oclusivas surdas ao sonorizarem, no ambiente mencionado,

mudam o modo de articulação de oclusivo para nasal, ao contrário das oclusivas sonoras que sofrem uma série de restrições.

A presente tese de doutorado acrescenta, aos trabalhos anteriores sobre Mëbêngôkre, dados sobre alinhamento morfossintático e sobre o sujeito que recebe marcação diferencial, o qual é analisado como um argumento que não é expresso por um pronome independente e nem por um prefixo de pessoa marcado no predicado, mas pelas posições dativa e locativa. Os dados são provenientes de consultores indígenas de aldeias Mëbêngôkre/Kayapó do município de São Félix do Xingu.

A identificação e descrição dos alinhamentos nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo não é novidade, uma vez que já foram tratados por Reis Silva (2001) e por Salanova (2007) para o Kayapó; assim como o ergativo-absolutivo e nominativo-absolutivo, por Costa (2003) e por Costa (2015) para o Xikrin. Porém, o alinhamento nominativo-absolutivo, ainda carecia ser descrito e analisado mais atentamente, pois a motivivação para a sua realização é a duplicação do S pelo nominativo.

O outro tópico a ser abordado nesta tese é ocorrência do sujeito não-canônico, que são aqueles que ocorrem quando os argumentos A/S são marcados, não por pronomes independentes ou indexados, mas com uma posposição. Este tipo de sujeito, embora já tenha sido descrito por Reis Silva (2001); Salanova (2007) e Costa (2015), dentre outros, também carecia ser descrito e analisado com maior atenção.

Os tópicos sobre alinhamento nominativo-absolutivo e sujeito com marcação diferencial apresentam a forma de marcação incomum do sujeito, diferentes do que já foi apresentado nos trabalhos anteriores sobre a língua Mëbêngôkre. Esses tópicos serão explorados de forma mais sistemática, nos capítulos quatro e cinco desta tese, respectivamente.

### 3 MORFOSSINTAXE MĚBĚNGÔKRE

Este capítulo tem o objetivo de descrever alguns dos aspectos morfofossintáticos que ocorrem em Měbêngôkre, com ênfase na classe de verbos, considerando a classificação e a forma como estes, na condição de núcleo do predicado, licenciam seus argumentos. Será discutido sobre as classes de verbo, nome, advérbio e as classes de pronome, adposição, demonstrativo, conjunção e interjeição. Será tratado também sobre as partículas que marcam tempo, aspecto, modo e evidencialidade em Měbêngôkre.

A descrição apresentada neste capítulo terá como base teórica os trabalhos de Hopper e Thompson (1980); Comrie (1989); Payne (1997); Givón (2001); Dryer (2007); Schachter e Shopen (2007), assim como trabalhos já realizados sobre a morfofossintaxe das línguas da família Jê, em especial aquelas da família Jê do Goyaz, da qual o Měbêngôkre faz parte (NIKULIN, 2020, Op. cit.).

Estudos tipológicos referem o verbo entre as principais classes de palavras das línguas do mundo, ao lado de nome, adjetivo e advérbio. Sendo que dentre essas classes de palavras, nome e verbo são considerados universais (PAYNE, 1997; SCHACHTER e SHOPEN, 2007). Já o adjetivo é tratado em algumas línguas como uma classe aberta, mas em outras, não é classificado como uma classe distinta, e sim como uma subcategoria de nome ou de verbo, com as características próprias dessas respectivas classes. Por outro lado, a classe de advérbio não se apresenta com regularidade em todas as línguas (GIVÓN, 2001).

A questão da universalidade da distinção da classe de verbo foi questionada. Por exemplo, a língua Nootka foi, por muito tempo, considerada um exemplo muito conhecido da carência de distinção nome-verbo, com base na análise de Morris Swadesh publicada no final da década de 1930 (SWADESH, 1939 *apud* SCHACHTER; SHOPEN, 2007). No entanto, na década de 1970, novos estudos indicaram que a língua Nootka, embora faça distinção menos clara que as outras línguas entre nome e verbo, ainda assim ela apresenta distinção razoável dessas categorias (JACOBSEN, 1976 *apud* SCHACHTER; SHOPEN, 2007).

Devido à importância da definição das classes de palavras, com a adoção de critérios semânticos ou gramaticais, para a descrição das línguas, começamos a próxima seção com uma explanação resumida da classe de verbo em algumas línguas e em seguida em Měbêngôkre.

### 3.1 CLASSES VERBAIS

Esta seção apresenta um breve esboço da classe de verbo em Mëbêngôkre, com base em trabalhos sobre o Kayapó (REIS SILVA, 2001; SALANOVA, 2007) e sobre o Xikrin (COSTA, 2015), entre outros trabalhos. Serão tratadas também, nesta seção, as categorias de tempo, aspecto, modo e evidencialidade. A análise dos dados da variedade do Mëbêngôkre de São Félix do Xingu tem como base as análises publicadas sobre as demais variedades da língua.

O verbo tem como função característica ser predicado de oração (SCHACHTER; SHOPEN, 2007), em que figura como núcleo principal, e pode ou não apresentar complementos. No que tange à semântica, os verbos apresentam relações de estado, ações, eventos e processos e, podem ser especificados para diversas categorias, incluindo especificamente: tempo, aspecto, modo, voz, pessoa e polaridade, sendo que estas categorias podem ser expressas morfológicamente. Os verbos são divididos em transitivos e intransitivos, sendo estes subdivididos em ativos e estativos (SCHACHTER; SHOPEN, 2007).

Nos exemplos a seguir, observa-se que nas duas orações, tanto a de argumento único (007), quanto a de dois argumentos (008), os verbos *dançar* e *resolver* funcionam como núcleo do predicado.

007 As pessoas *dançaram*<sup>9</sup> (Schachter; Shopen, 2007, p. 9)

008 O estudante *resolveu* o problema<sup>10</sup> (Schachter; Shopen, 2007, p. 9)

Quanto às propriedades morfossintáticas, o verbo apresenta propriedades distribucionais e propriedades estruturais. As propriedades distribucionais dizem respeito à forma como os verbos funcionam nos sintagmas verbais, nas sentenças e nos textos. Por exemplo: podem ser núcleos de sintagmas verbais, predicados de sentenças e codificar eventos em textos. Já as propriedades estruturais dizem respeito à estrutura interna do verbo. Por exemplo: o verbo pode apresentar concordância com o sujeito ou com o objeto, marcação de tempo, de aspecto e de modo (PAYNE, 1997).

O verbo tem função relevante em relação aos papéis semânticos que os constituintes expressam na oração, uma vez que é em função deles que são criados os argumentos nucleares, tais como sujeito, objeto direto, objeto indireto, além dos termos periféricos, como adjuntos.

<sup>9</sup> Trecho original: The people *danced*.

<sup>10</sup> Trecho original: The student *solved* the problem.

Verbo pode, ainda, ser definido em classes semânticas, com a possibilidade de tratamento morfossintático distinto (PAYNE, 1997).

Em relação à sintaxe, o verbo ocorre em diferentes posições na oração. Payne (Op. cit.) argumenta que as línguas apresentam diferenças, pois o verbo pode vir no início, no meio ou no final da sentença. Daí resulta que as línguas apresentam uma das ordens de constituintes a seguir: SPV, SVP, VSP, VPS, PSV ou PVS<sup>11</sup>.

Línguas com ordem de constituintes de núcleo final expressam o verbo no final, sendo este precedido pelo sujeito e pelo objeto, SPV. O exemplo (009) a seguir, da língua Lezgian, é uma mostra dessa ordem.

	S	P	V	
009	Alfija-di	maqala	kxe-na	(Dryer, 2007, p. 61)
	Alfija-ERG	artigo	escrever-AORIST	
	‘Alfija escreveu um artigo’ <sup>12</sup>			

Línguas com a estrutura de oração com verbo final, SPV, ao lado das línguas com a estrutura de verbo medial, SVP, são as mais comuns e estão distribuídas por todos os continentes (DRYER, 2007).

Em relação à marcação morfológica, as línguas utilizam diferentes estratégias para o acréscimo de informações referentes a tempo, aspecto e modo no verbo. Uma dessas estratégias, comumente encontrada nas línguas, é por meio da afixação de morfemas indicativos dessas categorias no verbo. No caso da língua Ute do Uto Aztecan, (GIVÓN, 2001, p. 70), essas informações são codificadas por meio da utilização de sufixos nos verbos.

010 a.	wɛɛka-y	‘Ela/ele está trabalhando’ (progressivo/imediato) <sup>13</sup>
b.	wɛɛka-ka	‘Ela/ele trabalhou’ (perfeito/passado) <sup>14</sup>
c.	wɛɛka-vaani	‘Ela/ele vai trabalhar’ (futuro/irrealis) <sup>15</sup>
d.	wɛɛka-pega	‘Ela/ele trabalhou há muito tempo’ (passado remoto) <sup>16</sup>

<sup>11</sup> S é inicial de sujeito; P, de objeto e V, de verbo.

<sup>12</sup> Trecho original: ‘Alfija wrote an article’

<sup>13</sup> Trecho original: ‘s/he is working’ (progressive/immediate)

<sup>14</sup> Trecho original: ‘s/he (has) worked’ (perfect/past)

<sup>15</sup> Trecho original: ‘s/he will work’ (future/irrealis)

<sup>16</sup> Trecho original: ‘s/he worked long ago’ (remote past)

Nos dados da língua Ute do Uto Aztecan acima, observa-se que os morfemas sufixais *-y*, *-ka*, *-vaani* e *-pʉga*, acrescentados aos verbos, codificam informações referentes a tempo-aspecto-modo.

Verbo é a classe de palavras em Mëbêngôkre que funciona como núcleo do predicado e que mantém relação com a forma de marcação dos argumentos. Assim como as demais línguas da família Jê, o Mëbêngôkre faz distinção entre as formas do verbo longas, não-finitas *versus* curtas, finitas.

Conforme Reis Silva (2001, p. 24) observou ‘somente as raízes que possuem uma forma finita e outra não-finita podem ser consideradas verbo em Mëbêngôkre’. Isso significa que os verbos nesta língua têm sempre a possibilidade de ocorrer na forma verbal ou na forma nominal, necessitando frequentemente nesta última, do acréscimo de morfema, consonantal ou vocálico, no final do verbo.

Assim, quando o núcleo do predicado é expresso na forma verbal, ele não é seguido por outra palavra, logo não registra segmento consonantal ou vocálico no final. Por outro lado, quando o verbo ocorre na forma nominal, ele é seguido por outra palavra e registra um segmento consonantal ou vocálico no final (REIS SILVA, 2001; SALANOVA, 2007; COSTA, 2015), entre outros. As formas verbais finita *versus* não-finita serão mostradas nos exemplos ao longo deste trabalho.

Pode-se concluir que a forma do verbo, verbal *versus* nominal, é na verdade resultado da presença de uma palavra após o verbo, que pode ser uma negação ou outro operador. Esta palavra é que condiciona a forma do verbo, ou seja, se a oração apresentar um verbo final, este terá a forma de um verbo prototípico, ao contrário, se a oração apresentar uma palavra após o verbo, este terá a forma nominalizada. Esta abordagem já foi feita para o Mëbêngôkre/Kayapó por Reis Silva (2001) e por Salanova (2007).

Salanova (2007) postula que as formas aspectuais *ket* ‘negação’, *mã* ‘direcional’, *iri* ‘prospecção’ e *kadz̥i* ‘afirmação’ e, as formas modais *mɛj* ‘bom’, *rãʔã* ‘incompletivo’ e *p̥ir* ‘concluído’ funcionam como predicado, quando ocorrem após o verbo. Neste caso, a oração com verbo lexical funciona como dependente das formas aspectuais e modais. O morfema *ket* ainda pode receber prefixo, referenciando o sujeito, assim como os verbos. Podem ocorrer formas longas do verbo, mesmo em orações que não recebem as formas de aspecto e de modo.

Tendemos a concordar com a proposição acima, pois nos dados que coletados para este trabalho, identificamos que os verbos realmente são subordinados às palavras que o seguem, o que influencia na forma como são expressos e na relação do verbo com os argumentos. Embora

em alguns casos, a relação da forma do verbo com a forma do argumento intransitivo, sujeito, não seja tão transparente, conforme veremos nas próximas seções.

A língua Mëbêngôkre faz distinção entre duas classes de verbos, a classe dos verbos intransitivos e a classe dos verbos transitivos. Os verbos intransitivos são monoargumentais e os transitivos podem ser bi ou triargumentais. Os verbos intransitivos expressam o sujeito por prefixos de pessoa indexado ou por pronome independente e, os verbos transitivos expressam o sujeito por pronome nominativo ou por pronome ergativo e, o objeto por prefixos indexados (cf. Discussão nas seções 3.1.1 e 3.1.2).

Sintaticamente, a noção de transitividade está relacionada à quantidade de argumentos que o verbo licencia. Se o verbo licenciar dois participantes em determinada eventualidade, ele é transitivo, se ao contrário, licenciar apenas um argumento, é intransitivo, conforme Negrão e Viotti (2014).

Dependendo da quantidade de argumentos que licencia, o verbo pode ser: monovalente, com um único argumento; bivalente, com dois argumentos, ou trivalentes, com três argumentos. Essa classificação mostra que a noção de valência está ligada à noção de transitividade (PAYNE, 1997).

De acordo com Hale e Keyser (2002, p. 1), a noção de transitividade mantém relação com a definição de estrutura argumental, pois a estrutura argumental é determinada pelas propriedades dos itens lexicais, especialmente pelas configurações sintáticas nas quais estes devem ocorrer. Para estes autores, existem somente duas relações sintáticas, o complemento e o especificador, que ocorrem numa relação binária.

Por ser considerada um fenômeno complexo, a transitividade envolve aspectos semânticos e sintáticos na sua definição. Em relação ao aspecto semântico, a oração apresenta basicamente o agente e o paciente. Já em relação ao aspecto sintático, a oração apresenta os termos sujeito, objeto direto e objeto indireto. O objeto direto é o componente sintático que define uma sentença como sendo transitiva, em oposição a uma sentença intransitiva (HOPPER; THOMPSON, 1980).

No entanto, embora os verbos classificados como intransitivos apresentem apenas um argumento na sua estrutura argumental, eles podem ter mais de um argumento, chamados de verbos bivalentes ou estendidos (DIXON, 1994).

Em trabalho realizado sobre a hipótese de transitividade, Hopper e Thompson (1980, p. 252) utilizaram parâmetros com escalas de classificação que envolvem os participantes A e P. Para esses autores, o grau de transitividade de uma sentença está relacionado aos seguintes

parâmetros: participantes, kinesis, aspecto, pontualidade, volitividade, afirmação, modo, agentividade, afetação de P e individualização de P.

Hopper e Thompson (Op. cit.) afirmam que quanto mais alto o grau de afetação do P pelo A e de independência morfológica do P em relação ao verbo, maior é a possibilidade de transitividade do verbo. Essa tendência pode ser verificada em Chukchee, conforme exemplos (011) e (012) a seguir.

011 Tumg-e na-ntəwat-ən kupre-n. (Comrie, 1973, p. 243)  
 amigos-ERG colocar-TRANS rede-ABS  
 ‘Os amigos colocam a rede.’<sup>17</sup>

012 Tumg-ət KOPRA-ntəwat-G?AT. (Comrie, 1973, p. 244)  
 amigos-NOM rede-colocar-INTR  
 ‘Os amigos colocam redes.’<sup>18</sup>

Em (011) há quatro sinais de transitividade alta, quais sejam: marcação ergativa do A, marcação absoluta do P. A e P como palavras independentes e o verbo com marcação transitiva; ao passo que em (012), A é marcado com caso nominativo, o P é incorporado no verbo e o verbo recebe marcação intransitiva. Conferir mais informações sobre transitividade dos verbos em Hopper e Thompson (1980); Givón (2001).

Semelhante ao que já foi descrito nos trabalhos anteriores, na variedade de Mëbêngôkre de São Félix do Xingu, o verbo ocorre em orações intransitivas e transitivas. Verbos intransitivos licenciam um único argumento, o sujeito, porém alguns verbos (os intransitivos estendidos) podem licenciar dois argumentos, sujeito e oblíquo; já verbos transitivos licenciam dois argumentos, sujeito e objeto, sendo que os transitivos trivalentes licenciam três argumentos, sujeito, objeto e objeto indireto.

### 3.1.1 Verbos intransitivos

Nesta seção será tratado sobre o verbo intransitivo em Mëbêngôkre, a partir das estruturas morfossintáticas em três construções específicas: as que apresentam apenas um argumento, sujeito marcado canonicamente; as que apresentam o sujeito e um argumento

<sup>17</sup> Trecho original: The friends set the net.

<sup>18</sup> Trecho original: The friends set nets

estendido, oblíquo e, aquelas que apresentam apenas um argumento, mas este é marcado não-canonicamente.

Payne (1997, p. 171) afirma que ‘Um verbo intransitivo é aquele que descreve uma propriedade, estado ou situação envolvendo apenas um participante’, este participante é o sujeito. O sujeito de verbos intransitivos pode codificar o papel semântico de agente, paciente ou experienciador<sup>19</sup>. Ainda do ponto de vista semântico, os sujeitos de verbos intransitivos podem ser ativos e não-ativos.

Schachter e Shopen (2007) afirmam que todas as línguas do mundo permitem que os verbos sejam subclassificados como transitivos e intransitivos. Essa distinção é feita baseada na presença ou não de objeto na sentença. Estes autores afirmam também que os verbos são subclassificados em ativos, quando expressam ações e em estativos, quando expressam estados. Assim, verbos ativos seriam limitados no tempo, ao passo que verbos estativos seriam indeterminados no tempo.

Verbos intransitivos com sujeito ativo são aqueles em que o sujeito tem o controle da realização do evento ou da ação, com efeito físico e visível. Já os verbos intransitivos com sujeito não-ativo são aqueles em que o sujeito sofre os efeitos da ação do verbo. Os verbos intransitivos são propensos a terem sujeitos não-ativos, uma vez que sujeitos ativos estão mais ligados à noção de transitividade (NEGRÃO; VIOTTI, 2014).

As línguas variam nos modos como expressam o argumento único do verbo intransitivo. A forma de expressão desse argumento pode ser por nominais, pronomes livres e prefixos verbais, como ilustrado nos exemplos de (013) a (015), respectivamente do Kuikúro (SANTOS; FRANCHETTO, 2014, p. 46), Bambara (SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p. 9) e Apãniekrá (CASTRO ALVES, 2004, p. 57), nos quais os sujeitos são expressos por nominal (013), por pronome (014) e por prefixo (015), respectivamente.

013 [itaõ üngü-lü]  
mulher dormir-PNCT  
‘A mulher dormiu.’

014 U boli-*la*  
eles caminhar-PASS  
‘Eles caminharam.’<sup>20</sup>

015 h-3ʔkukrɛn  
3-correr  
‘Ela correu.’

<sup>19</sup> Será falado com mais detalhes sobre sujeitos experienciadores no capítulo cinco desta tese.

<sup>20</sup> Trecho original: They walk.

As construções com verbos intransitivos que apresentam apenas um argumento, o sujeito, caracterizam-se por este argumento ser o complemento do verbo, segundo Hale e Keyser (Op. cit.) e por codificarem este argumento na forma de nominais, de pronomes livres e de prefixos verbais.

Com base na estrutura argumental e na codificação dos argumentos, propomos para o Mëbêngôkre uma subdivisão dos verbos intransitivos em três subclasses, como será apresentado a seguir.

Nos dados do Mëbêngôkre da variedade de São Félix do Xingu, S é expresso da seguinte forma: por nominais (016); por pronomes nominativos, com verbos menos ativos, na forma finita (017); por pronome nominativo e por prefixos de pessoa na forma não-finita (018) e por pronome nominativo e prefixos de pessoa indexados nos verbos mais ativos, tanto na forma finita, quanto na não-finita, conforme exemplos (019-020) a seguir.

	S		V	
016	mēm̃i	nẽ	mẽ	ŋõrõ
	homem	NFUT	PL	dormir

‘Os homens dormiram/estão dormindo.’ (elicitação)

	TOP	S		V
017	ba	nẽ	ba	tĩ
	1SG	NFUT	1SG	cair

‘Eu caí/estou caindo.’ (elicitação)

	TOP	S		s-V	
018	ba	nẽ	ba	i-tim	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG-cair	NEG

‘Eu não caí/não estou caindo.’ (elicitação)

	TOP	S		s-V
019	ba	nẽ	ba	i-prõt
	1SG	NFUT	1SG	1SG-correr

‘Eu corri/estou correndo.’ (elicitação)

	TOP		S	s-V	
020	ba	nẽ	ba	i-prõt <sup>21</sup>	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG-correr	NEG
	‘Eu não corri/não estou correndo.’ (elicitación)				

Ainda que haja distinção na forma de marcar o sujeito pronominal nos verbos intransitivos, não dá para afirmar de forma contundente, com base nessa distinção, que ocorre uma cisão entre verbos ativos/não-ativos nos moldes clássicos, como ocorre em outras línguas. Já, uma vez que verbos considerados ativos, tais como *prõt* ‘correr’, são marcados por prefixos e duplicados por pronome nominativo<sup>22</sup>, conforme exemplos (019) e (020) acima.

Nas construções apresentadas nos exemplos de (016) a (020), observa-se que os verbos intransitivos apresentam um único argumento. Por outro lado, há um conjunto de verbos que exibem um possível segundo argumento, que é marcado com o sintagma posposicional dativo, da mesma forma como é marcado o objeto indireto de verbos bitransitivos (cf. Seção 3.1.2). Trata-se dos verbos intransitivos estendidos.

O conjunto de verbos que ocorrem com o sintagma posposicional dativo na função de oblíquo inclui *akia* ‘gritar’, *kabẽ* ‘falar’, *kato* ‘sair’ e *boj* ‘chegar’. Esses verbos são sintaticamente intransitivos, o que pode ser verificado pela forma como o sujeito é expreso e por isso dispensam a presença do argumento oblíquo, conforme exemplos (021) e (022), em que se observa que o argumento marcado com o sintagma posposicional dativo é omitido.

	TOP		S	s-V		TOP		S	s-V	
021	ba	nẽ	ba	i-kato		022	ba	nẽ	ba	i-kabẽ
	1SG	NFUT	1SG	1SG-sair			1SG	NFUT	1SG	1SG-falar
	‘Eu saí/estou saindo.’					‘Eu falei/estou falando.’				

No entanto, apesar de estes verbos serem sintaticamente intransitivos, eles podem ocorrer com um segundo argumento, expreso na forma de um sintagma posposicional dativo, conforme exemplos (023) e (024) a seguir.

<sup>21</sup> Chamamos atenção para o fato de que o sufixo só é acrescentado às raízes verbais quando estas são terminadas em vogal. As raízes terminadas em consoante não são afetadas por essa regra (REIS SILVA, 2001, p. 29).

<sup>22</sup> Essa discussão será feita no capítulo quatro desta tese.

	TOP		S	SP		s-V
023	ga	ně	ga	i-mã		a-kato
	2SG	NFUT	2SG	1SG-DAT		2SG-sair

‘Você me encontrou.’ (elicitação)

	TOP		S	SP		s-V
024	ga	ně	ga	i-mã	a-kabě	
	2SG	NFUT	2SG	1-DAT	2SG-falar	

‘Você falou pra mim.’ (fala livre)

Essa estrutura com um sintagma posposicional também é observada com os verbos *tě/mõ* ‘ir’ e *prõt* ‘correr’ que têm apenas um argumento, o sujeito, mas podem ocorrer também com um sintagma posposicional dativo, marcado como oblíquo, conforme exemplos (025) e (026) a seguir.

	TOP		S	SP		V
025	ga	ně	ga	kikre	mã	tě
	2SG	NFUT	2SG	casa	DAT	ir

‘Você foi/está indo para a casa.’ (elicitação)

	TOP		S	SP		s-V
026	ba	ně	ba	kikre	mã	i-prõt
	1SG	NFUT	1SG	casa	DAT	1SG-correr

‘Eu corri/estou correndo para a casa.’ (elicitação)

Postulamos que há uma diferença sintática em sintagmas posposicionais que ocorrem com os verbos intransitivos estendidos em (023) e (024) e os sintagmas posposicionais em (025) e (026), uma vez que no primeiro caso, o SP dativo seria argumento, enquanto no segundo caso, seria um adjunto. Para a distinção entre o sintagma dativo como adjunto em determinadas situações e, como argumento, em outras, deve-se adotar critérios morfossintáticos, com testes com provérbios, como os propostos por Cullicover (2005), ‘fez o mesmo’ e por Witzlack-Makarevich e Bickel (2013), ‘fez assim, fez isso ou fez a mesma coisa’.

Baseada nestes testes, Castro Alves (2021) fez a descrição para o Canela-Apãniekra, língua Timbira, distinguindo os sintagmas posposicionais que são (semanticamente)

argumentos, daqueles que são adjuntos. Com o uso da expressão *to=hajÿr* (*fazer=ser.assim*), em construções com verbos intransitivos, transitivos e ditransitivos, para testar se estes são argumentos ou adjuntos.

Costa (2015); Castro Alves (2004 e 2018); Silva (2011); Storto e Rocha (2014) usam terminologias diferentes para se referir ao mesmo fenômeno que foi discutido acima, também observado na variedade de Mëbêngôkre de São Félix do Xingu.

No trabalho com a língua Mëbêngôkre/Xikrin do Cateté, Costa (2015) afirma que os verbos em Xikrin se dividem em duas classes: a dos verbos com um ou dois argumentos e, a classe dos verbos com dois ou três argumentos. Estes verbos subdividem-se em intransitivos monovalentes e intransitivos bivalentes e transitivos bivalentes e transitivos trivalentes.

Costa (Op. cit.) classifica os verbos intransitivos e transitivos por meio de critérios distribucionais, considerando a distinção da quantidade de argumentos que estes exibem. A classe dos verbos intransitivos monovalentes é a que exige apenas um argumento, o sujeito, conforme (027) a seguir.

027	guba	na	gu	tõ	(Costa, 2015, p. 168)
	1+2	RLS	1+2	festejar	
	‘Nós festejamos.’				

Os verbos intransitivos bivalentes é a classe com dois argumentos, o sujeito e o argumento oblíquo. Estes verbos apresentam sujeito que pode ser agente ou paciente e um objeto indireto, que é geralmente um locativo ou dativo, mas não apresentam objeto direto. É muito comum que os verbos intransitivos bivalentes codifiquem eventos de movimento e estativos de localização, conforme exemplo (028) a seguir, do Mëbêngôkre/Xikrin.

028	ba	na	ba	a	ø-mã	akia	(Costa, 2015, p. 169)
	1	RLS	1	2	R1-DIRET	gritar	
	‘Eu gritei para você.’ (pedindo socorro)						

O Karitiana, língua da família Tupi, ramo Arikém, apresenta também verbos intransitivos com sujeito experienciador e objeto oblíquo, este podendo ser omitido (ROCHA; STORTO, 2014, p. 29-32). Segundo estes autores, em Karitiana há uma lista de 18 verbos intransitivos que têm sujeito afetado psicologicamente e apresentam a estrutura argumental descrita acima.

Em Karitiana o objeto oblíquo tem a posposição *-ty* como sufixo, a mesma posposição que marca objetos indiretos de verbos bitransitivos. O objeto oblíquo faz referência à entidade ou evento que afeta o sujeito psicologicamente, conforme exemplos (029) e (030) a seguir.

029	pypasadnan	tasó	tasoojoty	(Storto; Rocha, 2014)
	∅-py-pasadn-a-n	tasó	ta-sooj-ty	
	3-ASSERT-amar-VT-NFUT	homem	3POSS-esposa-OBL	
	‘O homem ama a sua esposa.’			
030	napasadnat	tasó	(tasoojoty)	(Storto; Rocha, 2014)
	∅-na-pasadn-a-t	tasó	(ta-sooj-ty)	
	3-DECL-amar-VT-NFUT	homem	(3POSS-esposa-OBL)	
	‘O homem ama (sua esposa).’			

Para este trabalho, embora tenhamos identificado e percebido a necessidade de fazer uma discussão mais elaborada sobre a distinção entre argumento/adjunto, não foi possível, devido a impossibilidade de pesquisa de campo para coleta de dados específicos para este fim, ficando a discussão para trabalhos futuros.

A terceira construção com verbos intransitivos em Mëbêngôkre é a que envolve um conjunto de verbos monoargumentais, que ocorrem com um sintagma posposicional na função de sujeito, ou seja, o sujeito nessas construções é marcado não-canonicamente. Nestes casos, o sintagma posposicional é o argumento, na função de sujeito da oração.

No exemplo (031) a seguir o sintagma posposicional dativo é o sujeito da construção (SALANOVA, 2014).

031	ba	i-mã	kamerκak	dʒΛj	(adaptado de Salanova, 2014, p. 170)
	1SG	1SG-DAT	açáí	doce	
	‘Eu gosto de açáí.’ <sup>23</sup>				

Na variedade de Mëbêngôkre de São Félix do Xingu, identificou-se o tipo de construção, na qual o sujeito do verbo intransitivo recebe marcação não-canônica, ou seja, o sintagma posposicional é o sujeito dativo ou locativo. O sujeito com a posposição *mã* e o sujeito com as

<sup>23</sup> Trecho original: me gusta (lit., me es dulce) el asaí.

posposições *kãm*, *jã* e *bê* são as formas de marcação não-canônica com alta produtividade nesta variedade da língua.<sup>24</sup>

O exemplo (032) mostra o predicado nominal *uma* ‘ter.medo’ cujo sujeito é expresso no sintagma posposicional dativo, e o exemplo (033) mostra o predicado *kane* ‘ter.doença’, em que o sujeito é expresso no sintagma posposicional locativo *kãm*.

	TOP		S	[Ex	Pred]
032	ba	nẽ	ba	i-mã	uma
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	ter.medo
	‘Eu estou com medo.’ (elicitação)				

	TOP		S	[Ex	Pred]
033	ba	nẽ	ba	i-kãm	kane
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.doença
	‘Eu estou doente.’ (elicitação)				

A construção com sujeito dativo também ocorre em Apãniekra. Castro Alves (2018) classifica o verbo com sujeito marcado pelo sintagma posposicional dativo *mã* como aquele que codifica sentimentos físicos e mentais, conforme exemplo (034) a seguir.

	[Ex	Pred]	
034	i-mã	prãm	(adaptado de Castro Alves, 2018, p. 379)
	1SG-DAT	ter.fome	
	‘Estou com fome.’		

A realização do sujeito marcado não-canonicamente em Mëbêngôkre, com a posposição *mã*, sujeito dativo, e com as posposições *kãm*, *jã* e *bê*, sujeito locativo, será descrita e analisada no capítulo cinco deste trabalho.

Os processos de mudança de valência são geralmente utilizados como critérios para identificação das categorias verbais. Nesse sentido, o processo de aumento de valência do verbo, com a utilização do morfema ‘o’, como ocorre com o ‘ho’ em Panará (BARDAGIL-MAS, 2018, p. 152-3), é um bom candidato para ser usado como critério na identificação da

<sup>24</sup> Discussão a ser feita no capítulo cinco deste trabalho.





A maioria, talvez todas, das línguas do mundo apresenta um subconjunto de verbos transitivos que podem ser transitivo simples ou bivalentes e bitransitivos ou trivalentes. Para Dixon (1994, p. 122) verbos transitivos trivalentes ou estendidos, tais como *dar*, *mostrar* e *contar*, envolvem três funções principais na sua estrutura argumental.

Costa (2015) define que em Xikrin, a classe dos verbos transitivos bivalentes é aquela que exige um argumento interno, objeto direto, e um argumento externo, sujeito/agente (COSTA, 2015), conforme exemplo (039) a seguir.

039    mēmī            na<sup>28</sup>    tɛp    dʒ-ʌɲwə                    (Costa, 2015, p. 170)  
           homem        RLS    peixe   R1-flechar  
           ‘Os homens flecharam peixe.’

Nos verbos transitivos bivalentes, da variedade de Mēbêngôkre de São Félix do Xingu, o argumento A pode ser expresso ou por nominais (040) ou por pronome independente, nominativo (041) ou ergativo (042) a seguir; enquanto o objeto (P) pode ser representado por sintagmas nominais (040) ou por prefixos indexados no verbo, conforme exemplos (041) e (042) a seguir.

	A		P		V
040	kē	nē	mēprĩɛ		kʌkaba
	pedra	NFUT	menino		atingir
	‘A pedra atingiu o menino.’ (fala livre)				

	TOP		A		p-V
041	ga	nē	ga		i-pumũ
	2SG	NFUT	2SG		1SG-ver
	‘Você me viu/vê.’ (elicitação)				

	A		p-V		
042	aje	i-bĩn			ket
	2SG	1SG-matar			NEG
	‘Você não me matou.’ (elicitação)				

<sup>28</sup> Costa (2015) usa a forma *na* ao se referir ao não-futuro, na variedade Xikrin.

Observa-se que, neste trabalho, estamos considerando o pronome independente do início da oração como topicalização. Esta topicalização pode ser do sujeito, como ocorre no exemplo (041), em que o argumento sujeito é duplicado pelo pronome no início da sentença, mas pode também ser topicalização do objeto quando o constituinte a ser topicalizado é o objeto. Neste caso, o pronome não duplica o sujeito, mas o objeto, conforme exemplo (043) a seguir.

	TOP		A		p-V
043	ga	nẽ	ba	a-pumũ	
	2SG	NFUT	1SG	2SG-ver	
	'Eu vi/vejo você.' (elicitação)				

Em Mëbêngôkre, ocorrem também os verbos transitivos trivalentes que licenciam três argumentos, que são: o sujeito, o objeto direto e o objeto indireto.

O verbo *ŋã* 'dar' é um exemplo de verbo transitivo trivalente em Mëbêngôkre. Neste caso, o sujeito é expresso por nominais (044) e (045) ou por pronomes independentes (046) e (047). O argumento que expressa o papel temático de tema corresponde ao objeto direto e é indicado por nominais (044) a (046) ou por prefixo indexado no verbo (047), enquanto a expressão do papel alvo, receptor, corresponde ao objeto indireto e é indicado por um sintagma posposicional (044) a (047). Em todos os exemplos o objeto indireto é expresso por um sintagma posposicional dativo.

	A		OI		P	V
044	mëniɾe	nẽ	kra	mã	kĩdʒʌ	ŋã
	mulher	NFUT	filho	DAT	presente	dar
	'A mulher deu um presente para o filho dela.' (fala espontânea)					

	A		OI		P	V
045	mëniɾe	nẽ	i-mã		kruwa	ŋã
	mulher	NFUT	1SG-DAT		flecha	dar
	'A mulher me deu uma flecha.' (fala espontânea)					

	TOP		A	OI			P	V
046	ba	nẽ	ba	mẽmi	jã	mã	kruwa	ɲã
	1SG	NFUT	1SG	homem	DEM	DAT	flecha	dar

‘Eu dei uma flecha para este homem.’ (fala espontânea)

	TOP		A	OI		P-V
047	ba	nẽ	ba	nã	mã	ku-ɲã
	2SG	NFUT	1SG	mãe	DAT	3SG-dar

‘Eu dei ele (a criança) para a mãe.’ (elicitação)

O Měbêngôkre apresenta ainda um tipo de predicado com dois lugares, que instancia uma terceira subclasse de verbos transitivos, ou seja, um verbo transitivo bivalente, nos quais há uma relação entre um sujeito experienciador e um estímulo, conforme exemplo (048) e (049) a seguir.

	TOP			Ex	St	Pred
048	ta	wã	nẽ	ku-mã	piʔók	kīj
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	folha	gostar

‘Ele gosta do livro.’ (elicitação)

	TOP		A	Ex	St-Pred
049	ba	nẽ	ba	i-mã	a-jabê
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	2SG-confiar

‘Eu confio em você.’ (elicitação)

Como exemplificado acima, nas construções com o predicado transitivo com sujeito experienciador e estímulo, o sujeito é marcado não-canonicamente, por um sintagma posposicional, e o estímulo que equivale ao objeto direto, é expresso da mesma forma que o objeto direto nas construções transitivas com sujeito marcado canonicamente, conforme exemplo (050) a seguir, na qual o verbo da oração subordinada é o estímulo, ou objeto, do verbo da oração principal.

	Ex	[		]	St	V
050	ku-mã	krĩ	raj	kãm	tər	kĩj
	3SG-DAT	aldeia	grande	LOC	dançar	gostar
	‘Ele gosta de dançar na cidade.’ (fala livre)					

O sujeito experienciador, marcado não canonicamente em Mëbêngôkre, será tratado mais detidamente no capítulo cinco desta tese.

Em resumo, os verbos transitivos da variedade de Mëbêngôkre descrita nesta tese são subdivididos em bivalentes e trivalentes com marcação canônica de sujeito e verbos bivalentes com sujeito experienciador (=sujeito não-canônico).

### 3.2 OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

Além da classe de verbos, a variedade de Mëbêngôkre de São Félix do Xingu apresenta as classes de nome, advérbio, posposição, pronome, conjunção e demonstrativo. A partir de agora vamos ver algumas dessas classes, começando pelos nomes. Segundo Salanova (2007) não existe distinção lexical entre nomes e verbos em Mëbêngôkre, a distinção só é feita ao se tratar da estrutura de argumentos.

#### 3.2.1 Nomes

Em termos gerais, os nomes são palavras que ocorrem geralmente acompanhadas de determinantes. Em termos sintáticos, ocupam a função de núcleo do sujeito e de complementos de verbos; no que concerne à semântica, designam seres, eventos ou entidades; quanto à estrutura morfológica, podem apresentar flexão de gênero e de número. Os nomes dividem-se em: contáveis/incontáveis e comuns/próprios (SCHACHTER; SHOPEN, 2007).

Em (051) e (052) os nomes são expressos na função de núcleo de sintagma nominal.

051 A **fala** do diretor é na **sala** ao lado.

052 bahay > mga **bahay** (adaptado de Schachter; Shopen, 2007, p. 7)  
 casa > **casas**

No exemplo (051) acima, de Schachter e Shopen (2007, adaptado para o português), pode-se perceber que as palavras destacadas, *fala* é o núcleo do sintagma nominal ‘A fala do diretor’, que ocupa a posição sintática de sujeito da sentença e, *sala* é o núcleo do sintagma nominal ‘a sala ao lado’. Já no caso do exemplo (052) da língua Tagalog, *mga* é o termo morfológico que porta informações referente à flexão de número. O morfema *mga* é a marca de plural, que foi acrescentado ao sintagma nominal, cujo núcleo é o nome *bahay*.

Os nomes, na variedade de Mëbêngôkre descrita nesta tese, podem ser expressos como núcleo de sintagma nominal, acompanhados ou não dos pronomes demonstrativos *jã* (este/esta/isto) e *wã* (aquele/aquela/aquilo). Os nomes não apresentam flexão de gênero e de número, e, de acordo com Rodrigues (1999, p. 183), nas línguas da família Jê ‘a pluralidade dos nomes não é expressa morfológicamente’<sup>29</sup>.

Em se tratando de plural em Mëbêngôkre, Salanova (2007) afirma que este se realiza basicamente pela supleção da raiz verbal ou pela mudança no prefixo da base do verbo, conforme exemplos (053) e (054) a seguir.

053    *krwɔj*        *jã*    *nẽ*    *mop*        *krẽn*    (adaptado de Salanova, 2007, p. 89)  
           periquito    DEM    NFUT    malanga    comer.N.SG  
           ‘Este periquito comeu a malanga.’<sup>30</sup>

054    *krwɔj*        *jã*    *nẽ*    *mop*        *ku*     (adaptado de Salanova, 2007, p. 89)  
           periquito    DEM    NFUT    malanga    comer.N.PL  
           ‘Este periquito comeu as malangas.’<sup>31</sup>

Observa-se em (053) que o verbo ‘comer’ *ku-* apresenta uma forma diferente do exemplo (054) *krẽn*. Isso deixa evidente, segundo Salanova (2007) que este verbo apresenta uma forma para o singular e outra forma para o plural.

Outro verbo que apresenta raízes com formas diferentes para singular e para plural na língua é o equivalente ao verbo ‘ir’ em português. As formas são *tẽ* para o singular (055) e, a forma *mõ* para o plural (056).

<sup>29</sup> Trecho original: Plurality of the noun is not morphologically expressed

<sup>30</sup> Trecho original: ‘This parakeet ate the malanga.’

<sup>31</sup> Trecho original: This parakeet ate the malangas.’

055 ôkre ø-õ krãdjê bir ɔ tẽ  
 menino 3SG-GEN chapéu pegar ɔ ir.V.SG  
 ‘O menino foi pegar o chapéu dele.’ (fala livre)

056 gwaj ba kunĩ dza gwaj bʌ kãm mõ  
 1PL.INC 1PL tudo FUT 1PL.INC mato LOC ir.V.PL  
 ‘Todos nós vamos para a floresta.’

Em (056) observa-se que, além de o plural ser identificado na forma do verbo *mõ*, a forma do pronome de primeira pessoa plural *gwaj* também expressa a noção de plural.

Além das formas diferentes na base do verbo (SALANOVA, 2007) e da utilização de verbos diferentes, a noção de plural em Měbêngôkre pode ocorrer também por meio da partícula *mẽ*, conforme exemplo (057) a seguir.

057 mẽ bejet nẽ mẽ kʌjɱʌ kuʔe (adap. de Salanova, 2007, p. 100)  
 PL velho.homem NFUT PL acima estar em pé.PL  
 ‘Os velhos se levantaram.’<sup>32</sup>

Nos exemplos a seguir, a partícula *mẽ* expressa a noção de plural, tanto em referência aos nomes (058) e (059), quanto aos prefixos de pessoa (060) e (061).

058 mẽ priɛ nẽ mẽ piɖʒô krẽ  
 PL criança NFUT PL fruta comer.V  
 ‘As crianças comeram as frutas.’ (fala espontânea)

059 mẽ mi mẽ niɛ nẽ mẽ tɔr ɔ dza  
 PL homem PL mulherNFUT PL dançar.N ɔ estar.em.pé  
 ‘Os homens e as mulheres estão dançando.’ (fala espontânea)

<sup>32</sup> Trecho original: ‘The old men stood up.’



064 A mulher **alta** é **bonita**.

Como se observa, no exemplo (063), de Givón (2001, adaptado para o português), o adjetivo *alta* é predicado, porque o verbo ‘ser’ funciona como cópula, ao passo que no exemplo (064), adaptado de Givón (2001), o adjetivo *bonita* é predicado, pelo mesmo motivo do exemplo (063), no entanto, o adjetivo *alta* é modificador do nome ‘mulher’, que é núcleo do sintagma nominal ‘a mulher alta’.

De acordo com a literatura sobre Mëbêngôkre, esta língua não faz distinção de adjetivo como classe de palavra aberta. Esta língua se enquadra na afirmação de Schachter e Shopen (2007, p. 13) de que ‘Enquanto todas as línguas parecem distinguir duas classes abertas, nomes e verbos, apenas certas línguas fazem uma distinção adicional entre essas duas classes e uma terceira classe aberta, a classe de adjetivos.’<sup>35</sup>

O equivalente a adjetivo é incluído na classe dos nomes, por apresentar as mesmas propriedades destes, conforme afirma Reis Silva (2001, p. 24):

Não há em Mëbêngôkre uma classe definida como adjetivo. Veja que assim como os nomes, esses elementos não mostram uma mudança em sua forma: exibem flexão de pessoa em ambos os contextos, tanto afirmação quanto negação. [...] eles se agrupam dentro da classe dos nomes. Um argumento a favor de que os chamados adjetivos estão na classe dos nomes é que assim como estes, eles recebem os morfemas diminutivo *-re* e o aumentativo *-ti*.

Em (065) o morfema *ti* ocorre como uma palavra que indica característica, ilustrando o critério usado para determinar a inclusão das palavras que correspondem a adjetivos em algumas línguas na classe dos nomes, em Mëbêngôkre.

065 mēbeŋokrē nē tijti  
Mëbêngôkre NFUT forte  
‘O Mëbêngôkre é forte.’ (fala livre)

A ausência de adjetivo como uma classe de palavra distinta é atestada nas línguas da família Jê, do complexo Timbira, Apãniekra (CASTRO ALVES, 2004) e Parkatêjê (FERREIRA, 2003), entre outras.

---

<sup>35</sup> Trecho original: While all languages appear to distinguish two open classes, nouns and verbs, only certain languages make a further distinction between these and a third open class, the class of *adjectives*.

### 3.2.2 Advérbios

Os advérbios, morfologicamente, são palavras invariáveis; sintaticamente, modificam verbos, adjetivos, advérbios e sentenças, também indicam modalizações em relação às informações veiculadas nas sentenças, tais como as indicações de fatos tomados como certos ou duvidosos; semanticamente, indicam circunstâncias de tempo, modo, lugar, intensidade e outras (SCHACHTER; SHOPEN, 2007).

Schachter e Shopen (2007) afirmam que muitas línguas apresentam advérbios de modo derivados de adjetivos pelo processo de morfologia derivacional, este é o caso do francês e do turco, conforme exemplos (066) e (067) a seguir.

- 066 a. lente (lento) > lentement (lentamente)<sup>36</sup>  
 b. malheureuse (infeliz) > malheureusement (infelizmente)<sup>37</sup>  
 c. active (ativo) > activement (ativamente)<sup>38</sup>
- 067 a. yavaş (lento) > yavaş yavaş (lentamente)<sup>39</sup>  
 b. derin (profundo) > derin derin (profundamente)<sup>40</sup>  
 c. acı (amargo) > acı acı (amargamente)<sup>41</sup>

No exemplo (066) do francês, o advérbio é formado a partir do acréscimo do sufixo *-ment* aos adjetivos femininos. Já no exemplo (067) do turco, a formação do advérbio ocorre pela reduplicação dos adjetivos, como ilustrado com os adjetivos *yavaş*, *derin* e *acı*.

Os advérbios são a classe de palavras em Mëbêngôkre que são invariáveis, e que indicam informações como tempo, intensidade, lugar e modo. Em relação ao núcleo verbal, os advérbios se distribuem em diferentes posições. Os exemplos de (068) a (070) a seguir, são advérbios de intensidade *kumej* e de tempo *amũjã?ã* e *krurip*.

<sup>36</sup> Trecho original: slow > slowly

<sup>37</sup> Trecho original: unfortunate > unfortunately

<sup>38</sup> Trecho original: active > actively

<sup>39</sup> Trecho original: slow > slowly

<sup>40</sup> Trecho original: deep > deeply

<sup>41</sup> Trecho original: bitter > bitterly

	TOP		A	Ex	[s-V]St	Pred
068	ba	ně	ba	i-mã	i-tor	prãm <b>kumɛj</b>
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	1SG-dançar	querer INTENS

‘Eu estou com muita vontade de dançar.’ (fala livre)

		A	P	V
069	<b>amũjã?ã</b>	ba	tep	krẽ
	ADV	1SG	peixe	comer

‘Ontem eu comi peixe.’ (elicitação)

			S	V
070	<b>krurip</b>	dʒa	ga	ŋõrõ
	ADV	FUT	2SG	dormir

‘Amanhã você vai dormir.’ (elicitação)

Observa-se nos exemplos acima que o advérbio de intensidade se posiciona posposicionado ao núcleo, assim como o advérbio de negação *ket*; já os advérbios de tempo costumam se posicionar junto ao sujeito no início da oração, assim como os advérbios de afirmação *na*. Em relação às orações, os advérbios agem sobre elas modificando-as, como ocorre em (071) e (072) a seguir.

071	ba	bʌ	kãm	tẽ
	1SG	mato	LOC	ir.V

‘Eu fui caçar.’ (elicitação)

072	bʌ	kãm	i-têm	<b>ket</b>
	mato	LOC	1SG-ir.N	NEG

‘Eu não fui caçar.’ (elicitação)

Observa-se que em (072) o advérbio de negação age sobre a oração, negando-a, além disso, muda a forma como o verbo é expresso, da forma finita para a forma não-finita.

Além das classes de palavras abertas, as línguas apresentam também as seguintes classes de palavras fechadas: pronomes, artigos, adposições, conjunções etc. Informações mais

detalhadas referentes às classes de palavras podem ser consultadas em Givón (2001); Schachter; Shopen (2007).

Em Mëbêngôkre, as classes de palavras fechadas são: pronome, adposição e conjunção, que serão vistos nas seções 3.2.3 a 3.2.5 a seguir.

### 3.2.3 Pronomes

O pronome é a classe de palavras que substitue o nome, no caso da terceira pessoa, ou o sintagma nominal. O pronome pode ser pessoal, reflexivo, recíproco, demonstrativo, indefinido e relativo. Os pronomes pessoais se caracterizam por apresentarem as formas independentes e afixadas, conforme Givón (2001).

Em Mëbêngôkre, os pronomes pessoais se caracterizam por serem expressos nas formas livres ou dependentes. Os pronomes livres se dividem em duas séries, identificadas como nominativo e ergativo. Já o argumento absolutivo e o argumento acusativo são expressos por uma única série de pronomes dependentes, que se distingue apenas na terceira pessoa, conforme quadro 5 a seguir<sup>42</sup>. A distribuição dessas duas séries de pronomes e o alinhamento morfossintático da língua serão explanados no capítulo quatro.

**Quadro 05:** pronomes Mëbêngôkre.

Pessoa	Pronomes livres		Pronomes presos	
	Nominativo	Ergativo	Absolutivo	Acusativo
1s	ba	ijε	i-	
1p	gwaj ba/gu mē	baje	ba-	
2	ga	ajε	a-	
3	tam jā/ta wã	kute	∅	ku-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos exemplos de (073) a (075) atestados a seguir, as orações apresentam as quatro formas de expressão dos pronomes descritos no quadro acima, conforme a característica de cada argumento.

<sup>42</sup> Para uma consulta mais detalhada dos pronomes em Mëbêngôkre, remetemos o leitor aos trabalhos de Borges (1995); Reis Silva (2001); Costa (2015).

	TOP		A	p-V	
073	<i>ga</i>	<i>dʒa</i>	<b><i>ga</i></b>	<b><i>i-pumũ</i></b>	
	2SG	FUT	2SG	1SG-ver	

‘Você vai me ver.’ (elicitação)

	A	p-V		
074	<b><i>ije</i></b>	<b><i>a-bĩn</i></b>	<i>ket</i>	
	1SG	2SG-matar	NEG	

‘Eu não matei você.’

	TOP		S		s-V
075	<i>ba</i>	<i>nẽ</i>	<i>ba</i>	<i>na</i>	<i>kãm i-prõt</i>
	1SG	NFUT	1SG	chuva LOC	1SG-correr

‘Eu corri na chuva.’

Observa-se acima que em (073) ocorre o pronome nominativo na função de sujeito *ga* e o prefixo *i-* ‘1sg’ ocorre na função de objeto. Os exemplos (074) e (075) expressam o pronome ergativo na função de sujeito *ije* ‘1sg’ e o prefixo *i-* ‘1sg’ expressando o absoluto, pois ocorre como objeto em (074) e como o sujeito em (075).

### 3.2.4 Adposições

Adposições podem se realizar como preposições ou como posposições, a depender da posição que se encontrem em relação ao nome com qual se relacionam. Preposição é característica de línguas com núcleo inicial, como é o caso do inglês, língua SVP; enquanto posposição é característica de línguas com núcleo final, como é o caso do japonês, língua SPV (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007).

De acordo com Rodrigues (1999) ‘Todas as línguas Macro-Jê, exceto Karirí e Guató<sup>43</sup>, têm posposições e não preposições<sup>44</sup>’, conforme expressam os exemplos (076) a (078) a seguir.

<sup>43</sup> Nikulin (2020) não incluiu na proposta de composição do tronco Macro-Jê, as famílias de língua *Kariri* e *Guató*, embora não descarte a possibilidade de relação genética distante entre o tronco Macro-Jê e estas línguas.

<sup>44</sup> Trecho original: All Macro-Jê languages except Karirí and Guató have postpositions and not prepositions.

076 pur kãm ba a-mã pijo re (Rodrigues, 1999, p. 188)  
 roça LOC 1SG 2SG-DAT fruta pegar  
 ‘Eu pego frutas para você na roça.’<sup>45</sup>

077 ga nẽ ga i-nã jõ kikre kãm ñõrõ  
 2SG NFUT 2SG 1-mãe GEN casa LOC dormir  
 ‘Você dormiu na casa da minha mãe.’ (elicitação)

078 krĩ kurum nẽ ba i-kato  
 aldeia atrás NFUT 1SG 1SG -sair  
 ‘Eu vim da aldeia.’

Nos exemplos de (076) a (078) acima, o locativo *kãm* ‘em’ está posicionado aos nomes *pur* ‘roça’ e *kikre* ‘casa’, constituindo os sintagmas posposicionais locativos *pur kãm* ‘na roça’ e *kikre kãm* ‘na casa’ e o ablativo *kurum* ‘de’ *krĩ kurum* ‘da aldeia’, ambos na função de adjuntos.

O quadro 06 a seguir apresenta algumas das posposições que ocorrem em Mëbêngôkre.

**Quadro 06:** Posposições do Mëbêngôkre.

Posposição	Função	Glosa
jε	ergativo	sujeito ergativo
bê	essivo	em benefício de
kãm	locativo	em
(j)ã	locativo	em
kôt	comitativo	com
kurum	ablativo	de
mã	dativo	direção
(w)iri	prospectivo	direção
o	instrumental	com

Fonte: Elaborado pelo autor.

<sup>45</sup> Trecho original: 'I pick up fruits for you in the garden.'

Na próxima seção trataremos das conjunções que ocorrem em Mëbêngôkre.

### 3.2.5 Conjunções

Segundo Schachter e Shopen (2007, p. 45) conjunções são palavras que servem para conectar palavras, frases ou orações. No dicionário de Trask (2015, p. 1631), a conjunção coordenativa se caracteriza por juntar numa mesma unidade, duas ou mais ocorrências de uma mesma categoria; já as conjunções subordinativas introduzem orações subordinadas.

As conjunções coordenativas atribuem igualdade de classificação para os elementos coordenados. Já as conjunções subordinativas atribuem classificação desigual para os elementos, subordinando um a outro (SCHACHTER; SHOPEN, Op. cit).

De acordo com Schachter e Shopen (Op. cit.) línguas com verbo não-final, como o inglês, a conjunção coordenativa é preposicionada, já em línguas com verbo final, como o japonês, a conjunção coordenativa é posposicionada.

O Mëbêngôkre é uma língua em que a conjunção coordenativa ocorre como uma posposição. Nesta língua, a conjunção coordenativa estabelece relação entre orações e é expressa por *nëkãm* e *jikãm*, conforme (079) e (080), embora muitas vezes esta conjunção seja expressa somente na forma *në* e *ji* e até mesmo como *kãm*.

079	ta <sub>i</sub>	wã	në	ø-õ	tep	nëkãm	tu <sup>46</sup>	ø <sub>i</sub>	më	kunĩ
	3SG	DEM	NFUT	3SG-GEN	peixe	CONJ	?	3SG	PL	tudo
	mã	ku-ŋã								
	DAT	3SG-dar								

‘Ele tinha peixe e deu (peixe) para todo mundo.’ (elicitação)

080	ku-mã	abô	jikãm	aken	omũ
	3PL-DAT	assoviar	CONJ	continuar	ver

‘Eles estão assoviando e olhando.’ (fala livre)

<sup>46</sup> Esta partícula é utilizada por um dos consultores deste trabalho, e em construções como esta, que envolvem duas orações. Ela sempre está posicionada antes do pronome sujeito da segunda oração, quando apagado, mas ainda não conseguimos entendê-la bem. Sala (1920, p. 399-400) faz menção a esta partícula como sendo usada em substituição ao artigo, que não existe na língua, para determinar uma coisa, um fato, uma pessoa. Este autor considera mais razoável classificar tal partícula como uma espécie de adjetivo demonstrativo. No Manual do professor (SIL, 1978, p. 35), o *tu* é referido como ‘só vocês’, conforme exemplo a seguir - adaptado. (*No?òk ja tu omũj ɔ tẽ* ‘Leiam este texto sozinhos’).

Na próxima seção trataremos das informações relacionadas aos operadores de tempo, aspecto, modo e evidencialidade em Mëbêngôkre.

### 3.3 TAME

As categorias tempo, aspecto, modo e evidencialidade são operadores gramaticais que mantêm relação com a realização do evento do ato de fala, com uso comum destes nas línguas humanas. Essas categorias mantêm relação estreita com o verbo, ainda que não sejam marcadas neste, como ocorre principalmente no caso do tempo (COMRIE, 1985; KLEIN, 2009).

Em Mëbêngôkre, o tema verbal expressa as noções de iteratividade, que está relacionada à quantidade de ocorrências do evento ou a afetação de vários objetos, de estatividade, relacionado à qualidade do evento, se este é parte central da narrativa ou apenas informação secundária; os enclíticos aspectuais, com semântica entre aspecto gramatical e aspecto lexical, inceptivo, terminativo, progressivo e prospectivo e as partículas adverbiais, opcionais, que codificam noções de evidencialidade, imperativo, condicional e a distinção de tempo opcional entre futuro e não futuro (EPPS; SALANOVA, 2012, p. 12-13).

Nas próximas seções vamos ver de forma resumida as categorias de tempo, aspecto, modo e evidencialidade.

#### 3.3.1 Tempo

O tempo pode ser dividido em tempo de referência e tempo do evento. O ato de fala que se realiza no presente se refere a um tempo que pode estar no passado, no presente ou no futuro. No momento da realização do ato de fala, o falante ancora a proposição a um determinado tempo, conforme lhe convenha (GIVÓN, 2001, p. 285-6).

O tempo está associado à sequência de eventos que ocorrem em tempo real e pode ser informado no próprio verbo, com afixação de morfema na raiz da palavra verbal, ou por meio de partículas presentes na sentença, mas separadas do verbo (PAYNE, 1997). Na mesma direção Klein (2009) discorre que muitas línguas expressam tempo linguístico de forma gramaticalizada, por meio de morfema no verbo, enquanto outras expressam por meio de advérbios ou de partículas.

Klein (2009, p. 40-41) afirma que existem seis dispositivos para codificar o tempo nas línguas: tempo, aspecto, aktionsart, adverbiais temporais, partículas temporais e princípios do discurso. Segundo Klein (2009) a noção de tempo está associada ao verbo e tradicionalmente o

tempo é dividido em passado, presente e futuro, embora a noção de tempo não se resuma apenas a essas três formas.

Em relação à representação de tempo (passado, presente e futuro), há argumentos que dizem que esta noção está ligada à definição ocidental de representação linear do tempo nas línguas indo-europeias e que as línguas de fora deste domínio, com descrição mais recente, como as línguas indígenas das Américas, Ásia, África etc., teriam eventos cíclicos de tempo (KLEIN, 2009). No entanto, Comrie (1984, p. 4-5) argumenta que mesmo nas línguas com representação cíclica de tempo, estes ciclos são organizados de forma, cronológica, linear, já que estas sociedades pensam o tempo como indo do passado em direção ao futuro e não ao contrário ou aleatoriamente.

Os falantes de determinada língua usam diferentes estratégias para marcar o tempo de realização do evento. Em muitas línguas, como no caso do inglês, o tempo é gramaticalizado no verbo, ou seja, a distinção entre os diferentes tempos é expressa no próprio verbo; por outro lado, existem línguas, como no caso do Mëbêngôkre, em que o tempo é lexicalizado, ou seja, a distinção entre os diferentes tempos é expressa por meio de partículas.

Em Mëbêngôkre, as partículas que expressam a noção de tempo ocorrem em uma posição fixa na sentença, antecedendo o sintagma verbal, e quando é expressa, figura no campo esquerdo da oração, de acordo com Salanova (2007, p. 22) e se associa a determinadas construções, com a função de atribuir valor temporal a estas (REIS SILVA, 2001; SALANOVA, 2007; COSTA, 2015).

A partícula que expressa a noção de tempo em Mëbêngôkre não faz distinção gramatical entre referência temporal passada ou presente, mas sim entre futuro e não-futuro. Na variedade do Mëbêngôkre abordada nesta tese, as partículas *ně* ‘não-futuro’ e *dza* ‘futuro’ ocorrem na posição posposicionada ao nominal ou ao pronominal de terceira pessoa (081) a (083). No caso de sujeito pronominal de primeira e segunda pessoas (084) e (085), a partícula de tempo ocorre logo após a forma topicalizada.

081    mē    priɛ            nē    mē    piɖɔ̃    krē  
          PL    criança            NFUT   PL    fruta    comer.V  
          ‘As crianças comeram as frutas.’ (fala espontânea)

082    mē    priɛ            dza    mē    piɖɔ̃    krē  
          PL    criança            FUT    PL    fruta    comer.V  
          ‘As crianças vão comer as frutas.’ (fala espontânea)

083 tam jā nē i-bĩ  
 3SG DEM NFUT 1SG-matar.V  
 ‘Ele me matou.’ (elicitação)

084 ba nē ba i-prõt  
 1SG NFUT 1SG 1SG-correr.V  
 ‘Eu corri/estou correndo.’ (elicitação)

085 ga dʒa ga ɔmũ  
 2SG FUT 2SG ver.V  
 ‘Você vai ver (Kayapó).’ (fala livre)

O tempo do evento pode ser expresso também por meio de itens lexicais presentes na sentença, tais como os adverbiais *jākām* ‘hoje/agora’, *amũjãʔã* ‘ontem’, *kruríp* ‘amanhã’, *aríp* ‘já’, conforme exemplos de (086) a (090) a seguir. Esses advérbios ocorrem na primeira posição e são seguidos das partículas de tempo, exceto quando ocorre a duplicação dos pronomes, como em (090), em que a partícula de tempo ocorre entre as duas formas pronominais.

086 jākām nē mēbenokre tep ɔ abi  
 ADV NFUT Mēbêngôkre peixe fazer subir  
 ‘Os Mēbêngôkre estão pescando.’ (fala livre)

087 amũjãʔã nē ba a-ɔmũ  
 ADV NFUT 1SG 2SG-ver  
 ‘Ontem, eu vi você.’ (elicitação)

088 kruríp ba dʒa ba a-pumũ  
 ADV 1SG FUT 1SG 2SG-ver  
 ‘De manhã, eu vou ver você. (elicitação)

089 aríp nē ba kokrajmôr kãm tēm nē mojkΛΛkô kãm tē [...]  
 ADV NFUT 1SG Kokrajmôro LOC ir CONJ Mojkàràkô LOC ir  
 ‘Eu já fui para a Kokraxmôro, Mojkàràkô [...]’ (fala livre)

- 090 arip nẽ ba kokrajmôr pumũ nẽ Mojkaλλλkô pumũ [...]  
 ADV NFUT 1SG Kokrajmôr ver CONJ Mojkarakô ver  
 ‘Eu já conheço a Kokraxmôr, Moxkàràkô [...].’ (fala livre)

A generalização que pode ser feita para a partícula de tempo seria que, esta ocorre na periferia esquerda da sentença, na segunda posição. Assim, quando ocorre um advérbio, a partícula de tempo vem após o advérbio e antes do sujeito. Quando o sujeito é um nominal ou um pronome de terceira pessoa, na primeira posição da sentença, a partícula de tempo vem após o sujeito. Quando o sujeito pronominal é formado pelas primeira e segunda pessoas do discurso e é topicalizado, ocorrendo então uma duplicação dos pronomes, a partícula de tempo ocorre entre as formas pronominais.

Deve-se observar que a partícula *nẽ* tem mais de um uso. Pode ser marca de tempo não-futuro e conjunção coordenativa, como é o caso de (089) e (090). Nestes casos, *nẽ* ocorre duas vezes, como marca de tempo não-futuro e como elemento de ligação de orações coordenadas. Existe correlação entre a forma do verbo, o alinhamento da marcação de caso e o tempo na língua, uma vez que, segundo Salanova (2007, p. 73-4), ‘nas sentenças de alinhamento nominativo-acusativo, o tempo e o verbo estão ligados diretamente’, ao passo que no alinhamento ergativo-absolutivo, o tempo e o verbo não são ligados diretamente.

Neste caso, é possível perceber que em construções ergativas, a ligação do tempo não se dá com o predicado mais baixo na hierarquia, o verbo na forma nominal, mas com aquele que ocupa a posição mais alta, o negador *ket* que é o predicado principal e que faz da sentença nominal seu complemento, conforme exemplo (092).

- 091 ga nẽ ga tɛp krẽ  
 2SG NFUT 2SG peixe comer.V  
 ‘Você comeu/está comendo o peixe.’ (elicitação)
- 092 aje tɛp krẽɲ ket  
 2SG peixe comer.N NEG  
 ‘Você não comeu/não está comendo o peixe.’ (elicitação)

Nos casos acima, pode-se observar a diferença na relação do tempo com o predicado, pois, em (091) o núcleo do predicado *krẽ* com seu complemento *tɛp*, se liga ao tempo e o

resultado destes se liga ao nominativo, enquanto que em (092), o núcleo *krên* com seu complemento *tɛp* mais o sujeito *aje* se liga à negação, esta mais alta na hierarquia, e o resultado destes é que se liga com o tempo (SALANOVA, 2007).

### 3.3.2 Aspecto

O aspecto é a categoria gramatical que representa distinções na estrutura temporal do evento. Dentre as possíveis organizações temporais, os eventos podem possuir uma estrutura interna ou ser um todo não passível de análise; podem ser durativo ou momentâneo; podem se resumir a uma única ocorrência ou a repetição de várias ocorrências. Os eventos podem ser vistos começando, continuando ou terminando (TRASK, 2015).

Para Klein (2009, p. 40 e 52) aspecto é uma categoria gramatical do verbo que pode ser flexionado. O aspecto é a expressão de um ponto de vista do falante sobre a situação descrita pela frase, sendo comum a distinção entre imperfectivo, com a situação expressa em andamento, e, perfectivo, com a situação concluída.

Distinções aspectuais também são expressas através de partículas em Mëbêngôkre. Partículas como *arip* ‘já’ e *rãʔã* ‘ainda’, entre outras, são expressas em diferentes posições na sentença, ou na periferia esquerda ou posposicionada ao núcleo verbal. As construções (093) e (094) a seguir, exibem exemplos de partículas aspectuais.

093    *arip*    *ba*    *ɔmũ*  
           ADV    1SG    ver.V  
           ‘Eu já vi.’ (elicitação)

094    *ta*    *wã*    *nẽ*    *arek*    *õt*    *rãʔã*  
           3SG    DEM    NFUT    lento    dormir.N    ADV  
           ‘Ele ainda está dormindo.’ (elicitação)

No exemplo (093) acima, o evento apresenta um fato concluído, perfectivo e, a posição da partícula é na periferia esquerda da sentença; por outro lado, no exemplo (094), a leitura é de um fato em progressão, ainda não concluído, estendendo-se no tempo, imperfectivo e, a posição ocupada pela partícula é pós sintagma verbal.

Há também um tipo de construção em Mëbêngôkre, em que é feita a distinção em relação ao aspecto progressivo. Este tipo de construção é composto por uma oração que é

subordinada por uma construção progressiva (SALANOVA, 2007, p. 59). As construções progressivas são compostas pela posposição  $\circ$  mais um verbo auxiliar, sendo este um verbo intransitivo que denota posição (ou postura) do sujeito.

095   ba    nẽ    ba    kukrẽn     $\circ$     ji  
       1SG   NFUT   1SG   comer.N    $\circ$     estar.sentado.V  
       ‘Eu estou comendo (sentado).’ (elicitação)

096   piʔòkjakrẽndzwiŋ    nẽ    mẽmi           abatɔj piʔòkjarẽn     $\circ$     dza  
       professor                   NFUT   homem           grande ensinar.N    $\circ$     estar.em.pé.V  
       ‘O professor está ensinando para os homens (o professor está em pé).’ (fala livre)

Nesses exemplos, em (095) e (096), a posposição  $\circ$  ocorre com os auxiliares progressivos, que indicam posição. Essa construção com  $\circ$  + *aux* toma como argumento a oração principal que funciona como seu complemento. De acordo com Reis Silva (2001, p. 35-8) em Mẽbêngôkre, o  $\circ$  ocorre como um verbo leve com o sentido de fazer, conectado à construção progressiva.

Para Reis Silva (Op. cit.); Salanova (2014, p. 157)  $\circ$  tem uso variado: como posposição com sentido instrumental em orações transitivas, e como transitivizador e/ou causativizador.

Nos exemplos (097) e (098) a seguir, vemos a amostra de alguns dos usos da posposição  $\circ$  e o seu significado. Em (097), a posposição  $\circ$  ocorre como um instrumento. Já em (098) a posposição  $\circ$  ocorre como um causativo.

097   ba    nẽ    ba    katõk            $\circ$     kukrit bĩ  
       1SG   NFUT   1SG   espingarda    INST   anta   matar.V  
       ‘Eu matei a anta com a espingarda.’ (elicitação)

098   ba    ŋô    raj    kãm    tep     $\circ$     abi  
       1SG   água   grande   LOC   peixe   fazer   subir  
       ‘Eu pesco no rio.’ (elicitação)

Na seção a seguir será descrita sucintamente a categoria modo, a qual mantém relação com as categorias de tempo e aspecto.

### 3.3.3 Modo

A categoria modo se refere à atitude do falante em relação a determinada situação e se distingue basicamente em *realis* vs. *irrealis*. O modo *realis* vs. *irrealis* mantém relação estreita com as categorias de tempo e aspecto, uma vez que quando um evento aconteceu, ele está no modo *realis*, aspecto *perfectivo* e tempo *passado*. O modo *irrealis* é frequentemente associado a tempo *futuro* e à *negação* (PAYNE, 1997).

O Mëbêngôkre expressa o modo *realis* e *irrealis* na oposição entre as formas *finita* vs. *não-finita*, conforme exemplos (099) e (100) a seguir.

099    ga    nẽ    ga    i-pumũ  
        1SG   NFUT   2SG   1SG-ver.V  
        ‘Você me viu/está me vendo.’ (elicitación)

100    aje    i-pumũŋ    ket  
        2SG   1SG-ver.N    NEG  
        ‘Você não me viu/não está me vendo.’ (elicitación)

Nos exemplos (099) e (100) observa-se a ocorrência da oposição entre o modo *realis* vs. *irrealis*. Neste caso, a forma longa do verbo *pumũŋ* ‘ver’ está relacionada ao modo *irrealis*, ao passo que a forma curta *pumũ* ‘ver’ é a indicação que está relacionada ao modo *realis*. A marca de modo mantém relação com o tempo, já que a partícula *nẽ* (099), indica o tempo *não-futuro*.

### 3.3.4 Evidencialidade

Evidencialidade refere-se à percepção visual, auditiva ou inferida pelo falante ou, que é reportada por alguém, acerca de determinado enunciado. Nem todas as línguas têm a evidencialidade como uma categoria gramatical (AIKHENVALD, 2003, p. 1-31). Nos termos de Willett (1988) a evidencialidade se divide em *direta* (visual, auditiva e sensorial) e *indireta* (reportada e inferida).

Nas línguas em que há manifestação da evidencialidade, a gramaticalização desta é manifestada no enunciado por meio de diferentes morfemas. Em Tariana (língua Aruak), por exemplo, para que determinado enunciado tenha sentido completo, o falante precisa utilizar

morfemas em torno do verbo para marcar a evidencialidade, sob pena de agramaticalidade e não naturalidade da frase (AIKHENVALD, 2004, p. 1-3), conforme (101) e (102).

101 Juse irida di-manika-**ka**  
 José futebol 3SGNF-jogar-REC.P.VIS  
 ‘José jogou futebol (nós vimos).’<sup>47</sup>

102 Juse irida di-manika-**mahka**  
 José futebol 3SGNF-jogar-REC.P.NONVIS  
 ‘José jogou futebol (nós ouvimos).’<sup>48</sup>

Os exemplos acima mostram que nos dois casos o resultado é o mesmo, a ação de José jogar futebol, no entanto, a informação é baseada na percepção visual no primeiro caso e auditiva no segundo caso, o que é indicado pelos morfemas *-ka* e *-mahka*, respectivamente.

A evidencialidade em Mëbêngôkre parece estar contida nos marcadores de tempo-aspecto-modo, não se constituindo em uma categoria gramatical com expressão de morfema independente na construção.

---

<sup>47</sup> Trecho original: ‘José has played football (we saw it).’

<sup>48</sup> Trecho original: ‘José has played football (we heard it).’

#### 4 MARCAÇÃO DE ARGUMENTOS, RELAÇÕES SINTÁTICAS E ALINHAMENTO MORFOSSINTÁTICO

Este capítulo tem por objetivo tratar da forma de marcação dos argumentos dos verbos e dos tipos de alinhamento morfossintático que são identificados na língua Mëbêngôkre. Discute-se os critérios utilizados para definir os argumentos do verbo e identificar as relações sintáticas entre estes argumentos e o verbo, além de caracterizar os principais tipos de alinhamento morfossintático e como eles se realizam na língua.

Nas orações Mëbêngôkre, os argumentos expressos pelas formas pronominais podem ocorrer da seguinte forma: os pronomes independentes expressam o nominativo e o ergativo; o absolutivo e o acusativo são indexados no verbo na forma de prefixos. Quando se trata de argumentos não-canônicos, o prefixo que expressa o sujeito (experienciador) é marcado por uma posposição dativa ou locativa e o estímulo, equivalente ao objeto, é prefixado ao predicado.

Observa-se que o fator gerador das formas de alinhamento em Mëbêngôkre é o padrão encontrado nas línguas da família Jê, baseado na relação entre o alinhamento da marcação de casos e a forma do verbo (BARDAGIL-MAS, 2018), pois, conforme já foi mencionado anteriormente neste trabalho, não existe distinção lexical entre nomes e verbos em Mëbêngôkre, a distinção só é feita ao se tratar da estrutura de argumentos (SALANOVA, 2007).

Ainda sobre as categorias nome e verbo, Salanova (2007, p. 94) propõe que:

as formas nominais dos verbos devem ser consideradas morfologicamente básicas, enquanto as formas propriamente verbais são derivadas pela fusão da raiz com v. v também está associado à marcação nominativo-acusativa dos argumentos, em oposição à marcação ergativo-absolutiva empregada em orações que têm como núcleo verbos não-finitos.<sup>49</sup>

Uma questão importante a ser considerada é a relação existente entre transitividade e função sintática dos argumentos S, A e O<sup>50</sup> ou S, A e P<sup>51</sup>, em que os papéis semânticos e sintáticos agem sobre determinadas estruturas sentenciais, a fim de determinar o tipo de alinhamento que se estabelece nessa relação.

As propriedades formais que identificam as relações gramaticais que ocorrem nas línguas são a marcação de caso, a marcação de referência do participante nos verbos e a ordem

---

<sup>49</sup> Trecho original: the nominal forms of verbs have to be considered morphologically basic, while the properly verbal forms are derived by merging the root with v. v is also associated with nominative-accusative marking on the arguments, as opposed to the ergative-absolutive employed in clauses headed by non-finite verbs.

<sup>50</sup> Conforme Dixon (1994).

<sup>51</sup> Conforme Comrie (1989).

dos constituintes (PAYNE, 1997). Esses três aspectos serão tratados em mais detalhes nas seções seguintes.

Em relação à marcação de caso, há cinco tipos logicamente possíveis de ocorrerem, resultando nos padrões de alinhamentos a seguir. O alinhamento nominativo-acusativo tem S=A em oposição a P. O alinhamento ergativo-absolutivo tem S=P em oposição a A. Esses dois tipos são os mais comuns nas línguas do mundo. O alinhamento neutro tem S, A e P marcados da mesma forma, sendo que as línguas que têm esse sistema usam outras estratégias, como a concordância verbal ou a ordem de palavras para definir A e P na construção transitiva. O alinhamento tripartite tem S, A e P marcados distintamente, sendo raro esse tipo de marcação. O quinto tipo de alinhamento apresenta A=P alinhados em oposição a S. Este tipo de marcação de caso, assim como o tripartite, é um tipo raro nas línguas do mundo (COMRIE, 1989).

Gildea e Castro Alves (2010) argumentam que algumas línguas Jê e Caribe apresentam um padrão de alinhamento dos argumentos que não é o padrão comum e propõem um sistema de alinhamento misto: o nominativo-absolutivo, no qual o argumento S recebe marcação igual a A e a P ao mesmo tempo. Esse tipo de alinhamento nominativo-absolutivo já havia sido descrito para o Canela/Apãniekra, por Castro Alves (2004 e 2010).

O Mëbêngôkre apresenta duas formas de marcar A/S, referidas nesta tese como marcação canônica e marcação não-canônica dos sujeitos. Os sujeitos marcados não-canonicamente ocorrem da seguinte forma: o dativo ocorre com a posposição *mã* e o locativo ocorre com as posposições *kãm*, *jã* e *bê*.

A próxima seção tratará da forma como os argumentos S, A e P são marcados canonicamente em Mëbêngôkre.

#### 4.1 CATEGORIAS DE ARGUMENTOS

Nas últimas décadas, os trabalhos na área da linguística descritiva vêm discutindo sobre a definição dos termos constituintes dos argumentos do verbo. Entre os principais trabalhos publicados, pode-se destacar: Comrie (1989); Dixon (1994); Payne (1997), entre outros. O tema envolvendo S, A e P vem sendo debatido desde os anos 1970, quando estes termos começaram a ser definidos, a ponto de hoje se encontrarem bastante consolidados na literatura (HASPELMATH, 2011).

Witzlack-Makarevich e Bickel (2013) postulam que a distinção entre argumento e adjunto é melhor percebida pela semântica, e propõem que para distinguir argumentos e adjuntos, é preciso fazer uma análise léxico-semântica completa, individualmente de cada

verbo. Witzlack-Makarevich; Bickel (Op. cit., p. 125) apresentam as seguintes considerações sobre a definição de argumento *versus* adjunto:

Uma expressão dependente é um argumento de um predicado se sua função na situação for atribuída por esse predicado. Este não é o caso dos adjuntos. Vista desta forma, a distinção argumento vs. adjunto é exclusivamente semântica e independente da forma como uma oração dependente é expressa. Além disso, a distinção argumento vs. adjunto é ortogonal à questão de saber se uma oração dependente é sintaticamente obrigatória ou omissível. Os argumentos são frequentemente omitidos na maioria dos idiomas.<sup>52</sup>

A discussão sobre os argumentos do verbo nas mais variadas línguas do mundo tem proporcionado melhor compreensão da morfossintaxe das línguas europeias e das línguas de outras regiões do mundo como as Américas, Ásia, África etc. O trabalho de Dixon sobre a língua Dyirbal foi muito promissor neste sentido, pois deu início a uma série de estudos relacionados à ergatividade, a partir da década de 1970.

Dixon (1994) afirma que o verbo como núcleo do predicado requer argumentos que são definidos em torno de sua natureza semântica e características formais. Deste modo, os argumentos centrais de verbos transitivos e intransitivos S, A e O indicam as relações gramaticais entre estes, relacionam-se entre si e são definidos considerando características semânticas e propriedades universais do predicado em relação aos argumentos.

Dixon (Op. cit.) caracteriza argumentos centrais como aqueles que são exigidos pela estrutura argumental do verbo e argumentos que são opcionais como periféricos. Assim, argumentos centrais são S, argumento do verbo intransitivo; A, argumento mais agente do verbo transitivo e O, argumento mais paciente do verbo transitivo.

A terminologia S, A e O de Dixon (Op. cit.) concorre com outras, como a de Comrie (1989) e a de Payne (1997), que definem esses termos como S, A e P. Comrie (1989) define S, A e P da seguinte forma: S único argumento de um predicado intransitivo; A é o elemento mais agente da sentença transitiva e, P é o elemento mais paciente da sentença transitiva. Além das terminologias propostas por Dixon (1994); Comrie (1989) e Payne (1997) há também a proposta de Lazard (1997) para os argumentos centrais do verbo. Os termos dessa proposta são (X, Y e Z), em que X equivale a A, Y equivale a O/P, e, Z equivalente a S.

Para Payne (1997) nas relações gramaticais os argumentos S, A e P relacionam-se com o predicado assumindo formas independentes e autônomas de influências semânticas e

---

<sup>52</sup> A dependent expression is an argument of a predicate if its role in the situation is assigned by this predicate. This is not the case for adjuncts. Seen this way, the argument vs. adjunct distinction is exclusively semantic and independent of the way a clausal dependent is expressed. Also, the argument vs. adjunct distinction is orthogonal to the question of whether a clausal dependent is syntactically obligatory or omissible. Arguments are frequently omitted in most languages.

pragmáticas. E a definição desses argumentos pode geralmente ser feita por meio de três formas: marcação de caso, indexação no verbo e pela ordem de constituintes.

Nesta tese optou-se por utilizar a definição (S, A e P) para os argumentos centrais do verbo, seguindo a proposta de Comrie (1989) e de Payne (1997).

#### 4.1.1 Marcação de caso nominal

Esta seção discutirá a marcação de caso nominal com o objetivo de mostrar como os argumentos do verbo são marcados em Mëbêngôkre. Nesta língua, apenas os pronomes recebem a marcação de caso morfológico.

Um dos padrões de marcação de caso nas línguas ocorre quando somente P recebe marcação de caso, enquanto S e A não são marcados. O outro padrão de marcação de caso encontrado, é quando S e A são marcados da mesma forma, em oposição ao P que não recebe marcação (PAYNE, 1997).

Outro agrupamento de S, A e P ocorre quando S e P são marcados da mesma forma, em oposição a A que não é marcado (PAYNE, Op. cit.).

Já na marcação de caso tripartite, os três argumentos S, A e P são marcados de forma distinta. O caso neutro, por outro lado, ocorre quando os argumentos S, A e P recebem a mesma marcação ou não são marcados (PAYNE, Op. cit.).

A seguir serão apresentados exemplos de marcação de caso nominal em sintagmas nominais livres, extraídos da literatura disponível, ilustrando cada um desses tipos de marcação, para depois apresentarmos os padrões encontrados em Mëbêngôkre.

O Quechua, grupo de línguas da Cordilheira dos Andes na América do Sul, manifesta o sistema nominativo-acusativo, com marcação de P. No exemplo (103) a seguir, o  $\emptyset$  (morfema zero) marca S e A, enquanto o *-ta* marca o P (PAYNE, 1997), ou seja, P é marcado em oposição a S/A que não recebem marcação.

103 a Juan- $\emptyset$  aywan (adaptado de Weber (1989). In: Payne, 1997, p. 134)  
 Juan-NOM ir  
 ‘Juan vai.’<sup>53</sup>

<sup>53</sup> Trecho original: ‘Juan goes.’



	S	V	
105 a	Doris-aq	ayallruuq	(Payne, 1997, p. 135)
	Doris-ABS	viajou	
	'Doris viajou.' <sup>58</sup>		

	A	P	V
b	Tom-am	Doris-aq	cingallrua
	Tom-ERG	Doris-ABS	cumprimentar
	'Tom cumprimentou Doris.' <sup>59</sup>		

No exemplo (106), da língua Hindi, mostra o alinhamento tripartite. Neste caso, o S *laRkaa* não recebe marcação, o A *laRke* recebe a marcação *ne* 'ERG' que requer o argumento A no oblíquo, enquanto o P recebe a marcação com a posposição *ko* 'ACC' (COMRIE, 2013).

	S		V	
106 a	laRkaa	kal	aay-aa	(McGregor, 1977)
	menino	ontem	vir.AOR-SG.M	
	'O menino veio ontem.' <sup>60</sup>			

	A		P		V
b	laRke	ne	laRkii	ko	dekh-aa
	menino.OBL	ERG	menina	ACC	ver-SG.M
	'O menino viu a menina.' <sup>61</sup>				

O exemplo (107), do Mandarin, expressa o alinhamento neutro. Neste caso, S *rén*, A *zāngsān* e P *lǐsì*, recebem a mesma marcação de caso (COMRIE, 2013).

107 a	rén	lái	le	(Li; Thompson, 1981, p. 20)
	peessoa	vir	CRS	
	'A pessoa veio.' <sup>62</sup>			

<sup>58</sup> Trecho original: 'Doris traveled.'

<sup>59</sup> Trecho original: 'Tom greeted Doris.'

<sup>60</sup> Trecho original: 'The boy came yesterday.'

<sup>61</sup> Trecho original: 'The boy saw the girl.'

<sup>62</sup> Trecho original: 'The person has come.'

b zāngsān      mà              lìsì    le      ma  
 Zangsan      repreender    Lisi    CRS    Q  
 ‘Zhangsan repreendeu Lisi?’<sup>63</sup>

Em Měbêngôkre não há marcação de caso em sintagmas nominais lexicais, conforme exemplos (108) e (109) a seguir. Nestes casos, S, A e P não recebem nenhuma marcação formal. No exemplo (109), o que determina A e P é a posição destes em relação ao verbo. Como veremos na próxima seção 4.1.3, a língua apresenta núcleo final, com A e P antecedendo o verbo, na ordem APV.

	S		V
108	ropkrori	ně	tì
	onça	NFUT	morrer
	‘A onça morreu.’ (elicitação)		

	A		P		V
109	mēmī	ně	ropkrori	bī	
	homem	NFUT	onça		matar
	‘O homem matou a onça.’ (elicitação)				

No entanto, quando S/A/P são pronomes ocorrem as seguintes formas: A=S são expressos por pronomes independentes da série nominativa e P é expresso por prefixo verbal; S=P são expressos por prefixos verbais e A é expresso por pronomes independentes da série ergativa, conforme descrito no quadro 5, página 65.

Nos exemplos de (110) a (112), observa-se que os verbos intransitivos *tĩ* ‘cair’ e *tì* ‘morrer’, assim como o verbo transitivo *pumũ* ‘ver’, ambos na forma finita têm A/S expressos por pronomes independentes da série nominativa. Nestes casos, A/S não recebem nenhuma marcação formal.

<sup>63</sup> Trecho original: ‘Did Zhangsan scold Lisi?’

TOP            S     V  
 110   ba   nẽ   ba   tĩ  
       1SG   NFUT   1SG   cair  
       ‘Eu caí/estou caindo.’ (elicitação)

TOP            S     V  
 111   ba   nẽ   ba   tí  
       1SG   NFUT   1SG   morrer  
       ‘Eu morri/estou morrendo.’ (elicitação)

TOP            A     p-V  
 112   ba   nẽ   ba   a-pumũ  
       1SG   NFUT   1SG   2SG-ver  
       ‘Eu vi você.’ (elicitação)

Por outro lado, em (113) a (115) a seguir, observa-se os mesmos verbos intransitivos *tĩ* ‘cair’ e *tí* ‘morrer’, assim como o verbo transitivo *pumũ* ‘ver’, ambos na forma não-finita têm A/S expressos por pronomes independentes da série nominativa. Nestes casos, S/P são marcados na forma de prefixo no verbo, enquanto A não recebe marcação.

TOP            S     s-V  
 113   ba   nẽ   ba   i-tĩm     ket  
       1SG   NFUT   1SG   1SG-cair     NEG  
       ‘Eu não caí/não estou caindo.’ (elicitação)

TOP            S     s-V  
 114   ba   nẽ   ba   i-tík     ket  
       1SG   NFUT   1SG   1SG-morrer     NEG  
       ‘Eu não morri/não estou morrendo.’ (elicitação)

TOP            A     A     p-V  
 115   ba   nẽ   ba   ije   a-pumũŋ     ket  
       1SG   NFUT   1SG   1SG   2SG-ver     NEG  
       ‘Eu não vi/não estou vendo você.’ (elicitação)

Os exemplos (110), (111), (113) e (114), acima, ilustram o padrão de intransitividade cindida aplicada ao mesmo grupo de verbos, com os exemplos dos verbos *tĩ* ‘cair’ e *tĩ* ‘morrer’, que ora marcam o S de modo paralelo ao A, ou seja, S<sub>A</sub>, e ora o marcam paralelo ao P, S<sub>P</sub>.

A duplicação de A/S já foi descrita e analisada nas línguas da família Jê do Norte, por Gildea; Castro Alves (2016), com dados do Canela-Apãniekra, Suyá e Mëbêngôkre. Também já foi descrito para o Mëbêngôkre, por Reis Silva (2001) e por Salanova (2007), mas a descrição feita por estes últimos autores foi de caráter preliminar e ainda há espaço para que seja feita uma descrição e análise mais detida.

No trabalho de Reis Silva (2001, p. 45) identifica-se a descrição do pronome ergativo (116) e, no trabalho de Salanova (2007, p. 34-5) identifica-se a descrição do pronome ergativo (117) e absoluto (118), ambos duplicados pelo pronome nominativo.

	TOP		A	A	OI		P		V
116	ba	ně	ba	ije	měprĩrɛ	mã	ɖɔwɔpɔj	jõr	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG	criança	DAT	bolacha	dar	NEG
	‘Eu não dei bolacha para as crianças.’								

	A	A	V
117	ba	ije	ir
	1SG	1SG	3.fazer.abaixar
	‘Eu abaixei.’ <sup>64</sup>		

	S	s-V
118	ba	i-têm
	1SG	1-ir
	‘Eu vou.’ <sup>65</sup>	

A respeito dos pronomes da série ergativa, (cf. Quadro 05, p. 65), é possível que tenham se desenvolvido a partir da junção dos prefixos de pessoa mais uma marca de caso ergativo. De acordo com Reis Silva (2001, p. 45) ‘a impossibilidade de duplicação dos pronomes ergativos talvez se explique por se tratar de uma forma composta que diacronicamente se originou da fusão de um pronome mais uma posposição’.

<sup>64</sup> Trecho original: I put it down.

<sup>65</sup> Trecho original: I go.

Seguindo essa hipótese, a primeira pessoa ergativa singular *ije* e a segunda pessoa ergativa singular *aje* seriam resultado da junção do prefixo *i-/a-* com a forma ergativa *je*, conforme exemplo (119) a seguir.

119    *i-je*    *mar*                    *ket*  
           1SG    *saber.N*                NEG  
           ‘Eu não sei.’

Línguas da família Jê, como as do complexo Timbira: Parkatejê (FERREIRA, 2003), Apãniekra (CASTRO ALVES, 2018) e Apinajé (OLIVEIRA, 2005), apresentam a posposição ergativa *te*. Nessas línguas, as 1s e 2s pessoas ergativa podem ser comparadas com as formas dos pronomes de 1s e 2s ergativa do Mëbêngôkre. A 2s ergativa *a-te*, das línguas do complexo Timbira mantém relação com a 2s ergativa *a-je* do Mëbêngôkre. Para a 1s ergativa *i-te* a relação é a mesma observada para a 2s, no Mëbêngôkre é *i-je*, a única variação que ocorre é na 1s ergativa do Apinajé, que apresenta um segmento *a* mais no prefixo *ic-te*.

O pronome de terceira pessoa *ku-* com a posposição ergativa *te*, em Mëbêngôkre, poderia também ser uma forma complexa historicamente, uma vez que ele pode ter se desenvolvido da junção dos prefixos de pessoa *ku-* mais a forma ergativa *te*, conforme (120).

120    *ku-te*    *a-bĩn*                    *ket*  
           3SG    2SG-matar.N        NEG  
           ‘Ele não matou você.’ (elicitação)

121    *tam*    *jã*    *nẽ*    *a-bĩ*  
           3SG    DEM    NFUT    2SG-matar.V  
           ‘Ele matou você.’ (elicitação)

A análise dos exemplos (120) e (121) indica que a partícula *te* além de ser marca de ergatividade também é usada na distinção entre forma (finita x não-finita) do verbo, pois ocorre somente em construções não-finitas. Em (121) o verbo está na forma finita e o sujeito é da série nominativa. Além da distinção das formas, observa-se uma correlação com a marcação de tempo, pois a forma com o sujeito da série ergativa (120) não expressa a marca de tempo, diferentemente de quando o sujeito é da série nominativa (121) em que a marca de tempo é expressa, discussão que será feita mais à frente.

Ribeiro-Silva (2016, p. 39) descreveu que em Parkatêjê a forma ergativa marcando o sujeito só ocorreria no tempo passado, aspecto perfectivo. Para a variedade do Mëbêngôkre, objeto desta tese, essa afirmação não pode ser feita de modo contundente, já que, pelo menos no caso da 3ª pessoa, se percebe a ocorrência de *ku-*, posicionado pela partícula ergativa *te* em construções no futuro, conforme exemplos (122) e (123) a seguir. Observa-se, no exemplo (122), a duplicação do sujeito ergativo pela forma nominativa *tam*.

122    *tam*    *jã*    *dza*    *ku-te*    *ŋô*    *ɔjkõŋ*    *ket*  
          3SG    DEM    FUT    3SG.ERG    água    beber.N    NEG  
          ‘Ele não vai beber água.’ (elicitação)

123    *ku-te*    *mëbenokre*    *ŋõ*    *kukrëndʒa*    *bir*    *kadzi*  
          3SG-ERG    Mëbêngôkre    GEN    comer    buscar.N    PROSP  
          ‘Os Mëbêngôkre vão buscar a comida deles.’ (texto)

De modo geral, o caso ergativo parece estar perdendo vitalidade na língua Mëbêngôkre, pois, apesar de haver ainda o uso do enclítico ergativo nos sintagmas pronominais, mesmo nas situações com ocorrência dos pronomes ergativos, percebe-se a presença dos pronomes nominativos, duplicando o argumento (BARDAGIL-MAS, 2019).

O exemplo (124) serve como um possível indicador da mudança em processo, uma vez que o pronome ergativo *ije* está sendo duplicado pelo pronome nominativo *ba*.

TOP            A    A    P    V  
 124    *ba*    *nẽ*    *ba*    *ije*    *tep*    *krẽn*    *ket*  
          1SG    NFUT    1SG    1SG    peixe    comer.N    NEG  
          ‘Eu não comi/não como peixe.’ (elicitação)

Observa-se que é muito recorrente a duplicação do sujeito pelo pronome nominativo, nos dados da variedade do Mëbêngôkre de São Félix do Xingu. Isto não parece ocorrer apenas com pronomes absolutivos, indexados no predicado verbal (125) ou não-verbal (126) a seguir.

TOP            S        s-Pred  
 125    ba    nẽ    ba    i-ŋrik  
       1SG   NFUT   1SG   1SG-ter.raiva  
 ‘Eu estou com raiva.’ (elicitação)

TOP            S        s-V  
 126    ba    nẽ    ba    i-kəkət  
       1SG   NFUT   1SG   1SG-sorrir.V  
 ‘Eu sorri/estou sorrindo.’

Ocorre também a duplicação do pronome ergativo pelo nominativo, conforme exemplo (124) acima e (127) a seguir.

TOP            A        A        P            V  
 127    ga    nẽ    ga    aje    tɛp    ɔ    abir            ket  
       2SG   NFUT   2SG   2SG   peixe   ɔ    subir.N        NEG  
 ‘Você não pescou/não pesca.’ (elicitação)

O fato de o A, caso ergativo, estar sendo duplicado pelo pronome nominativo, permite pensar diacronicamente em possíveis estágios por que este fenômeno vem passando ao longo do tempo, possibilitando a seguinte hipótese:

Inicialmente, S seria expresso pelo prefixo de pessoa no verbo, A seria pelo pronome ergativo e S=P seriam indexados no verbo, conforme (128) e (129) a seguir.

128    i-prõt  
       1SG.ABS-correr.V  
 ‘Eu corri/corro.’ (elicitação)

129    ije                    a-pumũŋ                    ket  
       1SG.ERG        2SG.ABS-ver.N        NEG  
 ‘Eu não vi/não vejo você.’ (elicitação)

Posteriormente, S seria expresso pelo prefixo de pessoa no verbo, duplicado pelo pronome nominativo. A seria expresso pelo pronome livre ergativo. Por um lado, tem-se o

alinhamento absolutivo S=P, com os argumentos S=P seriam expressos indexados no verbo. Por outro lado, tem-se o alinhamento nominativo S=A, ambos expressos por pronomes: S expresso pelo pronome nominativo e A expresso pelo pronome ergativo, conforme exemplos (130) e (131) a seguir.

130   ba    nẽ    ba            i-prõt  
       1SG   NFUT   1SG.NOM    1SG.ABS-correr.V  
       ‘Eu corri/estou correndo.’ (elicitação)

131   ijẽ                a-pumũŋ           ket  
       1SG.ERG        2SG.ABS-ver.N    NEG  
       ‘Eu não vi/vejo você.’ (elicitação)

Mais recentemente, S continua sendo expresso pelo prefixo de pessoa no verbo e A pelo pronome ergativo, ambos são duplicados pelo pronome nominativo, o que resulta no alinhamento nominativo-absolutivo S=A e S=P, conforme exemplos de (132) a (134) a seguir.

132   ba    nẽ    ba            i-prõt  
       1SG   NFUT   1SG.NOM    1SG.ABS-correr.V  
       ‘Eu corri/estou correndo.’ (elicitação)

133   ba                ijẽ                a-pumũŋ           ket  
       1SG.NOM        1SG.ERG        2SG.ACC-ver.N    NEG  
       ‘Eu não vi/não estou vendo você.’ (fala espontânea)

134   gu    ba            ijẽ                ø-mar               ket  
       PL    1SG.NOM    1SG.ERG        3SG.ACC-saber.N    NEG  
       ‘Nós não sabemos (falar a língua de vocês).’ (fala livre)

Diante disso, pode-se hipotetizar que futuramente é possível que haja a queda do A, expresso pelo pronome livre ergativo e permaneça apenas a forma expressa pelo pronome livre nominativo. Dessa forma, S estaria alinhado com A, ambos expressos pelo pronome nominativo, assim como estaria alinhado com P, ambos expressos pelos prefixos de pessoa

indexados ao verbo. Esta hipótese parece se sustentar por ocorrências como os exemplos (135) e (136) a seguir.

135   ba    nẽ    ba            i-prõt  
       1SG  NFUT 1SG.NOM   1SG.ABS-correr.V  
       ‘Eu corri/estou correndo.’ (elicitação)

136   ba    nẽ    ba            a-pumũŋ           ket  
       1SG  NFUT 1SG.NOM   2SG.ABS-ver.N    NEG  
       ‘Eu não vi/não estou vendo você.’ (elicitação)

No atual estágio da língua, observa-se que coexistem todas essas estruturas, de (128) a (136) e que a mudança para o último estágio seria apenas em (136), em que não ocorreria mais o pronome ergativo, somente o pronome nominativo.

Ocorrências em que A é expresso apenas pelo pronome nominativo, sem o pronome ergativo, são encontradas nos dados coletados para esta tese, tanto dados elicitados quanto de fala espontânea, conforme exemplo (137) a seguir.

137   ga    nẽ    ga    i-ʔôk           ket  
       2SG  NFUT 2SG   1SG-pintar.N  NEG  
       ‘Você não me pintou. (fala espontânea)’

Em oposição ao dado acima, esta construção descrita por Cabral, Rodrigues; Costa (2004), para a língua/variedade do Xikrin, contém o A expresso pelo pronome ergativo ao lado do pronome nominativo, conforme exemplo (138) a seguir.

138   ga    aje    i-ʔôk           ket                   (Cabral, Rodrigues; Costa, 2004, p. 27)  
       2SG  2SG  1SG-pintar   não  
       ‘Você não me pintou.<sup>66</sup>’

Uma possível explicação para a manifestação do fenômeno da duplicação de pronomes ergativos e absolutivos por pronomes nominativos pode estar relacionada à ocorrência ou não

<sup>66</sup> Trecho original: ‘you did not paint me’

das partículas de tempo *ǎa* (futuro) e *ně* (não futuro), haja vista as construções com sujeito expresso por pronome nominativo duplicado expressam essas partículas de tempo, mas construções em que o sujeito é expresso por pronome ergativo ou por prefixo de pessoa, essas partículas não ocorrem.

O quadro 7 a seguir, exhibe as formas como os argumentos S/A/P são marcados em Měbêngôkre.

**Quadro 07:** Marcação de caso em Měbêngôkre.

<b>Caso</b>	<b>Argumento</b>	<b>Marcação</b>
nominativo	S=A	Pronome nominativo
acusativo	P	Prefixo
ergativo	A	Pronome ergativo
absolutivo	S=P	Prefixo

Fonte: Elaborado pelo autor.

A próxima seção trata sobre o tópico indexação verbal em Měbêngôkre. O objetivo desta seção é definir os argumentos S e P que ocorrem como prefixos de pessoa indexados ao verbo.

#### **4.1.2 Indexação verbal**

A indexação verbal em Měbêngôkre ocorre com os argumentos S e P marcados no verbo, como argumentos internos.

Diferente de línguas Indo-Europeias como o Português, que marcam pessoa e número pela concordância do sujeito com a forma da terminação do verbo, há línguas que fazem essa marcação de outra forma. Além dos marcadores de pessoa verbal, afixos e clíticos, elas utilizam outros padrões morfológicos, como alterações fonológicas na raiz ou a localização do sintagma nominal correspondente ao marcador de pessoa, como é o caso da língua Apurinã, falada no Sudoeste do estado do Amazonas, Brasil (FACUNDES; CHAGAS, 2014).

Haspelmath (2013) propõe trabalhar com o conceito de indexação de argumentos no verbo, pois, para ele, essa proposta tem maior utilidade para a tipologia e para a descrição de línguas do que os conceitos de pronome ou marcadores de concordância. O modo de conceituar os argumentos do verbo, argumenta o autor, vem da tradição de descrição de algumas línguas europeias, como o Alemão, o Inglês e o Francês, e não da observação dos fenômenos pela ótica

das línguas ainda pouco conhecidas e que apresentam formas diferentes de representação do fenômeno.

Haspelmath (Op. cit.) observa que os autores atuais distinguem as formas de pessoa em afixos, clíticos e palavras não-clíticas. Mas considera que essas formas podem ser distinguidas apenas como formas presas (afixos e clíticos) *versus* formas livres, que são as palavras não-clíticas. O autor considera ainda que para os propósitos linguísticos, a última distinção parece mais adequada, pois formas livres podem ocorrer sozinhas, ao contrário das formas presas, que precisam ser afixadas ao verbo. Geralmente as formas indexadas são tratadas como parte do verbo, ao invés de serem expressões nominais separadas.

Embora pareça que pessoa e número são categorias do verbo, Haspelmath (Op. cit.) afirma que ‘pessoa e número não são categorias do verbo propriamente dito, mas categorias do(s) argumento(s) do verbo, e como um verbo pode ter mais de um argumento, ele pode ter mais de uma forma de pessoa anexada a ele’. Assim, enquanto a língua Bari, Nilótico, Nilo-Sahara, falada no Sudão (SPAGNOLO, 1933), não expressa marcação de pessoa verbal; a língua Yimas da Papua Nova Guiné (FOLEY, 1991) mostra que um verbo pode ter até três afixos diferentes de número e pessoa.

Desse modo, indexação de argumentos no verbo é um dos critérios para identificação do tipo de alinhamento presente em alguns fenômenos das línguas. Por exemplo, o Quechua, além de apresentar marcação de caso nominativo-acusativo em sintagmas nominais livres, apresenta também o mesmo padrão de alinhamento quando ocorre a indexação de pessoa no verbo, conforme exemplo (139) a seguir (PAYNE, 1997).

139	a Aywa-n	b Aywa-a	c Maqa-ma-n (Payne, 1997, p. 136)
	ir-3SG	ir-1SG	bater-1SG-3SG
	‘Ele vai.’ <sup>67</sup>	‘Eu vou.’ <sup>68</sup>	‘Ele me bateu.’ <sup>69</sup>

Em (139) observa-se que em (a) o sufixo *-n*, terceira pessoa singular e, em (b) o sufixo *-a*, primeira pessoa singular, expressam S. Em (c) o sufixo *-n*, terceira pessoa singular, expressa A e o sufixo *-ma*, primeira pessoa singular, expressa P. Neste caso, S e A são marcados da mesma forma, enquanto P recebe marcação diferente. Uma mostra de que S e P são diferentes, é que a primeira pessoa singular P é *-ma* e a primeira pessoa singular S é *-a*.

<sup>67</sup> Trecho original: ‘He goes.’

<sup>68</sup> Trecho original: ‘I go.’

<sup>69</sup> Trecho original: ‘He hit me.’

A mesma observação vale para a língua Yup'ik Eskimó, que, além de apresentar marcação de caso ergativo-absolutivo em sintagmas nominais livres, apresenta marcação de pessoa em verbos, seguindo o mesmo padrão de alinhamento, conforme o exemplo (140) a seguir (PAYNE, 1997).

140	a	Ayallruu-nga	b	Ayallruu-q	c	Cingallruu-a-nga	(Payne, 1997, p. 136)
		viajar-1SG		viajar-3SG		cumprimentar-3SG-1SG	
		'Eu viajei.' <sup>70</sup>		'Ele viajou.' <sup>71</sup>		'Ele me cumprimentou.' <sup>72</sup>	

No dado acima, constata-se que em (a), o sufixo *-nga*, primeira pessoa singular, e em (b), o sufixo *-q*, terceira pessoa singular, expressam S, já em (c), o sufixo *-a*, terceira pessoa singular, expressa A, enquanto o sufixo *-nga*, primeira pessoa singular, expressa P. Observa-se que S e P são marcados da mesma forma, ao passo que A é marcado diferente.

Um ponto importante abordado por Haspelmath (2013) é o que trata da conominação de formas presas, em que ambos estejam na mesma construção. Um pronome indexado pode ser conominado por um nome, conforme exemplo (141), do Latim, ou, por um pronome livre, conforme exemplo (142) do Georgiano (HASPELMATH, 2013, p. 209).

No primeiro caso, o nome *Marcus* é o conominal (correferente) do indexador *-t*. Já no segundo caso, o pronome livre *Me* é o conominal (correferente) do indexador *v-Ø-*.

141	Veni-t	Marcus	veni-t	(Haspelmath, 2013, p. 217)
	vir.PRS-3SG	Marcus	vir.PRS-3SG	
	'Ele vem.' <sup>73</sup>	'Marcus/Marco vem.' <sup>74</sup>		

142	V-Ø-č'am	Me	v-Ø-č'am	ma-s	(Boeder, 2002. In: Evans; Sasse)
	1.SUBJ-3.OBJ-comer	I	1.SUBJ-3.OBJ-comer	it-DAT	
	'Eu como isso.' <sup>75</sup>	'Eu como isso.' <sup>76</sup>			

<sup>70</sup> Trecho original: 'I traveled.'

<sup>71</sup> Trecho original: 'He traveled.'

<sup>72</sup> Trecho original: 'He greeted me.'

<sup>73</sup> Trecho original: 'I eat it.'

<sup>74</sup> Trecho original: 'Marcus/Marco comes.'

<sup>75</sup> Trecho original: 'I eat it.'

<sup>76</sup> Trecho original: 'I eat it.'

Em (143) a seguir, observa-se o caso do índice com conominal obrigatório chamado de índice gramatical (cross-index), em que o índice é um marcador de concordância. O índice gramatical pode ser um nominal completo ou um pronome livre. O Alemão e o Russo e a terceira pessoa do Inglês apresentam esse tipo de índice (HASPELMATH, 2013).

143	Alemão		Inglês	(Haspelmath, 2013, p. 218)	
	a	Ich komm-e	‘Eu vim’ <sup>77</sup>	I come	‘Eu vim’
	b	du komm-st	‘Você veio’ <sup>78</sup>	you come	‘Você veio’
	c	sie komm-t	‘Ela veio’ <sup>79</sup>	she comes	‘Ela veio’
	d	Elli komm-t	‘Elli veio’ <sup>80</sup>	Mary comes	‘Mary veio’

Observa-se no exemplo acima, que, pelo fato de os índices gramaticais serem obrigatórios, tanto para os nomes quanto para os pronomes livres, estes não podem ser omitidos, a forma correta deve ser *sie komm-t*, e não *\*komm-t*; *she comes*, e não *\*comes*.

Ao contrário dos índices gramaticais (cross-indexes) que ocorrem com conominais correferenciando um nome com um pronome livre, no mesmo argumento, os pró-índices estão em distribuição complementar com os conominais, tanto nos nomes quanto nos pronomes livres (HASPELMATH, 2013). Nos exemplos a seguir, da língua Oko (Benue-Congo, Nigeria), observa-se este tipo de ocorrência.

144	Àde	cìna	óbín	(Atoyebi, 2010. In: Haspelmath, 2013, p. 220)
	Ade	tornar-se	rei	
			‘Ade tornou-se um rei.’ <sup>81</sup>	
145	È-cìna		óbín	(Atoyebi, 2010. In: Haspelmath, 2013, p. 220)
	3SG.SUBJ-tornar-se		rei	
			‘Ele se tornou um rei.’ <sup>82</sup>	

<sup>77</sup> Trecho original: ‘I come’

<sup>78</sup> Trecho original: ‘you come’

<sup>79</sup> Trecho original: ‘she comes’

<sup>80</sup> Trecho original: ‘Elli comes’

<sup>81</sup> Trecho original: ‘Ade has become a king.’

<sup>82</sup> Trecho original: ‘He has become a king.’

No exemplo (144), ocorre o nominal *Àde*, enquanto no exemplo (145), ocorre o pró-índice *È-*. Observa-se que o nominal e o pró-índice estão em distribuição complementar, ou seja, quando um ocorre, o outro não ocorre, conforme Haspelmath (Op. cit.).

Para melhor entendimento do argumento interno do verbo no sintagma verbal (SV), recorreremos à teoria de Hale e Keyser (2002). Neste trabalho os autores definem os argumentos numa relação de dependência com o predicador, de modo que é o predicador que seleciona a ordem como os argumentos serão acrescentados ao núcleo da oração.

Para representar os argumentos dentro da estrutura argumental, Hale e Keyser (2002) formularam estruturas como monádica, diádica básica e diádica composta. Estas estruturas ocorrem no nível do SV que projeta apenas o argumento interno, que é o complemento do verbo. Este é o único argumento que é comportado dentro da estrutura de argumentos projetada pelo verbo.

Assim quando se trata de orações com mais de um argumento, primeiro é selecionado o argumento interno, que é o complemento do verbo, e depois de formado o SV, composto pelo núcleo mais complemento, é que é selecionado o argumento externo, que é o especificador. A esse respeito Hale e Keyser (2002), afirmam que o acréscimo do argumento externo ao SV ocorre via adjunção, mas esta operação só é realizada depois que o sintagma verbal já está constituído.

Informações adicionais sobre estrutura argumental podem ser consultadas em Miotto, Silva e Lopes (2007), Kennedy (2013), Storto (2019), dentre outros.

Em Mëbêngôkre, os argumentos do verbo estão dispostos de forma preposicionados em relação ao núcleo, de modo que o verbo está em uma posição mais baixa que seus argumentos na estrutura argumental, ou seja, o verbo, ou a raiz verbal, é o núcleo do sintagma verbal e está posicionado no final da sentença, seguindo o padrão comum descrito para línguas da família Jê, exceto o Panará que apresenta estrutura arbórea com verbo mais alto na hierarquia, já que esta língua não apresenta núcleo final, e sim núcleo inicial (BARDAGIL-MAS, 2018).

A distribuição dos argumentos pronominais S, A e P, em Mëbêngôkre ocorre da seguinte forma: nas orações com dois argumentos A é argumento externo, expresso por pronome independente, e P é argumento interno, indexado no verbo. Nas orações com um argumento, S ocorre de duas formas, como argumento externo, expresso por pronome independente ou como argumento interno, indexado no verbo. Quando S é argumento interno é muito recorrente a sua duplicação por um pronome nominativo. Interessante observar em relação ao S, que quando este é argumento interno, indexado no verbo, isto se aplica tanto para o predicado na forma

verbal, quanto para o predicado na forma não-verbal, conforme será tratado no próximo capítulo desta tese.

Em Mëbêngôkre, o único argumento de verbos intransitivos é expresso na forma de nominais, de pronomes nominativos ou de prefixos verbais. S pode ser duplicado, coocorrendo pronome nominativo e prefixo, este último em relação de concordância com o verbo.

No entanto, observa-se diferença na forma de marcação de S, dependendo da subclasse de verbos. Pode-se subdividir os verbos de argumento único em duas subclasses, de acordo com o padrão de marcação. Na subclasse que inclui os verbos *prõt* ‘correr’, *keket* ‘sorrir’ e *kabë* ‘falar’, S é expresso duplicado, pelo índice de pessoa no verbo e pelo pronome nominativo, tanto na forma finita quanto na forma não-finita, conforme mostram os exemplos de (146) a (151) a seguir.

	TOP		S	s-V	
146	ba	në	ba	i-prõt	
	1SG	NFUT	1SG	1SG-correr	

‘Eu corri/estou correndo.’ (elicitação)

			S	s-V	
147	amũjã?ã	në	ga	a-prõt	ket
	ontem		NFUT	2SG	2SG-correr NEG

‘Ontem você não correu/não estava correndo.’ (elicitação)

	TOP		S	s-V	
148	ga	në	ga	a-keket	
	2SG	NFUT	2SG	2SG-sorrir	

‘Você sorri/está sorrindo.’ (elicitação)

	TOP		S	s-V	
149	ga	në	ga	a-keket	ket
	2SG	NFUT	2SG	2SG-sorrir	NEG

‘Você não sorri/não está sorrindo.’ (elicitação)

	TOP		S	s-V	
150	ga	ně	ga	a-kabě	
	2SG	NFUT	2SG	2SG-falar	
	‘Você falou/está falando.’ (elicitação)				

	TOP		S	s-V	
151	ba	ně	ba	i-kaběn	kuměj
	1SG	NFUT	1SG	1SG-falar	INTENS
	‘Eu falei/estou falando muito.’ (elicitação)				

Em relação aos verbos *prôt* ‘correr’, *kekēt* ‘sorrir’ e *kabě* ‘falar’ o que se observa nos dados disponíveis é que tanto na forma finita quanto na forma não-finita, S é indexado ao verbo, sendo duplicado pelo nominativo. Nestes casos, S apresenta a mesma marcação, independente da forma verbal.

A título de comparação, a forma expressa pelos verbos acima apresenta diferença do que descreveram Souza e Duarte (2020) para o Pykobjê, língua do complexo Timbira. Segundo estes autores, verbos intransitivos eventivos são cindidos, com caso nominativo na forma finita e absolutivo na forma não-finita, conforme exemplo (152) a seguir.

152 a	eh’no’ny	<b>j</b> -arxar		(Souza; Duarte, 2020, p. 63)
	ontem	1-correr+NF		
	‘Ontem eu corri.’			
b	awca’teh	<b>wa</b>	jarxaa	
	amanhã	eu	correr	
	‘Amanhã eu vou correr.’			

Já em Santos (1997), nos exemplos sobre descrição morfossintática da língua Kĩsêdjê, língua da família Jê do Norte, encontra-se exemplos de S duplicado por nominativo, na forma finita e não-finita, semelhante ao que se observa na descrição para Měbêngôkre, conforme exemplo (153) a seguir.

153 a ('pa -n 'wa) i-'mbərə 'kere (contexto de FA) (Santos, 1997, p. 69)  
 1PS TOP 1PS 1PS-chorar negação  
 'Eu não chorei.'

b ('pa -n 'wa) i-'mbərə (contexto de FB)  
 1PS TOP 1PS 1PS-chorar  
 'Eu chorei.'

Por outro lado, nos verbos de argumento único *tĩ* 'cair', *tĩ* 'morrer' e *õt* 'dormir', S é expresso em forma de pronome nominativo, quando esses verbos ocorrem na forma finita, conforme exemplos (154), (156) e (158), ou na forma de prefixo de pessoa indexado no verbo, em relação de concordância com o pronome nominativo, com verbos na forma não-finita, conforme exemplos (155), (157) e (159) a seguir.

	TOP		S	V	
154	ba	nẽ	ba	tĩ	
	1SG	NFUT	1SG	cair	

'Eu caí/estou caindo.' (elicitação)

	TOP		S	s-V	
155	ba	nẽ	ba	i-tĩm	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG-cair	NEG

'Eu não caí/não estou caindo.' (elicitação)

	TOP		S	V	
156	ba	nẽ	ba	tĩ	
	1SG	NFUT	1SG	morrer	

'Eu morri/estou morrendo. (elicitação)

	TOP		S	s-V	
157	ba	nẽ	ba	i-tĩk	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG-morrer	NEG

'Eu não morri/não estou morrendo.' (elicitação)

	TOP		S	V	
158	ba	nẽ	ba	ŋõrõ	
	1SG	NFUT	1SG	dormir	

‘Eu dormi/estou dormindo.’ (elicitação)

	TOP		S	s-V	
159	ba	nẽ	ba	i-ŋõt	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG-dormir	NEG

‘Você não dormiu/não está dormindo.’ (elicitação)

Observa-se que existe uma alomorfa no início da raiz do verbo *õt* ‘dormir’, que parece ser fonologicamente condicionada<sup>83</sup>. O verbo ocorre com a nasal velar /ŋ/ quando o sujeito é marcado por pronome nominativo, conforme exemplo (158), e com a nasal palatal /ɲ/ quando o sujeito é índice de pessoa indexado no verbo, conforme exemplo (159) acima.

Distinção similar na forma do verbo *õt* ‘dormir’ observa-se também em Pykobjê, conforme exemplos (160) e (161) a seguir, conforme Souza e Duarte (2020).

160	wa	ŋõr		161	j-õt	(Souza; Duarte, 2020, p. 72)
	eu	dormir			1-dormir+NF	
		‘Eu durmo.’			‘Eu dormi.’	

Quando se trata dos verbos transitivos, estes apresentam o argumento P expresso por nominais ou por prefixos verbais. O exemplo (162) a seguir expressa P indexado no verbo.

	TOP		A	p-V	
162	ga	dʒa	ga	i-bĩ	
	2SG	FUT	2SG	1SG-matar	

‘Você vai me matar.’

Observa-se no exemplo acima que, ao contrário do que ocorre com S, o P não é correferenciado por nominal ou por pronome nominativo, ou seja, não é duplicado.

<sup>83</sup> Embora não tenhamos, no momento, explicação para essa alomorfa.

Já tratamos acima de diversos exemplos de línguas Jê, que apresentam padrões de alinhamento semelhantes aos padrões encontrados em Mëbêngôkre. Mas a título de comparação, discutiremos a seguir dados de duas línguas Tupi, relacionando-os ao padrão de alinhamento nominativo-absolutivo do Mëbêngôkre. A língua Mekéns (família Tupi, subramo Tupari) apresenta semelhança com o Mëbêngôkre, pois ambas têm objeto e sujeito intransitivo marcados no verbo e o sujeito intransitivo é duplicado pelo nominativo, o que resulta no alinhamento nominativo-absolutivo.

Os exemplos (163) e (164) são do Mëbêngôkre de São Félix do Xingu, enquanto os exemplos (165) e (166) são do Mekéns (STORTO, 2019, p. 73).

	A		p-V		TOP		S	s-V	
163	tam	jã	nẽ	a-pumũ	164	ga	nẽ	ga	a-kekẽt
	3SG	DEM	NFUT	2SG-ver		2SG	NFUT	2SG	2SG-sorrir
	‘Ele viu/está vendo você.’					‘Você sorriu/está sorrindo.’			
	A		p-V		s-V		S		
165	sete		e-so-a-t		166	e-er-a-t		ẽt	
	ele		2S-ver-VT-passado			2S-dormir-VT-passado		você	
	‘Ele viu você.’				‘Você dormiu.’				

Observa-se, nos exemplos das duas línguas que o sujeito intransitivo é expresso pelo pronome nominativo e pela marcação de pessoa no verbo, enquanto o objeto é expresso somente com a marcação de pessoa no verbo.

No caso da língua Karitiana (família Tupi, subramo Arikém), a semelhança com o Mekéns e com o Mëbêngôkre é parcial, uma vez que, enquanto estas línguas apresentam o processo de concordância incompleto, já que somente o sujeito intransitivo tem coocorrência do nominativo e do pronome de pessoa no verbo, Karitiana apresenta o processo de concordância completo, considerando-se que sujeito intransitivo e objeto são marcados no verbo e ambos apresentam coocorrência de pronome livre e do pronome de pessoa no verbo, conforme exemplos (167) e (168) a seguir (STORTO, 2019, p. 75).

167	Y-ta-opiso-t		yn		168	Yn	a-ta-oky-j		an
	1S-DECL-ouvir-NFUT		eu			Eu	2S-DECL-matar-FUT		você
	‘Eu ouvi.’				‘Eu vou matar/machucar você.’				

Observa-se nos exemplos do Karitiana que o sujeito intransitivo (167) e o objeto (168) são expressos pelo pronome nominativo e recebem marcação de pessoa no verbo. Neste caso, o processo de concordância é completo, o que levou Storto (2019, p. 75) a concluir que:

A ocorrência entre pronomes e morfemas de pessoas correspondentes no verbo é evidência de que essas marcas de pessoa são concordância, e não pronomes cliticizados ao verbo, pois, se fossem pronomes, não haveria razão para cada um deles ocorrerem duas vezes em uma única sentença.

Diante do exposto, pode-se hipotetizar que em Mëbêngôkre o processo de duplicação do sujeito pelo nominativo atingiu os sujeitos dos verbos transitivos, pois observa-se a duplicação do sujeito ergativo, do sujeito dos verbos intransitivos que são prefixados no verbo e do sujeito experienciador<sup>84</sup>. No entanto o processo ainda estaria em curso, e não atingiu completamente o sujeito de verbos intransitivos que são expressos por pronome nominativo independente.

Em decorrência da incompletude do processo de duplicação do sujeito, a princípio não daria para dizer que em Mëbêngôkre o critério de cisão entre ativo versus não-ativo seria suficiente para definir o padrão de alinhamento, embora ocorra com muita frequência, haja vista verbos ativos e não-ativos apresentarem comportamentos diferentes em relação à marcação do sujeito intransitivo.

Resumindo, o sujeito intransitivo do Mëbêngôkre parece apresentar certa complexidade para se fazer uma generalização quanto a forma de marcação que permita classificá-lo como uma das duas categorias propostas por Haspelmath (2013).

O quadro 8 mostra quais são as formas de indexação dos argumentos no verbo que ocorrem na língua Mëbêngôkre.

**Quadro 08:** Indexação verbal em Mëbêngôkre.

<b>Alinhamento</b>	<b>Argumento</b>	<b>Marcação</b>
nominativo-acusativo	P	Prefixo
ergativo/absolutivo	S/P	
nominativo-absolutivo		

Fonte: Elaborado pelo autor.

<sup>84</sup> Este sujeito será tratado no capítulo cinco deste trabalho.

Na próxima seção será abordado o tópico sobre ordem de constituintes em Mëbêngôkre. Será discutido sobre as posições que os argumentos S, A e P ocupam na sentença e a relevância disso para a identificação das funções sintáticas.

#### 4.1.3 Ordem de constituintes

A ordem de constituintes é uma das estratégias possíveis para a identificação de relações gramaticais dos argumentos S, A e P e pode estar diretamente associada aos padrões de alinhamento morfossintático. Existem vários padrões possíveis para a ordem dos constituintes na sentença (DRYER, 2007), a saber: línguas com verbo final, línguas com verbo medial e línguas com verbo inicial.

O Inglês e o Português são exemplos de línguas com ordem de constituinte com verbo medial, AVP e SV, indicando, portanto, um sistema de alinhamento nominativo-acusativo, pela ordem fixa de constituintes, em que S e A precedem o verbo, em oposição a P, que ocorre após o verbo. Para Creissels (2005, p. 3):

A relevância da ordem constituinte para o reconhecimento dos tipos de alinhamento é limitada a línguas com uma ordem constituinte relativamente rígida na qual, na construção transitiva, o verbo (ou um auxiliar, na predição verbal analítica) é colocado entre A e P.<sup>85</sup>

Existem línguas em que a ordem dos constituintes exibe A e P antes ou depois do verbo, APV, PAV, VAP ou VPA. Como, nesses casos, A e P estão sempre na mesma posição de S ou em posição contrária, não é possível alinhar S com A em oposição a P ou S com P em oposição a A, com base na ordem dos contituintes. No entanto, existem línguas que exibem sistema ergativo-absolutivo na ordem constituinte, este é o caso do Kuikúro, língua Caribe do Brasil, que apresenta uma estrutura muito rígida de ordem dos constituintes, conforme (169) e (170) a seguir (FRANCHETTO, 1990).

	S	V	
169	karaihá	kacun-tárã	(Franchetto, 1990, p. 138)
	não-Índio	trabalhar-CONT	
	‘O não indígena está trabalhando.’ <sup>86</sup>		

<sup>85</sup> Trecho original: The relevance of constituent order to the recognition of alignment types is limited to languages with a relatively rigid constituent order in which, in the transitive construction, the verb (or an auxiliary, in analytical verbal predication) is placed between A and P.

<sup>86</sup> Trecho original: The non-Indian is working.

	P	V	A	
170	kuk-aki-sã	ta-láigo	léha	karaihá-héke (Franchetto, 1990, p. 138)
	INC-palavra-POSS	ouvir-FUT	ASP	não:Índio-ERG
	‘O não indígena vai ouvir nossas palavras.’ <sup>87</sup>			

Nos exemplos (169) e (170) acima, observa-se que o argumento S do verbo intransitivo e o argumento P do verbo transitivo, ocorrem na posição pré-verbal, enquanto o argumento A do verbo transitivo ocorre na posição pós-verbal.

No caso do latim, que era uma língua de caso, não era necessário recorrer à ordem de palavras para marcar a função sintática dos constituintes na oração, conforme expressa o exemplo (171) a seguir.

	A	P	V	
171	Dux	civem	respicit	(adaptado de Ilari, 2018, p. 94)
	general	cidadão	ver	
	‘O general vê o cidadão.’			

No caso do latim em (171) acima, a terminação *-em* identifica o objeto direto, logo qualquer que seja a posição de *civem* ‘cidadão’ na oração, ele será identificado como objeto.

O Mëbêngôkre é uma língua verbo-final, apresentando a ordem de constituintes com padrão SV/APV, em que S é o argumento que antecede o verbo nas orações de argumento único e A e P são os argumentos que antecedem o verbo nas orações de dois argumentos. Assim a ordem dos constituintes na sentença é determinante para indicar a função sintática na língua, mas não o tipo de alinhamento.

A ordem de constituintes com verbo final é característica das línguas da família Jê, exceto a língua Panará, que apresenta a ordem de constituintes diferente do Mëbêngôkre e das outras oito línguas da família. No Panará, nas sentenças transitivas, predomina a ordem AVP e nas sentenças intransitivas, a ordem é VS, com o padrão de alinhamento ergativo-absolutivo (BARDAGIL-MAS, 2018).

Bardagil-Mas (Op. cit.) destaca que: ‘Uma das características da gramática do Panará que mais se destaca é a ordem de constituinte. Enquanto nas outras línguas Jê encontramos uma

<sup>87</sup> Trecho original: The non-Indian will hear our words.

ordem verbo-final bastante rígida [...] o Panará mostra uma ordem de constituintes muito mais livre<sup>88</sup>.

O Mëbêngôkre é uma língua que apresenta estrutura com núcleo final. Nesta língua, a ordem de constituintes traz sempre verbo final independente de S, A e P serem expressos por nominais ou por pronominais. Nos exemplos (172) e (173), S, A e P são expressos por nominais, revelando a ordem SV e APV e não recebem marcação de caso.

	S		V
172	mēmī	nē	tī
	homem	NFUT	morrer
	‘O homem morreu.’ (elicitação)		

	A		P	V
173	ropkrori	nē	kukrit	bī
	onça	NFUT	anta	matar
	‘A onça matou a anta.’ (elicitação)			

Nas construções de apenas um argumento, S antecedendo o verbo e é expresso por pronome livre, como argumento externo ao sintagma verbal, exemplo (174) e, S é expresso pelo prefixo verbal, como argumento interno ao sintagma verbal, e é duplicado pelo pronome nominativo, conforme exemplo (175) a seguir.

	TOP		S	V
174	ba	nē	ba	ḡōrō
	1SG	NFUT	1SG	dormir
	‘Eu dormi/estou dormindo.’ (elicitação)			

	TOP		S	s-V
175	ba	nē	ba	i-prōt
	1SG	NFUT	1SG	1SG-matar
	‘Eu corri/estou correndo.’ (elicitação)			

<sup>88</sup> Trecho original: One of the characteristics of the grammar of Panará that stands out the most is its constituent order. Whereas in the other Jê languages we find a quite strict verb-final order [...] Panará shows a much more free order of constituents.

Nas construções (174) e (175), S antecede o verbo, tanto na forma de pronome livre, quanto indexado na forma de prefixo no verbo.

Em construções com dois argumentos, A antecede P e, ambos, A e P, antecedem o verbo, sendo P um argumento interno ao sintagma verbal. O argumento externo ao sintagma verbal (A) é expresso por pronome livre, enquanto (P) é sempre expresso ou por um prefixo de pessoa indexado no verbo, conforme exemplo (176), ou por um nominal, conforme exemplo (177), mas não por pronome livre. O fato de P não ocorrer na forma de pronome livre já foi tratado no capítulo três.

	TOP		A		p-V
176	ga	ně	ga	i-	bĩ
	2SG	NFUT	2SG	1SG-	matar
	'Você me matou.' (elicitação)				

	TOP		A	P	V
177	ga	ně	ga	měmi	bĩ
	2SG	NFUT	2SG	homem	matar
	'Você matou o homem.' (elicitação)				

No quadro 9, a seguir, está sistematizado o padrão geral de ordem dos constituintes Měběngôkre.

**Quadro 09:** Ordem de constituintes em Měběngôkre.

Alinhamento	Ordem
nominativo-acusativo	S [V]sv
	A [p-V]sv
ergativo-absolutivo	[s-V]sv
	A [p-V]sv
nominativo-absolutivo	SA [sp-V]sv
	A [p-V]sv

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na próxima seção serão abordadas as diferentes formas de expressão e identificação de S, A e P e a relação destes com os padrões de alinhamento morfossintático em Měběngôkre,

identificando-se que estratégias os falantes desta língua utilizam para identificar S, A e P em relação ao núcleo da oração e a forma como eles são tratados na relação entre si. Também serão citados trabalhos publicados que tratam do tema, a fim de confirmar ou de mostrar diferenças que ocorrem na variedade descrita nesta tese.

#### 4.2 ALINHAMENTO MORFOSSINTÁTICO

Esta seção trata do alinhamento morfossintático em Mëbêngôkre, considerando os padrões de alinhamento que ocorrem na língua: o nominativo-acusativo, o ergativo-absolutivo e o nominativo-absolutivo.

Dentre as cinco possibilidades lógicas de ordenação de S, A e P, duas são as identificadas na grande maioria das línguas do mundo: o alinhamento de S e A (nominativo) e o alinhamento de S e P (absolutivo). Há razões semânticas e pragmáticas que motivam essas semelhanças. Semanticamente o que aproxima S e A é a agentividade, seja a construção transitiva ou intransitiva (PAYNE, 1997).

Para diferenciar um sistema nominativo-acusativo de um sistema ergativo-absolutivo, Dixon (1994) utiliza-se de exemplos do Latim, língua que tem alinhamento nominativo-acusativo, indicado tanto pela marcação de caso, quanto pela concordância verbal, conforme atesta (178) a seguir.

178 a domin-us veni-t (Dixon, 1994, p. 9)

senhor-NOM vir-3SG

‘O senhor vem.’<sup>89</sup>

b serv-us veni-t

escravo-NOM vir-3SG

‘O escravo vem.’<sup>90</sup>

c domin-us serv-um audi-t

senhor-NOM escravo-ACC ouvir-3SG

‘O senhor ouve o escravo,’<sup>91</sup>

<sup>89</sup> Trecho original: ‘the master comes’

<sup>90</sup> Trecho original: ‘the slave comes’

<sup>91</sup> Trecho original: ‘the master hears the slave’





intransitiva, S exerce papéis semânticos diferentes, ora como agente, semelhante ao A dos verbos transitivos (S<sub>A</sub>), ora como paciente, semelhante ao P dos verbos transitivos (S<sub>P</sub>).

Nesses casos, S sendo o único argumento exigido na sentença, é classificado como S-cindido. Assim, quando S controla a ação, ele recebe a mesma marcação de A (S<sub>A</sub>); por outro lado, quando S não é controlador da ação, ele recebe a mesma marcação de P (S<sub>P</sub>). Mithun (1991) apresenta exemplos desse sistema com dados de Guarani, Lakhota e Pomo Central, em que há um caso para marcar os agentes semânticos de verbos transitivos e argumento do verbo intransitivo e um caso diferente para marcar o paciente semântico de verbos transitivos e do argumento único do verbo intransitivo.

Com relação à definição de tipos de alinhamento em uma dada língua, Haspelmath (2011) chama a atenção para o fato de se levar em consideração as peculiaridades inerentes às cisões que ocorrem entre nome *versus* pronome, animado vs. inanimado, tempo, aspecto etc., pois, o alinhamento deve se dar dentro de um mesmo domínio e não entre eles. Para Comrie (2005) pode-se discutir, por exemplo, o alinhamento com relação à marcação de caso com nomes e com pronomes de forma independente.

A língua Mëbêngôkre apresenta mais de um padrão de alinhamento dos argumentos S, A e P. Esta língua exhibe os padrões de alinhamento nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo e nominativo-absolutivo. Esses padrões de alinhamento encontrados em Mëbêngôkre têm relação com a forma do predicado. Os padrões de alinhamento nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo, em Mëbêngôkre/Kayapó, já foram descritos e analisados por Reis Silva; Salanova (2000); Reis Silva (2001); Salanova (2007) e o padrão ergativo-absolutivo já foi descrito e analisado em Mëbêngôkre/Xikrin por Costa (2003 e 2015).

Salanova (2007) descreveu como ocorre a marcação do sujeito nas orações Mëbêngôkre. Para este autor, as orações encaixadas são uma forte evidência para a definição dos alinhamentos nominativo-acusativo x ergativo-absolutivo, uma vez que na oração principal, o núcleo apresenta a forma verbal, enquanto na oração subordinada, a forma nominal, o que está diretamente relacionado ao tipo de alinhamento.

Salanova (Op. cit.) argumenta que a ergatividade não se reduz às construções encaixadas ou à negação *ket*, pois, além desses, são vários os operadores expressos após o verbo que são causadores de forma longa, tais como a modificação por um advérbio ou por um aspecto prospectivo *iri*, marcadores de modo *mεj* e de aspecto *rã?ã*, que se constituem em orações principais, fazendo com que o núcleo da oração, que aparentemente é a matriz, assumam a forma nominal, passando esta oração a subordinada.

Para Salanova (Op. cit.) em construção progressiva, que é formada por uma posposição instrumental mais um verbo intransitivo auxiliar, embora esta subordine a oração de verbo semanticamente principal, tornando seu núcleo uma forma nominal, mantém a marcação nominativa e não ergativa do sujeito, a menos que o verbo auxiliar esteja na forma nominal.

Nas próximas seções, vamos mostrar estes padrões de alinhamento com dados da variedade do Mëbêngôkre de São Félix do Xingu.

#### 4.2.1 Alinhamento nominativo-acusativo

O alinhamento nominativo-acusativo ocorre quando S e A são expressos por pronomes da série nominativa, em oposição ao P que recebe marcação acusativa. Na variedade do Mëbêngôkre de São Félix do Xingu, este alinhamento é baseado na distribuição de pronomes livres (série nominativa) e de índice de pessoa no verbo (série acusativa), conforme os exemplos (181) a (183) a seguir.

	TOP		S	V
181	ga	nẽ	ga	ŋõrõ
	2SG	NFUT	2SG	dormir
	'Você dormiu/está dormindo.' (elicitação)			

	TOP		S	V
182	ga	nẽ	ga	tĩ
	2SG	NFUT	2SG	cair
	'Você caiu/está caindo.' (elicitação)			

	TOP		A	p-V
183	ga	nẽ	ga	i-pumũ
	2SG	NFUT	2SG	1SG.ACC-ver
	'Você me viu/está me vendo.' (elicitação)			

Observa-se que o argumento único dos verbos, em (181) e (182), está alinhado com o argumento externo A, em (183), pois ambos são indicados pelo pronome livre da série nominativa *ga* '2sg.nom' e não há indexação de S no verbo; em oposição à marcação de P em (183), que ocorre indexado no verbo, na forma de prefixo *i-* '1sg.acc'.

#### 4.2.2 Alinhamento ergativo-absolutivo

Por outro lado, quando o padrão de alinhamento é ergativo-absolutivo, o S está alinhado com o P. Esse padrão é identificado em Mëbêngôkre, quando ambos os argumentos são indicados pelo prefixo verbal. Os prefixos de pessoa são identificados como ‘série absoluta’ quando indexam o argumento S e o argumento P, pela mesma série de prefixos, em oposição ao A que é expresso pela série de pronomes livres ergativos.

Os exemplos a seguir exibem a série absoluta em (184) e (185), *i-* ‘1sg.abs’ e a série acusativa *i-* ‘1sg.acc’ em (186)<sup>101</sup>. Essa marcação se opõe à marcação do A, pois este não é indexado ao verbo e é expresso pelo pronome ergativo. O argumento S é ainda duplicado pela série de pronomes nominativos.

	TOP		S	s-V	
184	ba	ně	ba	i-ɲõt	ket
	1SG	NFUT	1SG.NOM	1SG.ABS-dormir	NEG
	‘Eu não dormi/não estou dormindo.’ (elicitação)				

	TOP		S	s-V	
185	ba	ně	ba	i-tĩm	ket
	1SG	NFUT	1SG.NOM	1SG.ABS-cair	NEG
	‘Eu não caí/não estou caindo.’ (elicitação)				

	A	p-V	
186	ije	a-pumũɲ	ket
	1SG.ERG	2SG.ACC-ver	NEG
	‘Eu não vi/não estou vendo você.’ (elicitação)		

Observa-se que o argumento único dos verbos, em (184) e (185), está alinhado com o argumento interno P, em (186), pois ambos são indicados pelo prefixo de pessoa da série absoluta *i-* ‘1sg.abs’/*a-* ‘2sg.abs’ no verbo, em oposição à marcação de A em (186), marcado pelo pronome da série ergativa *ije* ‘1sg.erg’, no verbo.

<sup>101</sup> As séries absoluta e acusativa são expressas da mesma forma na primeira e segunda pessoas se distinguindo apenas na terceira pessoa (cf. Quadro 5, capítulo 3, p. 63).

### 4.2.3 Alinhamento nominativo-absolutivo

O terceiro padrão de alinhamento identificado em Mëbêngôkre é o nominativo-absolutivo, que ocorre quando S é marcado igual a A e igual a P, ao mesmo tempo.

Castro Alves e Gildea (2016) fizeram uma descrição do alinhamento nominativo-absolutivo nas famílias de línguas Caribe e Jê do Norte, fazendo a reconstrução a partir do sintagma verbal matriz e da fonte do predicado adverbial.

Para Castro Alves e Gildea (Op. cit.) o padrão de alinhamento nominativo-absolutivo se caracteriza por apresentar duas formas de marcação de argumentos simultâneos, que são resultado de construções envolvendo duas sentenças (principal x complementar).

Em Canela-Apãniekra (língua do complexo Timbira, família-Jê do Norte), S=A é expresso por pronomes livres (padrão nominativo) e S=P é expresso por prefixos verbais (padrão absolutivo). Nesse caso, S é duplamente marcado, como pode ser observado no exemplo (187) a seguir.

	S	TAM	S-V	AUXILIAR	
187 a	wa	ha	i-wrik	nare	(Gildea; Castro Alves, 2016, p. 6)
	1	IRLS	1S-descer.NF	NEG	
	'Eu não vou descer' <sup>102</sup>				

	A	TAM	P-V	AUXILIAR	
b	wa	ha	iʔ-pir	na	
	1	IRLS	3-pegar.NF	NEG	
	'Eu não vou pegar (por exemplo, a faca.)' <sup>103</sup>				

Observa-se em (187) acima, que o argumento único S é expresso, igual ao argumento A, pelo pronome livre *wa* e também igual ao argumento P pelos pronomes *i-* e *iʔ-*.

Para Gildea e Castro Alves (2016, p. 21-2) a distinção entre forma longa e forma curta do verbo seria o elemento morfológico central na reconstrução do sistema de alinhamento das línguas Jê. O alinhamento nominativo-absolutivo é expresso na língua Mëbêngôkre com o argumento absolutivo indexado à forma longa do verbo e com uma partícula auxiliar pós-verbal, conforme exemplo (188) a seguir.

<sup>102</sup> Trecho original: 'I will not descend'

<sup>103</sup> Trecho original: 'I will not grab it (e.g., the knife).'

		S	s-V	AUX	
188 a	arəp	nẽ	ba	i-jʌpeŋ	pa (adaptado de Stout; Thomson, 1974, p. 71)
	já	NFUT	1	1-trabalhar.NF	COMPL

‘Eu já terminei (meu) trabalho.’<sup>104</sup>

	A		p-V	AUXILIAR	
b	bir	nẽ	ø-krẽn	pa	
	Bir	NFUT	3-comer.NF	COMPL	

‘Bir comeu tudo.’<sup>105</sup>

No exemplo (188) acima, observa-se que S antecede o verbo e A antecede P e ambos antecedem o verbo. S está indexado ao verbo na forma de pronome preso (188a), A é um sintagma nominal em (188b) e P ocorre indexado ao verbo em (188b).

Observa-se na construção (188a) do Měbêngôkre que o argumento S do verbo não-finito *japeŋ* ‘trabalhar’ ocorre duas vezes, uma em forma de pronome livre e outra em forma de pronome indexado ao verbo. Isso mostra um exemplo atual do resultado do processo que vem ocorrendo na língua tratado por Gildea e Castro Alves (2016, p. 22), em que ‘[...] o S nocional do verbo não-finito é expresso duas vezes, uma vez como o A do sintagma verbal da matriz e uma vez como o prefixo possessivo obrigatório no verbo não-finito intransitivo’<sup>106</sup>.

Para Gildea e Castro Alves (Op. cit.) ocorrências como as observadas em (188), em que uma partícula aspectual ocorre após o verbo, não seriam mera coincidência, mas sim resultado de estas línguas terem origem em fonte única, comum da construção que resulta no alinhamento nominativo-absolutivo.

A reconstrução a partir da fonte do predicado adverbial ocorre nas línguas Jê do Norte por meio de uma partícula de aspecto, que pode ser um continuativo, progressivo e ingressivo. No Měbêngôkre, o auxiliar *ɔ dʒa* ocorre com a partícula aspectual que é de aspecto progressivo, a qual segue o verbo não-finito, conforme exemplos (189) e (190) a seguir.

<sup>104</sup> Trecho original: I already finished (my) working.

<sup>105</sup> Trecho original: Bir ate it all.

<sup>106</sup> Tracho original: ‘[...] the notional S of the nonfinite verb is expressed twice, once as the A of the phasal matrix verb and once as the obligatory possessive prefix on the intransitive nonfinite verb.’

	S		s-V.NF		[AUXILIAR]	
189	mênire	nẽ	ø-tɔr	ɔ	dʒa	(Gildea; Castro Alves, 2016)
	mulher	RLS	3SG-dançar	fazer	ficar.em pé	
	‘A mulher está dançando.’ <sup>107</sup>					

	A	P	V.NF		[AUXILIAR]	
190	ga	tɛp	krẽn	ɔ	dʒa	(Gildea; Castro Alves, 2016)
	2SG.NOM	peixe	comer.NF	fazer	ficar.em pé	
	‘Você está comendo peixe (em pé).’ <sup>108</sup>					

Os exemplos (189) e (190) do Měbêngôkre exibem aquilo que seria resultado da reconstrução a partir da fonte do sintagma verbal matriz e da fonte do predicado adverbial, em que a sentença complementar exibiria o verbo não-finito como seu objeto e o A e o S nocionais desta sentença ocorreriam correferenciados com o A da sentença principal. Posteriormente o verbo não-finito da sentença complementar, tornar-se-ia principal e o verbo que fora principal passa a auxiliar, o que viria resultar naquilo que seria o alinhamento nominativo-absolutivo, conforme Gildea e Castro Alves (2016).

Costa (2003) e Cabral, Rodrigues e Costa (2004) descreveram o padrão de alinhamento nominativo-absolutivo para o Xikrin. Neste último trabalho, os autores afirmam que o nominativo-absolutivo é resultado do alinhamento do sujeito transitivo com o sujeito intransitivo processual, ambos os sujeitos são expressos pela forma pronominal da série nominativa, conforme exemplos (191) e (193), e do alinhamento do objeto com o sujeito intransitivo descritivo e processual, no caso do processual, quando estes são modificados por expressão adverbial, ambos os sujeitos são expressos pela série absoluta, conforme exemplos (192) e (193). Os três exemplos a seguir foram extraídos de Cabral, Rodrigues e Costa (2004, p. 24-6 - adaptados).

	TOP		S		V
191	ba		dʒa	ba	mua
	1SG.NOM		FUT	1SG.NOM	chorar
	‘Eu vou chorar.’				

<sup>107</sup> Trecho original: ‘The woman is dancing’

<sup>108</sup> Trecho original: ‘You are eating fish (standing)’

	TOP		S	s-	V	
192	ga	nẽ	ga	a	ø-mɛj	kumrẽj
	2SG.NOM	NFUT	2SG.NOM	2SG.ABS	R <sup>1</sup> -bom	mesmo
	‘Você é boa mesmo.’					

	TOP		A	p-	V	
193	ba	nẽ	ba	a	ø-mu	
	1SG.NOM	NFUT	1SG.NOM	2SG.ABS	R <sup>1</sup> -ver	
	‘Eu vi você.’					

No padrão de alinhamento nominativo-absolutivo, descrito em (191) a (193), observa-se que este apresenta certa diferença do que estamos descrevendo, nesta tese, como alinhamento nominativo-absolutivo, pois consideramos que este padrão de alinhamento é resultado da duplicação do sujeito intransitivo, como iremos tratar mais à frente.

Neste trabalho, identificou-se de forma muito produtiva o padrão de alinhamento nominativo-absolutivo, que já foi descrito e analisado por Castro Alves e Gildea (2016). Salanova (2007) faz referência à forma de marcação do pronome nominativo: ‘A característica incomum dos pronomes nominativos é que, nas orações principais, eles podem duplicar um sujeito que já foi expresso mais abaixo na oração por uma forma pronominal ergativa, dativa ou absolutiva’<sup>109</sup>, conforme (194) a (196) a seguir.

	A	A	V	
194	ba	ije	ir	(adaptado de Salanova, 2007, p. 35)
	1SG	1SG	colocar.para baixo.N	
	‘Eu abaixei isso.’ <sup>110</sup>			

	A	Ex		Pred	
195	ba	i-mã	jã	kĩp	(adaptado de Salanova, 2007, p. 35-6)
	1SG	1SG-DAT	isso	gostar.N	
	‘Eu gosto disso.’ <sup>111</sup>				

<sup>109</sup> Trecho original: The unusual characteristic of nominative pronouns is that, in main clauses, they can duplicate a subject that is already expressed lower in the clause by an ergative, dative or absolutive pronominal form.

<sup>110</sup> Trecho original: “I put it down.”

<sup>111</sup> Trecho original: “I like this.”

	S	s-V	
196	ba	i-tēm	(adaptado de Salanova, 2007, p. 34)
	1SG	1SG-ir.N	
	'Eu vou.' <sup>112</sup>		

Mas ao que parece, ainda que Salanova (2007) tenha feito referência à duplicação das formas pronominais ergativa, dativa e absoluta, por um pronome nominativo, no entanto, este autor não dispensou maior atenção à forma de marcação nominativo-absolutivo.

O padrão de alinhamento nominativo-absolutivo em Mëbêngôkre se manifesta, de modo muito produtivo, com a duplicação do sujeito absoluto, ergativo e experienciador, pelo pronome da série nominativa. Em (197) a (199) as orações apresentam o padrão de alinhamento em construções com sujeito absoluto.

	TOP		S	s-V
197	ba	ně	ba	i-prõt
	1SG	NFUT	1SG.NOM	1SG.ABS-correr
	'Eu corri/estou correndo.' (elicitação)			

	TOP		S	s-V
198	ba	ně	ba	i-kəkət
	1SG	NFUT	1SG.NOM	1SG.ABS-sorrir
	'Eu sorri/estou sorrindo.' (elicitação)			

	TOP		A	p-V
199	ga	ně	ga	i-pumū
	2SG	NFUT	2SG.NOM	1SG.ACC-ver
	'Você me viu/está me vendo.' (elicitação)			

Nos exemplos acima, observa-se que as orações apresentam o sujeito intransitivo duplamente marcado, com o prefixo coocorrendo com o pronome livre. Os pronomes livres das construções (197) e (198) são paralelos ao A da construção (199), já os prefixos são paralelos ao P desta mesma construção. Assim, ocorre um padrão nominativo, em que S/A empregam a

---

<sup>112</sup> Trecho original: "I go."

série nominativa e, um padrão absolutivo, em que S/P são indexados ao verbo através da série de pronomes presos.

Os exemplos de (200) a (202), a seguir, exibem o padrão de alinhamento nominativo-absolutivo em orações intransitivas com o verbo na forma não-finita.

	TOP		S	s-V	
200	ba	nẽ	ba	i-prõt	ket
	1SG	NFUT	1SG.NOM	1SG.ABS-correr	NEG
	‘Eu não corri/não estou correndo.’				

	TOP		S	s-V	
201	ba	nẽ	ba	i-këket	ket
	1SG	NFUT	1SG.NOM	1SG.ABS-sorrir	NEG
	‘Eu não sorri/não estou sorrindo.’				

	TOP		A	p-V	
202	ga	nẽ	ga	i-pumũ	
	2SG	NFUT	2SG.NOM	1SG.ACC-ver	
	‘Você me viu/está me vendo.’				

Observa-se nos, dados acima, que a marcação diferente do sujeito intransitivo evidencia o padrão de alinhamento nominativo-absolutivo. Além disso, constata-se que as formas de marcar os argumentos S, A e P na língua dependem da forma como o verbo se apresenta na sentença, na forma finita ou não-finita, no entanto, esse não é o único fator, pois o tipo de predicado intransitivo é relevante para definir a forma de marcação do argumento S.

A distribuição dos três padrões de alinhamentos descritos acima está relacionada também aos tipos de predicados intransitivos.

Depreende-se, com base nos três padrões de alinhamento que com um conjunto de verbos (*ɣðrõ* ‘dormir’, *tĩ* ‘cair’, *tĩ* ‘morrer’, *tɔ* ‘dançar’, *tẽ* ‘ir’) na forma finita, S é marcado como S<sub>A</sub> e o alinhamento é nominativo-acusativo, ao passo que quando estes mesmos verbos ocorrem na forma não-finita, S é marcado como S<sub>P</sub> e o alinhamento é ergativo-absolutivo. Já com o conjunto de verbos (*prõt* ‘correr’, *këket* ‘sorrir’, *katɔ* ‘sair’, *kabẽ* ‘falar’), tanto na forma finita, quanto na forma não-finita, S é marcado como S<sub>A</sub> e como S<sub>P</sub>, ao mesmo tempo.

Retomando a discussão de Haspelmath (2011) sobre as cisões ocorrerem dentro de um mesmo domínio e aplicando-se para a variedade do Mëbêngôkre, tratada neste trabalho, a cisão de alguns verbos entre ativo *versus* não-ativo, eventivo *versus* estativo, por exemplo, isso não possibilita necessariamente que o verbo assuma determinada forma, finita ou não-finita. O verbo *prõt* ‘correr’ é marcado com prefixo, nas duas formas, enquanto o verbo *tĩ* ‘cair’ é marcado com pronome na forma finita e com prefixo na forma não-finita.

Esta forma de marcação não é específica do Mëbêngôkre, uma vez que fenômenos dessa natureza ocorrem em outras línguas. Mithun (1991) apresenta exemplos das línguas Guarani, Lakhota e Pomo Central. Segundo a autora, em Lakhota, a maioria dos verbos ativos, aqueles que denotam eventos, ocorrem com o morfema *wa-*, conforme (203a), enquanto a maioria dos verbos que denotam estados ocorrem com o morfema *ma-*, conforme exemplo (203b).

203 a **mawáni.** ‘Eu ando.’<sup>113</sup> (Mithun, 1991, p. 515)

b **mač<sup>h</sup>úwita.** ‘Eu estou com frio.’<sup>114</sup>

No entanto, segundo Mithun (Op. cit.) em Lakhota alguns verbos que ocorrem com o morfema *wa* denotam estados, conforme exemplo (204a), ao passo que verbos que ocorrem com o morfema *ma-* podem ocorrer também em orações que denotam eventos, conforme exemplo (204b) a seguir.

204 a **wat<sup>h</sup>i.** ‘Eu vivo, moro.’<sup>115</sup> (Mithun, 1991, p. 515)

b **mahíxpaye.** ‘Eu caí.’<sup>116</sup>

Ao falar sobre marcação de caso ativo/agentivo, Mithun (1991, p. 542) observa que:

Os seres humanos podem perceber uma variedade tão rica de distinções semânticas que não devemos nos surpreender ao encontrar diferentes conjuntos de características subjacentes a várias construções gramaticais em várias línguas em vários momentos. Se pudermos apreciar a variedade e o dinamismo de padrões gramaticais como os

<sup>113</sup> Trecho original: 'I walk.'

<sup>114</sup> Trecho original: 'I'm cold.'

<sup>115</sup> Trecho original: 'I live, dwell.'

<sup>116</sup> Trecho original: 'I fell.'

discutidos aqui, poderemos chegar mais perto de entender como e por que as línguas assumem as formas que elas apresentam.<sup>117</sup>

Conclui-se que a forma do verbo na oração Mëbêngôkre é condição para os padrões de alinhamento na língua, conforme já fora tratado por Reis Silva (2001); Salanova (2007). A esse respeito, Reis Silva (2001, p. 69) argumenta que:

É possível falar em uma cisão no eixo atividade/estatividade em Mëbêngôkre, mas isso possivelmente se referiria à divisão entre os predicados codificados como nomes e predicados codificados como verbos, e não a uma divisão na classe dos verbos intransitivos. A aparente distinção entre atividade/estatividade, em Mëbêngôkre, é na verdade uma distinção de outra natureza: ter essas raízes propriedades mais nominais ou mais verbais.

Assim observa-se que, embora o padrão de alinhamento morfossintático em Mëbêngôkre esteja condicionado pela forma do verbo, parece que considerar somente a forma do verbo não é suficiente para a definição do padrão de alinhamento na língua, pois observa-se que, para alguns verbos somente a distinção entre atividade/estatividade não é suficiente para definir a forma do verbo e o tipo de alinhamento que apresentam os seus argumentos.

A definição da intransitividade cindida prototípica generaliza as duas subclasses de verbos intransitivos, em que o sujeito alguns verbos intransitivos se comportam como sujeito de verbo transitivo, enquanto que os sujeitos de outros verbos intransitivos se comportam como objeto de verbo transitivo.

No caso do Mëbêngôkre, de acordo com o que foi descrito acima, com alguns verbos a cisão na marcação do sujeito ocorre dentro do mesmo grupo de verbos. No entanto com outro grupo de verbos a marcação do sujeito é a mesma, independente da forma do verbo, ou seja, o sujeito intransitivo é marcado da mesma forma que o objeto transitivo e a duplicação do sujeito intransitivo, pelo nominativo, faz com que seja marcado da mesma forma que o sujeito transitivo. Ou seja, os sujeitos de alguns verbos intransitivos do Mëbêngôkre se comportam como argumentos internos, enquanto os sujeitos de outros verbos intransitivos se comportam como argumentos externos.

Mas o que levaria a língua Mëbêngôkre a exibir com regularidade os argumentos A/S duplicados por nominativo? Esta pergunta encontraria resposta no que Gildea e Castro Alves (2016) chamam de ‘Reconstrução da fonte do alinhamento nominativo-absolutivo’ já mencionado acima.

---

<sup>117</sup> Trecho original: Human beings can perceive such a rich variety of semantic distinctions that we should not be surprised to find different sets of features underlying various grammatical constructions in various languages at various times. If we can appreciate the variety and dynamism of grammatical patterns like those discussed here, we may be able to come closer to understanding how and why languages take the shapes they do.

## 5 SUJEITO NÃO-CANÔNICO EM MÊBÊNGÔKRE

Este capítulo trata da marcação de A/S em Mêbêngôkre, a partir da descrição das propriedades do sujeito e das diferentes marcações que este recebe. A discussão apresentada está fundamentada nas propostas de Keenan (1976); Zaenen, Maling e Thrainsson (1985), que definem o conjunto de propriedades referentes ao sujeito como: propriedades de codificação, propriedades comportamentais e propriedades semânticas.

O objetivo deste capítulo é identificar se os sintagmas posicionais (doravante SP), cuja marcação é feita pelas posições *mã* e *kãm*, *jã* e *bê*, apresentam as propriedades referidas acima, para que sejam considerados sujeito dativo e sujeito locativo, respectivamente.

A motivação para a identificação e descrição dos sujeitos não-canônicos em Mêbêngôkre vem do fato que a maioria das línguas do mundo apresenta construções em que os argumentos centrais A/S e O exibem algumas propriedades não-prototípicas, em especial a marcação de caso não-canônica. Nessas línguas, sujeito e objeto podem apresentar outras formas de marcação de caso que não a forma padrão expressa por nominativo, ergativo e absolutivo para A/S e, acusativo para O (KULIKOV, 2004).

A respeito da marcação não-canônica de argumentos, Onishi (2001) afirma que em caso de verbos com um ou dois argumentos, com A/S afetados por predicados que expressam eventos ou estados fisiológicos e sentimentos ou experiências psicológicas; assim como verbos que expressam A/S menos agentivos e O menos afetado por estes sujeitos, tais como verbos de percepção, por exemplo, ao menos um dos argumentos (A/S, O) recebe marcação não-canônica.

Com relação às propriedades comportamentais, o sujeito não-canônico apresenta comportamento sintático típico do sujeito canônico, inclusive a aprovação nos mesmos testes sintáticos. Dentre estes testes figuram as propriedades comportamentais, tais como controle do reflexivo, controle do apagamento do sujeito sob correferência na oração coordenada e subordinada e, na mudança de referência. No entanto, as propriedades de codificação relacionadas ao sujeito, tais como marcação de caso morfológico e concordância sujeito-verbo, não são verificadas para os sujeitos não-canônicos (BARÐDAL; EYTHÓRSSON, 2005).

Uma amostra da ausência de concordância sujeito-verbo em sujeitos não-canônicos pode ser vista no exemplo (202), do Nepali (língua do ramo Indo-Ariano). Neste caso, o verbo está na terceira pessoa, ao passo que o sujeito dativo está na primeira pessoa e tem marcação de caso no sintagma nominal (BICKEL, 2004).

Esta forma de relação sujeito-verbo difere de línguas indo-europeias como o Português, por exemplo, em que o sujeito é mapeado no verbo. Neste caso, o verbo tem concordância de pessoa, que reflete os traços de sujeito e não marca caso no sintagma nominal (STORTO, 2019, p. 74), conforme o exemplo (206) a seguir.

205	malāi	jvaro	lāg-yo	(Bickel, 2004, p. 90)
	1SG.DAT	febre.NOM	perceptível-PT.3SG.M	
	‘Eu estou com febre.’ <sup>118</sup>			
206	eu	estou	com.febre	
	1SG.NOM	sensação.1SG	SN	

Neste trabalho serão utilizados os termos Ex (experienciador) em substituição ao S em construções intransitivas e Ex (experienciador) para A e St (estímulo) para P, em construções transitivas, quando estivermos tratando de construções em que A/S seja marcado pela posposição *mā* e S seja marcado pelas posposições *kām*, *jā* e *bê*. O uso dessa nomenclatura ocorre em razão de S sujeito intransitivo, A sujeito transitivo e P objeto transitivo serem aplicados a A/S marcados canonicamente, mas não a A/S marcados não-canonicamente (experienciadores e estímulos) (CROFT, 2001).

O predicado em Měbêngôkre apresenta três formas para expressão do sujeito pronominal, sendo duas formas para o sujeito canônico e uma forma para o sujeito não-canônico. O sujeito canônico é expresso por pronomes livres e por prefixos de pessoa no verbo. Já o sujeito não-canônico é expresso por pronomes marcados pela posposição *mā* para os sujeitos dativos e pelas posposições *kām*, *jā* e *bê* para os sujeitos locativos.

Aikhenvald, Dixon e Onishi (2001) observam que existem muitos tipos de predicados semânticos, os quais exigem construções não-canônicas, tais como: posse/existência; estados psicológicos; estados fisiológicos, percepções visuais/auditivas, dentre outros. Neste trabalho vamos tratar das construções não-canônicas do campo semântico psicológico/fisiológico como sujeito dativo e do campo semântico de posse/existência como sujeito locativo.

Nas seções 5.1 e 5.2 a seguir, serão descritos e analisados os sujeitos marcados canônica e não-canonicamente em Měbêngôkre.

---

<sup>118</sup> Trecho original: ‘I’ve got fever.’

## 5.1 PROPRIEDADES DO SUJEITO CANÔNICO

Nesta seção trataremos das propriedades do sujeito canônico em Měbēngôkre, a partir da descrição das propriedades de codificação e comportamentais destes sujeitos, considerando-se as formas pelas quais são expressos, por nominais ou por pronominais, tanto sujeitos de orações transitivas como intransitivas.

Ao tratar da marcação de sujeitos, Dixon (1994) afirma que esse termo pode ocorrer na forma não-marcada, referenciado no verbo e pode controlar as operações de coordenação e de subordinação em construções com mais de uma oração. O sujeito tem como função essencial iniciar e controlar a ação do evento, cabendo a si a função de agente causador de resultados em razão de sua ação.

A relação do sujeito com o verbo é intensa a ponto de, quando determinado verbo requer ação animada, isso faz com que determinado sintagma nominal, ainda que não apresente característica de sujeito, possa assumir a ação como tal. Por exemplo, na construção ‘O vento fechou a porta.’<sup>119</sup>, o vento pode ser considerado o sujeito da ação, ainda que ‘o vento’ não possua a propriedade de controle sobre a ação (DIXON, 1994).

Andrews (2007) afirma que existem duas definições principais para estabelecer a existência do sujeito: uma, são os recursos de codificação abertos em orações principais e a outra, são os fenômenos gramaticais com maior grau de complexidade e de abstração, tais como a elisão do sujeito em orações subordinadas, por exemplo.

Segundo Dixon (Op. cit.) para compreender o sujeito, é interessante que A e S sejam vistos na relação destes com P, já que S muitas vezes não está na função de agente ou controlador, mas na condição de afetado pela ação, o que o faz assemelhar-se à função de P. Esse parece ser o caso do sujeito não-canônico, que será discutido mais à frente.

Na literatura linguística disponível existe a definição de mais de uma forma de marcação do sujeito nas línguas. Na visão tradicional de definição de argumentos, o sujeito, nas orações transitivas, é aquele que recebe o caso nominativo, enquanto o objeto é o que recebe os casos acusativo, dativo, genitivo e instrumental (BARÐDAL; EYTHÓRSSON, 2005).

Pode-se considerar que em Měbēngôkre as funções gramaticais A/S são relacionadas, já que podem ser expressas por uma única função gramatical, chamada de sujeito, quando S=A. No entanto, quando S é marcado no verbo, essa marcação o relaciona com o P (S=P), o que não reflete a relação gramatical de sujeito. Acresce-se que, o Měbēngôkre expressa de forma muito

---

<sup>119</sup> Trecho original: The wind closed the door.

evidente, o S ocorrendo alinhado tanto em relação a A quanto em relação a P, ao mesmo tempo, conforme foi abordado no capítulo quatro desta tese.

Outra observação a ser feita referente ao sujeito Mëbêngôkre é que este pode ser elidido nas orações coordenadas e subordinadas, sendo expresso, neste caso, morfologicamente apenas na oração principal.

Nas seções 5.1.1 e 5.1.2 serão tratadas as propriedades formais das relações gramaticais, que são as propriedades de codificação e as propriedades comportamentais do sujeito em Mëbêngôkre, com um resumo das propriedades do sujeito canônico.

### 5.1.1 Propriedades de codificação

As propriedades de codificação do sujeito incluem concordância verbal, marcação de caso e ordem de constituintes<sup>120, 121</sup> (CROFT, 2001; ONISHI, 2001).

Na concordância verbal, em Mëbêngôkre, é feita a distinção de S de duas formas: (i) S é às vezes paralelo a A e outras vezes paralelo a P, instanciando um padrão protípico de intransitividade cindida, dependendo se S é um pronome (S<sub>A</sub>) ou um prefixo de pessoa indexado no verbo (S<sub>P</sub>); (ii) S paralelo a A e a P ao mesmo tempo, quando coocorrem, um pronome livre e um prefixo de pessoa indexado no verbo.

Verbos intransitivos como *ŋõrõ* ‘dormir’, *tĩ* ‘cair’ e *tĩ* ‘morrer’, na forma finita, expressam S, exemplos (207) e (208), semelhante ao A, do exemplo (209), ou seja, S é expresso por pronome livre da série nominativa.

	TOP		S		V
207	ga	nẽ	ga	ŋõrõ	
	2SG	NFUT	2SG	dormir	
	‘Você dormiu/está dormindo.’ (elicitação)				

<sup>120</sup> Keenan (1976) e outros trabalhos subsequentes consideram que a ordem de palavras é uma propriedade de codificação, enquanto Haspelmath (2010) a considera como uma propriedade comportamental.

<sup>121</sup> Os exemplos que serão exibidos aqui referentes à codificação de sujeito já foram descritos no capítulo quatro deste trabalho e serão repetidos para facilitar a compreensão.

	TOP		S	V	
208	ba	nẽ	ba	tĩ	
	1SG	NFUT	1SG	cair	

‘Eu caí/estou caindo.’ (elicitação)

	TOP		A	p-V	
209	ga	nẽ	ga	i-pumũ	
	2SG	NFUT	2SG	1SG-ver	

‘Você me viu/está me vendo.’ (elicitação)

Por outro lado, os mesmos verbos intransitivos *ɲõrõ* ‘dormir’, *tĩ* ‘cair’ e *ti* ‘morrer’, na forma não-finita, expressam S, exemplos (210) e (211), da mesma forma que P, em (212), ou seja, o sujeito é expresso por prefixo de pessoa no verbo. Nestes casos, coocorrem um pronome livre e um prefixo de pessoa no verbo, ambos marcando S.

	TOP		S	s-V	
210	ba	nẽ	ba	i-ɲõt	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG-dormir	NEG

‘Eu não dormi/não estou dormindo.’ (elicitação)

	TOP		S	s-V	
211	ga	nẽ	ga	a-tĩm	ket
	2SG	NFUT	2SG	2SG-cair	NEG

‘Você não caiu/não está caindo.’ (elicitação)

	TOP		A	p-V	
212	ga	nẽ	ga	i-pumũ	
	2SG	NFUT	2SG	1SG-ver	

‘Você me viu/está me vendo.’ (elicitação)

Verbos intransitivos como *kēket* ‘sorrir’ e *prõt* ‘correr’ apresentam S sempre indexado no verbo, podendo ser duplicado pelo pronome. Nestes casos, S é paralelo a A e paralelo a P, tanto na forma finita como na forma não-finita, conforme exemplos de (213) a (217) a seguir.

- 213 TOP S s-V  
 ba nẽ ba i-kɛkɛt  
 1SG NFUT 1SG 1SG-sorrir.V  
 ‘Eu sorri/estou sorrindo.’ (elicitação)
- 214 TOP S s-V  
 ba nẽ ba i-kɛkɛt ket  
 1SG NFUT 1SG 1SG-sorrir.N NEG  
 ‘Eu não sorri/não estou sorrindo.’
- 215 TOP S s-V  
 ba nẽ ba i-prõt  
 1SG NFUT 1SG 1SG-correr.V  
 ‘Eu corri/estou correndo.’ (elicitação)
- 216 TOP S s-V  
 ba nẽ ba i-prõt ket  
 1SG NFUT 1SG 1SG-correr.N NEG  
 ‘Eu não corri/não estou correndo.’
- 217 TOP A p-V  
 ga nẽ ga i-pumũ  
 2SG NFUT 2SG 1SG-ver.V  
 ‘Você me viu/está me vendo.’

Nos exemplos acima, S se assemelha ao A, pois ambos são pronomes livres da série nominativa, e ao mesmo tempo S se assemelha ao P, pois ambos são prefixos de pessoa indexados ao verbo.

Observa-se que, em Měbêngôkre, a expressão do sujeito marcado como prefixo de pessoa no verbo ocorre com alguns verbos intransitivos nas formas finita e não-finita e com outros verbos intransitivos somente na forma não-finita, conforme já foi tratado nos capítulos três e quatro deste trabalho.

Com relação à marcação de caso, como já descrito no capítulo quatro, não há marcação de caso, propriamente, mas há uma oposição entre duas séries de pronomes, a série nominativa

e a série ergativa. No padrão em que S se assemelha ao A (S=A), quando S e A são pronomes livres nominativos, emprega-se a série nominativa. P também não recebe marcação de caso, mas é marcado de modo distinto de A e S, uma vez que é referenciado pela série de prefixos indexados ao verbo, conforme pode-se conferir nos exemplos (218) e (219) a seguir.

	TOP		S	V
218	ba	ně	ba	tĩ
	1SG	NFUT	1SG	cair
	'Eu caí/estou caindo.' (elicitação)			

	TOP		A	p-V
219	ga	ně	ga	i-pumũ
	2SG	NFUT	2SG	1SG-ver
	'Você me viu/está me vendo.' (elicitação)			

Quando S é marcado igual a P (S=P), ambos são codificados por prefixos verbais e S é ainda duplicado pelo pronome nominativo. Neste caso, S apresenta o padrão de marcação absoluto, instanciada pelo prefixo no verbo, embora também não receba marcação de caso, conforme exemplos (220) a (222) a seguir.

	TOP		S	OBL	s-V
220	ga	dʒa	ga	kikrɛ mã	a-prõt
	2SG	FUT	2SG	casa DAT	2SG-correr
	'Você vai correr para a casa.' (elicitação)				

	TOP		S	OBL	s-V
221	ga	dʒa	ga	i-mã	a-keket
	2SG	FUT	2SG	1SG-DAT	2SG-correr
	'Você vai sorrir para mim.' (elicitação)				

	TOP		A	p-V
222	ga	dʒa	ga	i-bĩ
	2SG	FUT	2SG	1SG-matar
	'Você vai me matar.' (elicitação)			

Já com referência à ordem de constituintes, em relação às orações intransitivas, os predicados expressam S precedendo o verbo. S pode ser expresso por pronome livre, conforme atesta (223), ou expresso por prefixo de pessoa, indexado no verbo, duplicado pelo pronome nominativo, conforme (224) a seguir.

	TOP		S		V		TOP		S		s-V
223	ba	ɖʒa	ba	ĩ			224	ba	ɖʒa	ba	i-prõt
	1SG	FUT	1SG	cair				1SG	FUT	1SG	1SG-correr
	‘Eu vou cair.’ (elicitação)							‘Eu vou correr.’ (elicitação)			

Em relação às orações transitivas, os predicados expressam dois argumentos (A e P), A precede P e ambos, A e P, precedem o verbo. A é expresso por pronome livre, conforme os exemplos (225) e (226); enquanto P é expresso por nominal, conforme exemplo (225) ou por prefixo de pessoa, indexado no verbo, conforme exemplo (226) a seguir.

	TOP		A		P		V		TOP		A		p-V
225	ba	nẽ	ba	kubẽ	pumũ				226	ga	ɖʒa	ga	i-pumũ
	1SG	NFUT	1SG	branco	ver					2SG	FUT	2SG	1SG-ver
	‘Eu vi o homem branco.’ (elicitação)							‘Você vai me ver.’ (elicitação)					

A presença de operadores após o verbo<sup>122</sup> condiciona um padrão distinto de transitivos. Com o *ket* ‘negação’ em (227), A recebe marcação ergativa, expressa pelo pronome da série ergativa, ao passo que em (228), sem o *ket* ‘negação’, A é expresso pelo pronome da série nominativa, uma vez que a partícula pós-verbal condiciona o verbo expresso na forma não-finita e a sua ausência, condiciona o verbo na forma finita.

	A	A		p-V	
227	ga	aje	i-pumũŋ	ket	
	2SG	2SG	1SG-ver.N	NEG	
	‘Você não me viu/não está me vendo.’ (elicitação)				

<sup>122</sup> Essa discussão já foi feita no capítulo quatro desta tese.

	TOP		A	p-V
228	ga	dʒa	ga	i-pumũ
	2SG	FUT	2SG	1SG-ver
	‘Você vai me ver.’ (elicitação)			

Na próxima seção serão apresentadas as propriedades comportamentais identificadas pelo sujeito marcado canonicamente em Mëbêngôkre.

### 5.1.2 Propriedades comportamentais

As propriedades comportamentais do sujeito são expressas por meio de: controle do reflexivo, controle e apagamento nas orações coordenadas e subordinadas e, mudança de referência, conforme Croft (2001).

Shopen (2007) afirma que muitas línguas têm pronomes especiais, chamados de reflexivos, e que em algumas línguas, estes pronomes podem ser correferências com o sujeito da cláusula em que estão contidos.

Em Mëbêngôkre, as construções com reflexivização ocorrem com o A e é este quem controla o reflexivo, conforme exemplos de (229) a (232) a seguir. Nesse tipo de construção, o sujeito e o objeto são correferentes, de acordo com Givón (2001, p. 95). Nas orações com um único argumento não ocorre reflexivização, pois o S não exerce controle sobre o reflexivo, já que neste tipo de construções o único lugar é o do próprio S.

	A		P	V
229	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	amĩ <sub>i</sub> krãta
	3SG	DEM	NFUT	REF
	‘Ele se cortou.’ (elicitação)			

	TOP		A	P	V
230	ga	nẽ	ga <sub>i</sub>	amĩ <sub>i</sub>	krãta
	2SG	NFUT	2SG	REF	cortar
	‘Você se cortou.’ (elicitação)				

	TOP		A	P	V	
231	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	amĩ <sub>i</sub>	kaŋro	
	1SG	NFUT	1SG	REF	estar.quente	
	‘Eu me esquentei.’ (elicitação)					

	TOP		A	P	V	
232	ga	nẽ	ga <sub>i</sub>	amĩ <sub>i</sub>	kaŋro	
	2SG	NFUT	2SG	REF	estar.quente	
	‘Você se esquentou.’ (elicitação)					

Em relação ao controle e apagamento nas orações coordenadas, o sujeito da oração anterior controla o apagamento sob correferência na oração subsequente, conforme os exemplos (233) e (234) a seguir.

	S			V		S	V		A	P	V
233	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	õt	nẽkãm	ø <sub>i</sub>	tĩ	nẽ	ø <sub>i</sub>	amĩpa	kwarã
	3SG	DEM	NFUT	dormir	CONJ	3SG	cair	CONJ	3SG	braço	quebrar
	‘Ele estava dormindo, caiu e quebrou o braço.’ (elicitação)										

	A			P	V		A	V
234	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ŋô	bir	nẽ	ø <sub>i</sub>	ojkõ
	3SG	DEM	NFUT	água	pegar	CONJ	3SG	beber
	‘Ele pegou a água e bebeu. (elicitação)							

Observa-se nos exemplos (233) e (234), que a partícula *nẽ* ‘conjunção’ é o marcador de correferência nas orações coordenadas de mesmo sujeito, em que os sujeitos à direita são apagados, conforme discussão feita por Nonato (2016, p. 16-8).

Em relação ao controle e apagamento em construções subordinadas, o sujeito da oração principal controla o apagamento do sujeito da oração subordinada. Esta funciona como objeto (P) da oração principal, conforme exemplo (235) a seguir.

	A		[A	P	V]P		V
235	ga <sub>i</sub>	ně	ø <sub>i</sub>	kuběkλ	bir	ɔ	wapno
	2SG	NFUT	2SG	roupa	comprar	ɔ	esquecer

‘Você esqueceu de comprar roupa.’ (elicitação)

No caso da construção (235) acima, o sujeito da oração principal apaga o sujeito da oração subordinada sob correferência, pois esta funciona como objeto da oração principal.

Em (236) a seguir, o sujeito da segunda oração não pode ser apagado, porque não é correferente com o sujeito da primeira oração.

	TOP		A	p-V	[S	s-V]
233	ba	ně	ba <sub>i</sub>	a <sub>j</sub> -pumũɲ	ga	a <sub>j</sub> -kəkət
	1SG	NFUT	1SG	2SG-ver	2SG	2SG-sorrir

‘Eu vi você sorrindo.’ (elicitação)

No caso do apagamento do sujeito nas orações coordenadas e subordinadas, observa-se que, embora morfologicamente o sujeito seja zero, semanticamente é correferenciado com o sujeito da oração principal.

Na mudança de referência, o sujeito da oração anterior controla a mudança de referência na oração subsequente, conforme exemplo (237) a seguir.

	A			P	V		A		V
237	ta <sub>i</sub>	wã	ně	ηô	dʒa	ɲi	ta <sub>j</sub>	wã	ojkõ
	3SG	DEM	NFUT	água	deixar	CONJ	3SG	DEM	beber

‘Ele deixou a água e o outro a bebeu.’ (elicitação)

No quadro 10 a seguir, esboçamos a forma de marcação pronominal nas sentenças com sujeito marcado canonicamente em Mëbêngôkre. Como descrito nesta seção, a forma de marcação do S, ora se assemelha ao A, quando é expresso por pronome (S<sub>A</sub>), ora ao P, quando é expresso por prefixo (S<sub>P</sub>), o que pode ser descrito como uma caso de intransitividade cindida.

**Quadro 10:** Formas do sujeito canônico.

Transitividade	Pronome nominativo	Prefixo de pessoa
Intransitivo	S <sub>A</sub> V	S <sub>P</sub> -V
Transitivo	A	p-V

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na próxima seção serão apresentados os sujeitos não-canônicos que ocorrem nas diferentes construções em Mëbêngôkre, por meio da descrição de suas respectivas propriedades gramaticais. Descreveremos as propriedades do sujeito, com destaque para os sujeitos oblíquos<sup>123</sup>, não-prototípicos, que são aqueles sujeitos que recebem marcação diferente da marcação que recebem os sujeitos nominativos, ergativos e absolutivos, sujeitos prototípicos.

Os sujeitos não-canônicos são marcados formalmente por posposições. O sujeito dativo é marcado pela posposição *mã* e, o sujeito locativo é marcado pelas posposições *kãm*, *jã* e *bê*.

## 5.2 PROPRIEDADES DO SUJEITO NÃO-CANÔNICO

Nesta seção serão tratados os sujeitos marcados não-canonicamente em Mëbêngôkre. Estes sujeitos recebem marcação diferente da marcação que recebem os sujeitos canônicos, ainda que os sujeitos não-canônicos compartilhem muitas das propriedades inerentes aos sujeitos canônicos, conforme veremos a seguir.

Para este trabalho não realizamos testes referentes às propriedades de codificação e às propriedades comportamentais para o SP que não é o sujeito. A realização destes testes não foi possível pela limitação que tivemos para entrar nas aldeias, por motivos mencionados na introdução, seção de campo. Reconhecemos que uma discussão com estes dados seriam mais completa para a discussão da marcação de sujeito.

O sujeito não-canônico não causa consequências a alguém ou a algo que é afetado pelo resultado dessa atividade. Assim, de acordo com Onishi (2001), ao contrário do sujeito canônico, o sujeito não-canônico é afetado por predicados que expressam estados ou eventos fisiológicos ou psicológicos, como sentimentos e experiências.

Na literatura referente aos sujeitos não-canônicos, há posições divergentes quanto a sua origem. A discussão se dá em torno do *status* destes sujeitos, se eles passaram por mudança e

<sup>123</sup> Observa-se que o sujeito com marcação diferencial, recebe neste e em outros trabalhos várias denominações, tais como não-canônico, não-nominativo, não-padrão, não-prototípico, sujeito oblíquo e experienciador. Todas estas nomenclaturas são utilizadas na literatura sobre o tema.

mudaram da condição de objeto para a condição de sujeito, ou ao contrário, se eles não mudaram e sempre foram sujeitos. A seguir veremos a posição de alguns autores sobre essas duas posições.

Para Cole *et al.* (1980) os sujeitos oblíquos passaram por um processo de mudança de *status*, em que da condição de objetos, em que eram argumentos internos ou complementos do predicado, ao longo do tempo foram adquirindo propriedades específicas próprias dos sujeitos prototípicos, que ocupam a posição de argumento externo ao predicado. Isso teria sido o motivo pelo qual os sujeitos oblíquos recebem na atualidade marcação diferente do sujeito canônico, que é a marcação não-canônica.

O comentário de Croft (2001, p. 158) a respeito dos sujeitos oblíquos se coaduna com a afirmação de Cole *et al.* (Op. cit.). Croft afirma que pela reconstrução diacrônica, algumas línguas, como foi o caso do Inglês, mostram evidências de mudança nas relações gramaticais. Nesta língua, o experienciador sofreu mudanças e passou da condição de oblíquo para a condição de sujeito.

No entanto, a hipótese de Cole *et al.* (Op. cit.) tem sido refutada por vários pesquisadores da área da linguística na atualidade, tais como Barðdal e Eythórsson (2009). Estes autores consideram que os sujeitos oblíquos sempre foram sujeitos e discordam da hipótese de que eles tenham adquirido essa condição, motivados por mudanças ocorridas ao longo do tempo, em que passaram de objeto para sujeito (BARÐDAL; EYTHÓRSSON, 2009).

No caso da família linguística Jê, Castro Alves (2008) defende que, desde o Proto-Jê, ramo ao qual pertence o Mëbêngôkre, já havia um subconjunto de sujeitos sintáticos que recebiam marcação idêntica ao objeto, contrariando a hipótese de que estes sujeitos teriam passado por mudança diacrônica, pelo menos recente, e se desenvolvido a partir do objeto.

Os sujeitos não-canônicos geralmente não desencadeiam concordância verbal (ONISHI, 2001). Estes sujeitos fazem parte da estrutura sentencial, em que o verbo mental requer uma pessoa, chamada de experienciador e um objeto, chamado de estímulo, conforme define Croft (2001, p. 155-6):

VERBOS MENTAIS denotam estados ou processos psicológicos, tipicamente emoção, cognição e percepção. A pessoa cujo estado mental está sendo descrito é chamada de EXPERIENCIADOR, e a entidade que produz o estado mental ou é o objeto de atenção do estado mental é chamada de ESTÍMULO.<sup>124</sup>

<sup>124</sup> Trecho original: MENTAL VERBS denote psychological states or processes, typically emotion, cognition, and perception. The person whose mental state is being described is called the EXPERIENCER, and the entity that brings about the mental state or is the object of attention of the mental state is called the STIMULUS.

Um sujeito experienciador não controla nem é visivelmente afetado por uma ação. Normalmente, um experienciador é uma entidade que recebe um sensorial, é o *locus* de algum evento ou atividade que não envolve nem volição nem uma mudança de estado.

As línguas geralmente tratam o experienciador da mesma forma que tratam o agente para fins de expressão gramatical (PAYNE, 1997, p. 50), no entanto, existem também casos de sujeitos que são marcados de forma distinta. Várias línguas do mundo exibem estruturas em que o sujeito não está no caso nominativo, mas no acusativo, dativo, genitivo, instrumental etc. (BARÐDAL; EYTHÓRSSON, 2009).

Na língua Mëbêngôkre, além dos sujeitos marcados canonicamente, que já foram descritos pela literatura referente à língua (THOMSON; STOUT, 1974; REIS SILVA, 2001; SALANOVA, 2007; COSTA, 2015, entre outros) e apresentados de forma resumida na seção 5.1 acima, estamos assumindo que existem sujeitos que recebem marcação não-canônica, e que estas marcações são expressas pelo SP com a posposição *mã*, sujeito dativo, e com as posposições *kãm*, *jã* e *bê*, sujeito locativo.

Construções com sujeitos marcados não-canonicamente se mostram muito produtivas na língua Mëbêngôkre, especialmente o sujeito dativo que respondeu satisfatoriamente aos testes de sujeito propostos por Barðdal e Eythórsson (2016).

Os sujeitos não-canônicos em Mëbêngôkre são afetados por predicados que licenciam sujeitos expressos por sintagmas nominais constituídos por nome ou pronome mais posposição. Os predicados com A/S dativo expressam tanto o estado físico quanto o psicológico e podem ser de um ou de dois lugares. Já os predicados com S locativo expressam tanto o estado físico quanto o psicológico, mas com um único argumento.

A partir daqui quando tratarmos de construções com predicados que denotam estados ou processos físicos ou psicológicos, os argumentos que correspondem a S, A e P, marcados não-canonicamente serão referidos da seguinte forma: em construções com um único lugar, chamaremos o equivalente ao sujeito S de experienciador<sup>125</sup> (Ex) e em construções com o predicado de dois lugares, chamaremos o equivalente ao sujeito A, de experienciador (Ex) e o equivalente ao objeto P, de estímulo (St), seguindo a proposta de Croft (2001).

A seguir abordaremos o tópico sobre os dois tipos de sujeito não-canônico identificados em Mëbêngôkre. A seção 5.2.1 tratará do sujeito dativo, marcado com a posposição *mã* e a seção 5.2.2 tratará do sujeito locativo, marcado com as posposições *kãm*, *jã* e *bê*.

---

<sup>125</sup> O papel semântico suportado por um sintagma nominal que expressa o sintagma nominal animado, que é o receptor passivo de uma sensação ou experiência mental (TRASK, 1996, p. 97).

### 5.2.1 Sujeito dativo

Nesta seção identificaremos o padrão do SP dativo que ocorre com diferentes predicados, e será avaliada sua respectiva condição gramatical como sujeito dativo, em construções de um e dois lugares.

O Dicionário de termos gramaticais em linguística, (TRASK, 1996, p. 70-1) define *dativo* como uma forma de caso que frequentemente indica o destinatário ou beneficiário de determinada ação e em algumas línguas ocorrem construções com o dativo na função de sujeito, que normalmente é um experienciador.

A tradição nos estudos linguísticos era baseada no modelo de línguas indo-europeias, até começarem a surgir trabalhos com dados de línguas de fora desse círculo. As línguas de povos autóctones das Américas, da Ásia, Austrália etc., principalmente a partir do século XX, passaram a fornecer dados que vêm sendo acrescentados aos estudos na área.

O sujeito experienciador, por exemplo, é marcado com nominativo em línguas europeias como o Inglês, por exemplo, mas com dativo em línguas como o Mëbêngôkre, conforme exemplos (238) e (239) a seguir.

238 I like you  
1SG gostar.PAST 2SG  
'Eu gosto de você.'

239 ba nẽ ba i-mã a-kĩj  
1SG NFUT 1SG 1SG-DAT 2SG-gostar  
'Eu gosto de você.'

Nos exemplos acima, observa-se que o experienciador recebe marcação diferente, nominativo em inglês e dativo em Mëbêngôkre, enquanto o tema, tanto em inglês quanto em Mëbêngôkre, é um estímulo, que recebe a mesma marcação de objeto nas duas línguas. Além disso, o tempo em inglês é mapeado no verbo, já em Mëbêngôkre é marcado por uma partícula, em segunda posição. Em (239) o nominativo *ba* '1sg.nom' se refere à duplicação do sujeito posicionado *i-mã*.

Os autores que já realizaram trabalhos morfossintáticos sobre as línguas da família Jê do sub-ramo Setentrional (POPJES; POPJES, 1986; DOURADO, 2001; FERREIRA, 2003; OLIVEIRA, 2005; SALANOVA, 2007 e 2012; COSTA, 2003 e 2015; CASTRO ALVES,

2004, 2008 e 2018), entre outros, apresentaram exemplos de construções em que um sintagma posposicional (SP), expresso com o pronome marcado pela posição dativa *mã*, constitui o sujeito. A seguir mostraremos exemplos de alguns desses trabalhos.

Na descrição da língua Parkatêjê, Ferreira (2003) registra a presença de uma subclasse dos verbos estativos que recebem marcação não-canônica informa que estes verbos se comportam como verbos intransitivos. Trata-se de verbos de apenas um lugar que têm o S afetado e expressam estados fisiológicos/eventos, tais como: *kri* ‘estar.com.frio’, *koru* ‘ter.sede’ etc., conforme exemplo (240) a seguir.

	Ex	Pred	
240	i-mã	kri	(adaptado de Ferreira, 2003, p. 158)
	1SG-DAT	ter.frio	
	‘Eu estou com frio.’		

Ainda, segundo Ferreira (2003), há outra classe de verbos que exprimem sentimentos e experiências psicológicas, tais como: *kĩn* ‘gostar’, *kupati* ‘estar.com.medo’, *prãm* ‘ter.fome’ etc. Segundo Ferreira (2003, p. 93) ‘esses predicados requerem pelos menos uma locução nominal marcada não-canonicamente, a qual indica o Paciente/Experienciador, que é fisicamente afetado pelo estado ou evento descrito pelo predicado’.

Conforme se pode observar nos exemplos (241) e (242), extraídos de Ferreira (2003, p. 93), o argumento de *prãm* em (241) é marcado da mesma forma que o argumento estendido (objeto indireto) do verbo *hõr* em (242).

	Ex	Pred	
241	i-mã	prãm	nĩre (adaptado de Ferreira, 2003, p. 93)
	1SG-DAT	ter.fome	INTENS
	‘Eu estou com muita fome.’		

	A	OI	P	V	
242	Jorge	aiku	i-mã	ho	hõr (adaptado de Ferreira, 2003, p. 93)
	Jorge	PR	1SG-DAT	folha	dar+pas
	‘Jorge dava dinheiro para mim.’				

Popjes e Popjes (1986) analisam construções semelhantes em Canela-Krahô, como construções estativas e afirmam que as posições *mã* e *te* ocorrem com diferenças semânticas para a mesma raiz. Para estes autores, sujeitos de construções que denotam sentimentos, tais como medo, frio, fome, atração, luxúria etc., recebem marcação das posições *mã*, para estado temporário e *te*, para estado habitual, conforme exemplos (243) e (244) a seguir.

	Ex	Pred	
243	i-tɛ	pa	(adaptado de Popjes; Popjes, 1986, p. 133)
	1SG-HAB	medo	
	‘Eu estou sempre com medo.’ <sup>126</sup>		

	Ex	Pred	
244	i-mã	pa	(adaptado de Popjes; Popjes, 1986, p. 133)
	1SG-TEMP	medo	
	‘Eu estou com medo (agora).’ <sup>127</sup>		

Em trabalho sobre a língua Mëbêngôkre/Kayapó, Thomson e Stout (1974) registram várias construções com a posição dativa *mã*, embora as autoras não usem este termo. Thomson e Stout (Op. cit.) classificam esse tipo de construção como ‘sub-tipo de predicados experimentador-paciente’, conforme exemplos (245) e (246) referentes a experimentador-origem e (247) referente a experimentador-paciente.

	Ex	Pred	
245	i-mã	kôro	(adaptado de Thomson; Stout, 1974, p. 7)
	1SG-DAT	ter.sede	
	‘Estou com sede.’		

	Ex	Pred	
246	i-mã	kri	(adaptado de Thomson; Stout, 1974, p. 7)
	1SG-DAT	ter.frio	
	‘Estou com frio.’		

<sup>126</sup> Trecho original: ‘I am always afraid.’

<sup>127</sup> Trecho original: ‘I am afraid (right now).’

	Ex	St	Pred	
247	<i>i-mã</i>	<i>yàt</i>	<i>prãm</i>	(adaptado de Thomson; Stout, 1974, p. 6)
	1SG-DAT	inhome	querer	
	'Eu quero inhome.'			

Thomson e Stout (Op. cit.) argumentam que em construção com um único argumento, o experimentador *i-mã* 'para mim' pode ser constituído apenas por um adjunto, experimentador-adjunto, (245) a (247) ou por um experimentador-adjunto *i-mã* 'para mim', antecedido por um experimentador-sujeito *ba* 'eu', conforme exemplo (248) a seguir.

	S	Ex	Pred	
248	<i>ba<sub>i</sub></i>	<i>i<sub>i</sub>-mã</i>	<i>kôro</i>	(adaptado de Thomson; Stout, 1974, p. 17)
	1SG	1SG-DAT	ter.sede	
	'Eu estou com sede.'			

Observa-se que as autoras Thomson e Stout (Op. cit.) fazem diferença referente ao sujeito. Em (245) a (247), analisam *i-mã* como um experienciador-adjunto, ou seja, não há experienciador-sujeito; enquanto em (248), na análise dessas autoras, ocorrem o experienciador-sujeito e o experienciador-adjunto, ou seja, *ba* é analisado como o experienciador-sujeito e *i-mã* como o experienciador-adjunto. Em relação ao exemplo (247), Thomson e Stout (Op. cit.) argumentam que em construções com dois argumentos, *prã* é 'predicado-verbo' e o argumento *yàt* 'inhome' é o paciente-complemento.

Nesta tese, com base nos testes aplicados para identificação do sujeito marcado com a posposição dativa, assumimos que em construções como (245) a (248), o prefixo do sintagma posposicional é o sujeito e o pronome livre é o nominativo que duplica o sujeito. O nominal ou o prefixo de pessoa indexado no predicado são o estímulo.

Castro Alves (2018) dá um tratamento mais elaborado para o sujeito dativo em Canela/Apãniekra. Esta autora afirma que, nesta língua, os argumentos centrais dos predicados marcados canonicamente são: S para o intransitivo e A e P para o transitivo. Castro Alves (Op. cit.) afirma ainda que, quando o S não é uma categoria unificada, ocorre a cisão e este ora se comporta como A (SA), ora se comporta como P (SP).

Para Castro Alves (Op. cit.) alguns predicados nominais e verbais podem ocorrer em construções de um e de dois argumentos, que expressam estados físicos ou psicológicos. Nessas construções, o experienciador é marcado pela posposição dativa *mã*. Por meio de testes das

propriedades de codificação e das propriedades comportamentais, esta autora conclui que a posição *mã* comporta-se como sujeito e não como oblíquo.

O quadro 11 a seguir apresenta os predicados verbais e nominais identificados neste trabalho, que podem ocorrer nas construções que exigem sujeito dativo com um ou dois lugares e que expressam estados físicos ou psicológicos em Mëbêngôkre<sup>128</sup>.

Na coluna um, constam os predicados nominais relacionados aos verbos nas demais colunas. Nas colunas dois, três e quatro, constam os predicados verbais mono, bi e trivalentes que se relacionam com os nomes na coluna 1 e os predicados das colunas 5 e 6, mas recebem marcação canônica de sujeito. Na coluna cinco constam os predicados verbais que podem ocorrer em construções de um lugar e, na coluna seis, os predicados que podem ocorrer nas construções de dois lugares, e que recebem marcação não-canônica de sujeito.

**Quadro 11:** Predicados com sujeito dativo que expressam estados físicos ou mentais.

Nome	Verbo monovalente	Verbo bivalente	Verbo trivalente	Predicado monovalente (Ex-DAT Pred)	Predicado bivalente (Ex-DAT ST Pred)
prã ‘fome’				prã ‘ter.fome’	prã ‘querer’
uma ‘medo’				uma ‘ter.medo’	uma/puma ‘ter.medo.de’
kri ‘frio’	akri ‘ser.frio’			kri ‘ter.frio’	
kôro ‘sede’				kôro ‘ter.sede’	
	kij ‘ser.alegre’				kij ‘gostar’
	kapri ‘ser.triste’				kapri ‘querer.perto, ter.pena.de’
		abej ‘procurar’			abej ‘querer.perto’
kre ‘buraco’		kre ‘plantar’	akre ‘ensinar’		

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Mëbêngôkre possui várias raízes que podem ser associadas tanto a nomes, quanto a verbos. Como se pode perceber, no quadro 11 acima, a mesma raiz pode ocorrer em construções distintas, ora como argumento, ora como predicado.

Nesta língua, praticamente qualquer palavra pode funcionar como predicado e como não existe a classe de adjetivos, o que equivaleria a adjetivo é agrupado na classe dos nomes, conforme Reis silva (2001). Conforme será descrito na seção 5.2.1.1 abaixo, foram identificados predicados que correspondem à categoria de adjetivos, em línguas como

<sup>128</sup> Este modelo de abordagem para sujeito posposicionado é baseado em Castro Alves (2018).

Português, por exemplo, que podem condicionar a marcação de argumentos A/S não-canônicos, em construções de um e de dois argumentos.

Observa-se no quadro 11 que alguns predicados em Mëbêngôkre são expressos na função de predicado de sujeitos marcados não-canonicamente, como é o caso de *kri* ‘ter.frio’, *uma* ‘ter.medo’, *kôro* ‘ter.sede’, *prã* ‘ter.fome’ e *kĩj* ‘ser.alegre’. Ou seja, os predicados de construções não-canônicas, tanto os que demandam somente um lugar em construções intransitivas como os que demandam dois lugares em construções transitivas, marcam, respectivamente, S ou A/S não-canonicamente. Os exemplos de (249) a (252) são de predicados que constam no quadro 11 acima.

		A		OI		P		V	
249	mëmi	bê	kubê	nê	mêbeŋokre	mã	prãm	ɔ	boj
	homem	MAL	branco	NFUT	Mëbêngôkre	DAT	fome	fazer	chegar
	‘O homem branco trouxe fome para os Mëbêngôkre.’ (elicitação)								

	TOP		S		Ex		Pred
250	ba	nê	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã		prã	
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT		ter.fome	
	‘Eu estou com fome.’ (elicitação)						

		Ex		St		Pred
251	mê	i-mã	aŋro	ji	kĩj	
	PL	1SG-DAT	porco	carne	gostar	
	‘Nós gostamos de carne de porco.’ (elicitação)					

	TOP			Ex		St		Pred
252	ta <sub>i</sub>	wã	nê	ku <sub>i</sub> -mã		piʔi		kĩj
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT		castanha		gostar
	‘Ele gosta de castanha.’ (elicitação)							

No exemplo (249), *prãm* ‘fome’ é expresso como objeto (P) do predicado *ɔ boj* ‘fazer chegar’. Em (250) *prã* ocorre em uma construção de predicado com argumento único, que expressa estado físico, em que *prã* é predicado e possui um sujeito experienciador (Ex). Por outro lado, em (251) e (252) *kĩj* ‘gostar’ ocorre em uma construção transitiva, com dois

argumentos, sendo um sujeito experienciador (Ex) e um estímulo (St). Nota-se nestas construções que o estímulo corresponde ao objeto e é expresso de forma canônica, conforme descrito no capítulo três.

Em (253) a (255) a seguir, observa-se que o verbo monovalente *akri* ‘ser.frio’ se relaciona na forma e na função com o predicado *kri* ‘ter.frio’. Na primeira construção com *akri* ‘ser.frio’, o argumento único do verbo é expresso por um nome em (253) e por um pronome indexado em (254). No caso de (255) *kri* ‘ter.frio’ ocorre em uma construção monoargumental, que expressa estado físico, em que *kri* é predicado e seu argumento é um SP dativo.

253 [ŋô já nẽ jakri]sv<sup>129</sup>  
 água DEM NFUT ser.frio  
 ‘A água está fria.’ (fala espontânea)

254 [nẽ arip ø-jakri]sv  
 NFUT já 3-ser.frio  
 ‘Ela (a água) esfriou.’ (fala espontânea)

	TOP		S	Ex	Pred
255	ba	nẽ	bai	i <sub>i</sub> -mã	kri
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	ter.frio

‘Eu estou com frio.’ (elicitação)

Antes de aprofundar a análise dos SP dativos como sujeito, iremos, inicialmente, apresentar exemplos em Mëbêngôkre de construções em que o SP dativo *mã* não é o sujeito, já que não apresenta as propriedades de codificação e comportamentais que caracterizam sujeitos nesta língua.

<sup>129</sup> Em relação ao *j* inicial de *jakri*, existem ao menos três propostas para defini-lo. Rodrigues (1999, 2010 e 2012), dentre outros, o considera um morfema independente, prefixo relacional. Salanova (2011, p. 109) o define como a forma não marcada dos temas flexionáveis, fazendo parte da raiz da palavra e não como prefixo. Nikulin (2020, p. 230) trata o *j* como consoante temática. Neste trabalho o *j* inicial deste núcleo de predicado e de outros núcleos expressos ao longo desta tese, será considerado como parte do radical da palavra, seguindo a análise de Salanova (Op. cit.). Maiores informações sobre este tema, devem ser consultadas em Salanova (2011).

### 5.2.1.1 Construções com sintagma posposicional dativo na função de complemento

Os sintagmas posposicionais dativos podem ocorrer como complementos de verbos transitivos na função de objeto indireto (256-259) e como complementos oblíquos de verbos intransitivos estendidos (260-263), conforme discutido no capítulo três desta tese.

Nos exemplos de (256) a (259), o objeto indireto ocorre com verbos transitivos trivalentes como *ɲã* ‘dar’, *arẽ* ‘dizer’ e *akrɛ* ‘mostrar’.

	TOP		A		OI		P		V
256	ba	nẽ	ba	a-mã		kɔ	ɲã		
	1SG	NFUT	1SG	2SG-DAT		canoa	dar		

‘Eu dei a canoa para você.’ (elicitação)

	TOP		A		OI		p-V
257	ga	nẽ	ga	i-mã		ku-ɲã	
	2SG	NFUT	2SG	1SG-DAT			

‘Você me deu isso (a canoa).’ (elicitação)

	TOP		A		OI		P		V
258	ba	nẽ	ba	a-mã		kikrɛ	akrɛ		
	1SG	NFUT	1SG	2SG-DAT		casa	mostrar		

‘Eu mostei a casa para você.’ (elicitação)

	TOP		A		OI		p-V
259	ga	nẽ	ga	i-mã		kumakrɛ	
	2SG	NFUT	2SG	1SG-DAT		3-contar	

‘Você me contou algo.’ (elicitação)

Essas mesmas configurações são observadas nas construções que apresentam o objeto oblíquo. Em (260) o verbo intransitivo *akija* ‘gritar’ tem S nominativo e marca o objeto oblíquo com o SP dativo.

	TOP		S	OBL	V
260	ba	nẽ	ba	a-mã	akija
	1SG	NFUT	1SG	2SG-DAT	gritar.V
	‘Eu gritei para você.’ (elicitação)				

Por outro lado, em (261) a (263), o verbo intransitivo atribui ao sujeito a marcação absolutiva, com prefixo verbal, duplicado pelo nominativo, mas, assim como no exemplo acima, marca também o objeto oblíquo com o SP dativo.

	S	OBL	s-V
261	ga <sub>i</sub>	i-mã	a <sub>i</sub> -kabẽ
	2SG	1SG-DAT	2SG-falar
	‘Você me falou.’ (fala livre)		

	TOP		S	OBL	s-V
262	ga	nẽ	ga <sub>i</sub>	i-mã	a <sub>i</sub> -kabẽ
	2SG	NFUT	2SG	1SG-DAT	2SG-falar
	‘Você conversou comigo.’ (elicitação)				

	TOP		S	OBL	s-V
263	ga	dʒa	ga <sub>i</sub>	ku-mã	a <sub>i</sub> -kabẽ
	2SG	FUT	2SG	3SG-DAT	2SG-falar
	‘Você vai falar para ele.’ (elicitação)				

Nos exemplos de (261) a (263) acima, o verbo *kabẽ* ‘falar’ ocorre com o sujeito na forma de prefixo indexado no verbo, ou seja, tem-se a marcação canônica de sujeito e o SP marcado pela posposição dativa *mã* corresponde ao objeto oblíquo, além da manifestação do pronome livre duplicando o sujeito dativo, mas que pode ser elidido.

Em relação às propriedades comportamentais, no apagamento sob correferência nas orações coordenadas, é o sujeito da primeira oração, e não o dativo, que controla o apagamento do sujeito na segunda oração, confirmando que o SP dativo nessas construções é o complemento do verbo e não o sujeito, conforme os exemplos (264) e (265) a seguir.

	S			OI	P	V		
264	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	a-mã	akijdzΛ	ŋã	nẽkãm	tu
	3SG	DEM	NFUT	2SG-DAT	presente	dar	CONJ	?
	A			OI		V		
	ø <sub>i</sub>	mẽ	kunĩ	mã	arẽ			
	3SG	PL	tudo	DAT	dizer			

‘Ele deu um presente para você e disse para todo mundo.’ (elicitação)

	S			OI	P	V		
265	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	i-mã	ŋô	akrɛ	nẽkãm	tu
	3SG	DEM	NFUT	1SG-DAT	rio	mostrar	CONJ	?
	A			OI		V		
	ø <sub>i</sub>	mẽ	kunĩ	mã	arẽ			
	3SG	PL	tudo	DAT	dizer			

‘Ele me mostrou o rio e disse para todo mundo.’ (elicitação)

É o sujeito da primeira oração e não o dativo, que controla a mudança de referência na oração subsequente, conforme exemplos (266) e (267) a seguir. Em (266), o sujeito da segunda oração é diferente do sujeito da primeira oração, por isso não pode ser apagado. O mesmo ocorre em (266), onde os sujeitos são distintos, embora haja correferência entre o SP dativo (complemento da primeira oração) e o sujeito da segunda oração.

	TOP			SP	s-V		A		
266	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	a-mã	ø <sub>i</sub> -kabẽ	nẽkãm	ta <sub>j</sub>	wã	mẽ
	3SG	DEM	NFUT	2SG-DAT	3SG-falar	CONJ	3SG	DEM	PL
	OI			V					
	kunĩ	mã	arẽ						
	tudo	DAT	dizer						

‘Ele conversou com você e o outro disse para todo mundo.’ (elicitação)

	TOP			SP	s-V		A	
267	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	a-mã	ø <sub>i</sub> -aê	nẽkãm	ga <sub>j</sub>	mẽ
	3SG	DEM	NFUT	2SG-DAT	3SG-assustar	CONJ	2SG	PL
	OI		V					
	kunĩ	mã	arẽ					
	tudo	DAT	dizer					

‘Ele assustou você e você disse para todo mundo.’ (fala espontânea)

A seguir serão apresentados dados, em que o SP dativo ocorre como sujeito, em construções com estrutura do tipo Exp-DAT Pred e Exp-DAT St-Pred.

### 5.2.1.2 Construções com sintagma posposicional dativo na função de sujeito

Conforme apresentado no quadro 11 acima, existem dois tipos de predicados com sujeito dativo. Em oração de argumento único, a fórmula usada para expressar esse tipo de construção é EX-DAT Pred e, em oração de dois argumentos, a fórmula é EX-DAT St-Pred. Estas formas substituem as formas usadas para os argumentos canônicos (S V) e (A P V), respectivamente.

Argumentamos que nessas construções, o SP dativo, encabeçado por *mã*, é o sujeito, uma vez que este apresenta características típicas de sujeito, tais como as propriedades comportamentais: controle do reflexivo, controle e apagamento sob referência e, controle da mudança de referência nas orações coordenadas e subordinadas.

Quanto às propriedades de codificação, o SP dativo não apresenta concordância verbal, uma vez que o sujeito experienciador não é marcado no predicado, também não é expresso pelos pronomes da série nominativa ou ergativa, ao invés disso, o sujeito é marcado por posição dativa, conforme exemplos de (268) a (271) a seguir.

	TOP		A	Ex	Pred
268	ga	nẽ	ga <sub>i</sub>	a <sub>i</sub> -mã	kĩj
	2SG	NFUT	2SG	2SG-DAT	gostar

‘Você está gostando.’ (fala livre)

	Ex		St-Pred		
269	i-mã		a-kapĩ		
	1SG-DAT		2SG-ser.triste		
	‘Eu sinto pena de você.’ (Lit.: ‘Eu estou triste (por) você’) (elicitação)				

	TOP		A	Ex	[s-V]St	Pred
270	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã	i-mar	prã
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	1SG-saber	querer
	‘Eu quero aprender.’ (fala livre)					

	Ex		St		Pred
271	ku-mã		tep	raj	kĩj
	3SG-DAT		peixe	grande	gostar
	‘Ele gosta de peixe grande.’ (fala livre)				

O pronome nominativo e o nominal são correferenciados no prefixo de pessoa, marcado pela posição *mã*, duplicando-o, conforme exemplos de (272) a (275) a seguir.

	TOP			Ex	Pred
272	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	uma
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	ter.medo
	‘Ele está com medo.’ (elicitação)				

	TOP			Ex	Pred
273	mẽprĩre <sub>i</sub>		dʒa	ku <sub>i</sub> -mã	uma
	criança		FUT	3SG-DAT	ter.medo
	‘A criança vai ficar com medo.’ (elicitação)				

	TOP		A	Ex	St-Pred
274	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã	a-kĩj
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	2SG-gostar
	‘Eu gosto de você.’ (elicitação)				

	TOP		Ex		Pred		Aux
275	mêbeŋokre <sub>i</sub>	nê	ku <sub>i</sub> -mã	kĩjn	ket		
	Mêbêngôkre	NFUT	3SG-DAT	gostar	NEG		

‘O Mêbêngôkre não está gostando.’ (fala livre)

Observa-se que a duplicação do SP dativo (Pref-Dat) pelo nominativo é semelhante à duplicação que acontece com os sujeitos expressos com os pronomes livres, visto nos exemplos acima. Essa duplicação ocorre também em Apinajé, língua da família Jê, conforme discutimos anteriormente, no capítulo quatro. Ver exemplo (276) a seguir.

	S	Ex	Pred	
276 a	pa	ip-mã	kôr	(adaptado de Oliveira, 2005, p. 234)
	1SG	1SG-DAT	ter.sede	

‘Eu estou com sede.’<sup>130</sup>

	S	Ex	Pred		
b	na	pa	ip-mã	prãm	nê
	RLS	1SG	1SG-DAT	ter.fome	FCT

‘Eu estou com fome.’<sup>131</sup>

Em relação ao apagamento sob correferência nas orações coordenadas, o sujeito dativo da primeira oração controla o apagamento do sujeito da segunda oração, conforme exemplos de (277) a (280) a seguir.

	Ex	Pred	s-V	
277	ku <sub>i</sub> -mã	uma	ø <sub>i</sub> -kator	kadz <sub>i</sub>
	3SG-DAT	ter.medo	3SG-sair	PROSP

‘Ele ficou com medo e saiu.’ (fala livre)

<sup>130</sup> Trecho original: ‘I’m thirsty.’

<sup>131</sup> Trecho original: ‘I am hungry.’

	TOP			Ex	Pred		A	P	V
278	tam <sub>i</sub>	jã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	kô <sub>r</sub>	někãm aríp	ø <sub>i</sub>	ŋô	ɔjkô
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	sede	CONJ ADV	3SG	água	beber

‘Ele estava com sede e bebeu água.’ (fala livre)

	TOP			Ex	P	Pred			A
279	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	tɛp	kīj	někãm	tu	ø <sub>i</sub>
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	peixe	gostar	CONJ	?	3SG
		OI		V					
	mẽ	kunī	mã	arẽ					
	PL	tudo	DAT	dizer					

‘Ele gosta de peixe e diz para todo mundo.’ (elicitação)

	TOP			Ex	Pred		A		OI
280	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	prãm	někãm ø <sub>i</sub>	mẽ	kunī	
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	ter.fome	CONJ 3SG	PL	tudo	
				V					
	mã	arẽ							
	DAT	dizer							

‘Ele estava com fome e disse para todo mundo.’ (elicitação)

Em relação ao apagamento sob correferência nas orações subordinadas, o sujeito experienciador da primeira oração controla o apagamento do sujeito da oração subordinada. Nos exemplos (281) e (282), a oração subordinada funciona como estímulo.

		Ex		[A	P	V]St	Pred	
281	mẽ	i <sub>i</sub> -mã	ø <sub>i</sub>	tɛp	abejɛ	prã		
	PL	1SG-DAT	1PL	peixe	procurar	querer		

‘Nós queremos pescar.’ (fala livre)

	TOP		A		Ex		[A	P	V]St	Pred
282	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã	∅	tɛp	krẽn	prã		
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	1SG	peixe	comer	querer		

‘Eu quero comer peixe.’ (elicitação)

Para o verbo intransitivo em oração subordinada, o sujeito não pode ser apagado, pois este é o argumento interno do verbo, na composição do sintagma verbal, conforme exemplos de (283) a (286) a seguir.

	TOP		A		Ex		[s-V]St		Pred
283	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã			[i-nõt]		prã
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT			1SG-dormir		querer

‘Eu quero dormir.’ (elicitação)

	TOP				Ex		[s-V]St		Pred
284	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã			[∅-õt] <sup>132</sup>		prã
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT			3SG-dormir		querer

‘Ele quer dormir.’ (elicitação)

	TOP				Ex		[s-V]St		Pred
285	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã			[∅-katɔɾ]		prã
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT			3SG-sair		querer

‘Ele quer sair.’ (elicitação)

		Ex		[s-V]St		Pred
286	i <sub>i</sub> -mã			[a-ŋɾɛɾ]		prã
	1SG-DAT			2SG-cantar		querer

‘Eu quero que você cante.’ (elicitação)

Quando se trata das propriedades comportamentais, em relação à reflexivização, é o dativo que funciona como antecedente e controla o reflexivo, conforme exemplos (287) e (288)

<sup>132</sup> Nos exemplos (281) e (282), o sujeito é zero, já que é a expressão da terceira pessoa absoluta, conforme (quadro 5, p. 65).

a seguir. Essa é, portanto, uma evidência a favor de que os dativos são sujeitos, de acordo com Shopen (2007, p. 179).

	Ex	St	Pred	
287	i <sub>i</sub> -mã	amĩ <sub>i</sub>	kaprĩ	
	1SG-DAT	REF	ser.triste	

‘Eu sinto pena de mim.’ (Lit. ‘Eu estou triste por mim mesmo’) (fala espontânea)

	TOP		Ex	St	Pred
288	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	amĩ <sub>i</sub> kīj
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	REF gostar

‘Ele gosta de si mesmo.’ (fala espontânea)

É o experienciador dativo também que controla a mudança de referência na oração subsequente, conforme exemplos de (289) a (292) a seguir.

	TOP		Ex	Pred		A		
289	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	prãm	nẽkãm	ta <sub>j</sub>	wã
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	ter.fome	CONJ	3SG	DEM
		OI		V				
	mẽ	kunĩ	mã	arẽ				
	PL	tudo	DAT	dizer				

‘Ele estava com fome e o outro disse para todo mundo.’ (elicitação)

	TOP		Ex	P	Pred		A		
290	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	tẽp	kijn	nẽkãm	ta <sub>j</sub>	wã
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	peixe	gostar	CONJ	3SG	DEM
		OI		V					
	mẽ	kunĩ	mã	arẽ					
	PL	tudo	DAT	dizer					

‘Ele queria peixe e o outro disse para todo mundo.’ (elicitação)

	TOP			Ex	Pred		A	
291	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	uma	nẽkãm	ta <sub>j</sub>	wã
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	ter.medo	CONJ	3SG	DEM
		OI		V				
	mẽ	kunĩ	mã	arẽ				
	PL	tudo	DAT	dizer				

‘Ele estava com medo e o outro disse para todo mundo.’ (elicitação)

	TOP			Ex	St-Pred		A	
292	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -mã	a-kĩjn	nẽkãm	ta <sub>j</sub>	wã
	3SG	DEM	NFUT	3SG-DAT	2SG-gostar	CONJ	3SG	DEM
		OI		V				
	mẽ	kunĩ	mã	arẽ				
	PL	tudo	DAT	dizer				

‘Ele gosta de você e o outro diz para todo mundo.’ (elicitação)

De acordo com os exemplos vistos acima de construções com sujeito com a posposição *mã*, a ordem dos constituintes é (i) Ex Pred e (ii) Ex St Pred, assim como ocorre nas construções com os sujeitos canônicos. Portanto, esta propriedade, ordem de constituintes, é importante pois corrobora a constituição do sujeito dativo com base nos testes das propriedades comportamentais.

A partir das construções acima com a posposição dativa *mã*, referentes às propriedades comportamentais, observa-se que o dativo compartilha muitas das características sintáticas com o sujeito das orações verbais. As propriedades comportamentais, controle e apagamento, assim como algumas propriedades de codificação, vistas acima, são prova de que o dativo nessas construções tem *status* de sujeito e não de oblíquo.

Por outro lado, ocorrem também construções com os seguintes predicados que expressam estados psicológicos, *ɲrɪk* ‘estar.com.raiva’, *dʒumar punu* ‘estar.preocupado’ e *kaprĩre* ‘estar.triste’, mas que os sujeitos experienciadores são marcados como prefixo no predicado, canonicamente, e duplicados pelo pronome nominativo, conforme exemplos de (293) a (295) a seguir.

TOP            S        s-Pred  
 293    ba     nẽ     bai    i<sub>i</sub>-ŋrik  
       1SG   NFUT 1SG   1SG-ser.zangado  
       ‘Eu estou com raiva.’ (elicitação)

TOP            S        s-Pred  
 294    ba     nẽ     bai    i<sub>i</sub>-džumar    punu        kumej  
       1SG   NFUT 1SG   1SG-sentir.N   ser.ruim     INTENS  
       ‘Eu estou muito preocupado.’ (fala espontânea)

TOP            S        s-Pred  
 295    ba     nẽ     bai    i<sub>i</sub>-kaprĩre  
       1SG   NFUT 1SG   1SG-estar.triste  
       ‘Eu estou triste.’ (fala espontânea)

Observa-se nos exemplos de (293) a (295), acima, que o sujeito é marcado canonicamente. Estes casos parecem indicar que possivelmente alguns predicados na língua instanciam sujeitos marcados de diferentes formas. Podem ocorrer tanto na forma de um SP, quanto indexado no predicado. Em ambos os casos, o sujeito pode ser duplicado por um pronome nominativo.

Observa-se que nem sempre é possível aplicar satisfatoriamente todos os testes para identificar sujeitos não-canônicos. A impossibilidade de aplicação de alguns testes para este tipo de sujeito já foi mencionada por Barðdal e Eythórsson (2016), ao afirmarem que ‘Para muitas outras línguas além da língua islandesa e línguas modernas do Sul da Ásia, os sujeitos não são tão claros, pois os argumentos sujeitos oblíquos não passam por todas, mas apenas por algumas das propriedades comportamentais de sujeitos’<sup>133</sup>.

No caso do Měbêngôkre, além das propriedades comportamentais descritas acima, uma outra evidência que parece bastante relevante em favor da argumentação que considera a construção com SP dativo, como sujeito não-canônico, é o fato de estas construções, semelhante

<sup>133</sup> Trecho original: For many other languages than Icelandic and the modern South Asian languages, matters are not so clear-cut in that oblique subject-like arguments do not pass all but only some of the behavioral properties of subjects.

às construções canônicas que ocorrem na língua, apresentarem com recorrência o nominativo duplicando o sujeito posicionado.

O pronome e o nominal duplicam o sujeito da construção canônica, tanto nas construções com o sujeito expresso por prefixos indexados no verbo, como naquelas com o sujeito expresso por pronomes da série ergativa. O mesmo acontece com as construções com SP, tratadas neste capítulo, ou seja, as construções não-canônicas também apresentam o nominativo antecedendo o SP. Essa propriedade, portanto, corrobora a análise do SP dativo como sujeito não-canônico.

Além do sujeito não-canônico marcado com a posposição *mã*, acreditamos que em Mëbêngôkre existem sujeitos marcados com outras posposições. Embora os dados de que dispomos não sejam suficientes para uma análise conclusiva, identificamos indícios de que construções com as posposições *kãm*, *jã* e *bê*, quando ocorrem em construções predicativas não-verbais, funcionam como cópula e o pronome objeto da posposição pode ser categorizado como sujeito.

### 5.2.2 Sujeito locativo

Nesta seção apresentaremos o padrão do SP que expressa o experienciador em construções com predicados de apenas um lugar. Por meio de testes morfossintáticos será avaliada a hipótese deste SP, que é expresso com diferentes predicados, ser identificado como sujeito locativo em Mëbêngôkre.

Nestas construções, os predicados licenciam um único argumento, que é marcado por posposições, de acordo com os diferentes predicados não-verbais com os quais ocorrem. Trata-se de construções com os SP nucleados pelas posposições locativas *kãm*, *jã* e *bê*.

Nossa hipótese é que os prefixos de pessoa que ocorrem como objeto da posposição, destas construções, funcionam como sujeitos locativos e a posposição funciona como uma cópula não-verbal.

No quadro 12, a seguir, constam alguns dos predicados não-verbais que podem ocorrer nas construções de apenas um lugar e que expressam posse/existência/localização em Mëbêngôkre. Neste quadro, observa-se que a mesma raiz pode ocorrer em construções distintas, ora ocorre como argumento, ora ocorre como predicado. Observa-se também que quando estas raízes estão na condição de predicado, são predicados não-verbais e não alternam entre as formas finitas *versus* não-finitas, que é próprio de predicados verbais.

**Quadro 12:** Predicados com sujeito locativo que expressa posse/existência/localização.

Nome	Predicados monoargumentais (Ex-LOC Pred)
Posposição <i>kām</i>	
kukɾʌdʒʌ ‘problema’	kukɾʌdʒʌ ‘ter.problema’
kane ‘doença’	kane ‘ter.doença’
Posposição <i>jā</i> <sup>134</sup>	
ηô ‘água’	ηô ‘ter.calor’
Posposição <i>bê</i> <sup>135</sup>	
bikwa ‘amigo’	bikwa ‘ser.amigo’
beɲjadʒori ‘cacique’	beɲjadʒori ‘ser.chefe’
piʔôkjakrêwɟ ‘professor’	piʔôkjakrêdʒwɟ ‘ser.professor’
kajkrit ‘maneiro’	kajkrit ‘ser.maneiro’
krêʃi ‘crente’	krêʃi ‘ser.crente’
mêbêɲôkre ‘índio’	mêbêɲôkre ‘ser.índio’
teɸ ‘peixe’	teɸ ‘ser.peixe’

Fonte: Elaborado pelo autor.

A definição dessa hipótese para as construções com SP com sujeito locativo, que considera a posposição como uma cópula locativa, se baseia no tratamento que vários autores vêm dando a este tipo de construções desde os anos 1960, especialmente, a partir dos anos 1990. Trabalhos de autores como Lyons (1967); Clark (1978); Freeze (1992); Blaszcak (2007); Wang e Xu (2013); Cruschina (2014); Moysse-Fairie (2019), entre outros trabalhos, tratam deste tema em diferentes línguas do mundo.

Adotando uma abordagem funcionalista e tipológica, Clark (1978) define quatro sub-tipos de construções locacionais: existencial, locativo, possessivo I e II. Clark utiliza os parâmetros de animacidade e definitude para as construções locativas. Para esta autora, construções locativas seriam (+definido/-animado), existenciais seriam (-definido/-animado) e possessivas seriam (-/+definido/+ animado).

Já Freeze (1992) a partir de uma abordagem formalista, adota uma hipótese localista, que consiste em agrupar pelo processo de incorporação construções locativas, existenciais e possessivas como locativos. A constatação deste autor se baseia na observação de línguas com

<sup>134</sup> Esta foi a única construção que identificamos com a posposição *jā*, tendo *ηô* ‘ter.calor’ como predicado.

<sup>135</sup> Além dos predicados abaixo, encontramos outras palavras que podem ser possíveis predicados que instanciam sujeito locativo com a posposição *bê*.

diferentes posições da ordem de palavras, e que, apesar da variação na ordem de palavras, os papéis semânticos de locativos, possessivos e existenciais se apresentam de forma regular.

Segundo Freeze (1992, p. 553-4) as construções locativas, possessivas e existenciais teriam a mesma estrutura subjacente, conforme exemplo (296) da língua Russa.

- 296 a Kniga byla na stole. (locativo)  
 livro.NOM estava em mesa.LOC  
 ‘O livro estava na mesa.’
- b Na stole byla Kniga. (existencial)  
 em mesa.LOC estava livro.NOM  
 ‘Havia um livro na mesa.’
- c U menja byla Kniga. (possessivo)  
 em eu ter livro.NOM  
 ‘Eu tinha um livro.’

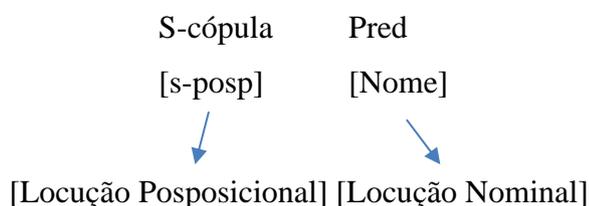
Uma evidência para que as construções em (296) acima sejam analisadas como locativos, seria a concepção de que para que haja *posse* e *existência* é imprescindível que exista um *lugar*, pois, de acordo com Lyons (1967) existe uma relação transformacional entre esses três termos, a ponto de o autor hipotetizar que existenciais e possessivos teriam se originado de locativos diacrônica e sincronicamente.

Essa definição parte então do seguinte raciocínio, para que exista a posse é preciso que exista um ser que é o possuidor. Para Lyons (Op. cit.) este ser deve ser um humano e precisa estar localizado em algum lugar. Isso significa que posse, existência e localização guardam entre si relação de proximidade e de interdependência.

As posposições com sujeito locativo serão tratadas, neste trabalho, como uma cópula, com base no trabalho de Pustet (2003). Esta autora tratou as construções com cópula de forma muito produtiva, utilizando-se de dados de várias línguas, de diferentes famílias, para mostrar que a maioria delas apresenta cópula entre os elementos da oração. Dentre os dados, encontram-se exemplos do Canela-Krahô (língua Timbira) da família Jê, família à qual pertence o Mëbêngôkre.

A construção com cópula apresentaria a estrutura com duas locuções, uma locução nominal, predicado, e uma locução posposicional, sujeito. A locução nominal seria o predicado

e a locução posposicional seria composta pelo sujeito mais a posposição, em que esta é uma cópula. Esse tipo de construção possibilita uma oração com predicado que alberga um sujeito posposicionado. A figura abaixo seria a representação da construção do sujeito com cópula.



Nesta figura observa-se que a construção com cópula exibe uma mini-oração, que tem na sua estrutura um sintagma nominal como tema e um sintagma posposicional como locação.

Em Salanova (2007, p. 108-115) há uma discussão a respeito de certos predicados nominais (estativos) apresentarem um único argumento oblíquo, que são considerados sujeitos locativos, como no trecho que segue ‘os ‘sujeitos’ de orações matrizes que têm como núcleo predicados nominais são sintagmas posposicionais locativos’<sup>136</sup>.

A possibilidade de os SP com as posposições *kām*, *jā* e *bê* serem sujeito locativo em Mēbēngôkre encontra respaldo no trabalho de Holvoet (2013), entre outros. Este autor classifica línguas que têm um subconjunto de critérios para identificação de sujeitos não-canônicos, como *quase sujeito*, *semisujeito* ou *pseudo-sujeito*.

Assim, considerando a possibilidade de análise exposta acima, pode-se pensar na possibilidade de uma construção com sujeito locativo em Mēbēngôkre, ser categorizada como sujeito incompleto ou parcial, ou menos oblíquo, mas com *status* de sujeito, de acordo com a hierarquia de obliquidade, que apresenta sujeito mais alto, seguido pelos objetos direto e indireto e o oblíquo mais baixo, conforme Holvoet (2013).

Para sustentar a proposta de um sujeito locativo com posposição que é tratada como cópula, nos valem também do trabalho de Payne (1997, p. 114-5), em que ele diz que ‘Construções com predicados nominais frequentemente empregam uma cópula [...] Uma cópula é qualquer morfema (afixo, partícula ou verbo) que junta dois elementos nominais em uma construção com predicado nominal’<sup>137</sup>.

<sup>136</sup> Trecho original: the ‘subjects’ of matrix clauses headed by nominal predicates are locative postpositional phrases.

<sup>137</sup> Trecho original: Predicate nominal constructions often employ a copula. [...] a copula is any morpheme (affix, particle, or verb) that joins, or "couples," two nominal elements in a predicate nominal construction.

Segundo Pustet (2003) nas construções que não têm um verbo como predicado, ou seja, cujo predicado é não-verbal, os elementos da oração são ligados por uma cópula. Esta autora cita o inglês como uma língua em que nome e adjetivo têm cópula, mas verbos não têm; enquanto no Mandarim, somente nome tem cópula, adjetivo e verbo não têm.

No entanto, para Dryer (2007, p. 225) existem línguas em que o predicado não-verbal não tem cópula, sendo expresso diretamente, justaposto ao sujeito, sem a presença de nenhum elemento verbal. Este é o caso das construções (297) e (298) do Mëbêngôkre<sup>138</sup>.

297 mēmī wã nē ø-prɛktirɛ  
 homem DEM NFUT 3SG-alto  
 ‘Aquele homem é alto.’ (elicitação)

298 mēbeŋokrɛ nē ø-tɨjtɨ  
 Mëbêngôkre NFUT 3SG-forte  
 ‘O Mëbêngôkre é forte.’ (fala livre)

Nos exemplos acima do Mëbêngôkre, *prɛktirɛ* ‘alto’ e *tɨjtɨ* ‘forte’ são predicados não-verbais que se relacionam com o sujeito sem a presença de cópula, mas com o sujeito sendo marcado canonicamente, ou seja, com pronome de pessoa marcado no predicado, duplicado ou não pelo pronome livre ou nominal.

Por outro lado, nas construções analisadas nesta tese como sujeitos locativos, a posposição ocorre ligando os dois elementos na construção nominal.

A forma de expressar construções com o sujeito locativo é [EX-POSP Pred]. Esta forma substitue as formas usadas para o argumento S canônico [S V ou s-V]. O sujeito locativo é marcado não-canonicamente em um SP, sendo que a posposição é analisada aqui como uma cópula. O sujeito locativo pode ou não ser duplicado por um pronome nominativo<sup>139</sup>.

Os dados em (299) e (300) ilustram que *kām* ocorre com funções diferentes. Em (299) *kām* marca o adjunto *krĩ* ‘aldeia’, enquanto em (300), *kām* marca o sujeito locativo *i-* ‘1sg’.

<sup>138</sup> Na seção 5.2 descreveremos construções com posposição que são consideradas cópula de ligação entre os elementos da oração.

<sup>139</sup> Neste tipo de construção, assim como nas demais já tratadas anteriormente neste trabalho, a marca de tempo é expressa por uma partícula que vem junto com a forma pronominal nominativa, que duplica o sujeito.

	A			P	OI	V
299	kubê <sub>i</sub>	nê	krĩ	kãm	kane	ku-mã
	branco	NFUT	aldeia	LOC	doença	3PL-DAT
						deixar.V

‘O homem branco deixou/está deixando doença na aldeia [para nós, indígenas].’

	TOP		S	Ex	Pred
300	ba	nê	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -kãm	kane <sup>141</sup>
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.doença

‘Eu tenho doença/minha doença.’ (elicitação)

Observa-se que em (299) *kane* ‘doença’ ocorre no sintagma verbal, como objeto do predicado verbal *ire* ‘deixar’, ao passo que em (300) *kane* ‘ter.doença’ é o predicado da construção com um único argumento, com a noção de posse/locação.

Em relação à posposição locativa *kãm*, assim como no caso da posposição dativa *mã*, discutida na seção 5.2.1 acima, esta pode funcionar como núcleo de um SP oblíquo, como em (299), no qual *krĩ kãm* ‘aldeia loc’ é um sintagma adverbial locativo, mas pode também indicar o sujeito locativo, como em (300).

Como vimos acima, uma característica importante do Mëbêngôkre é que os predicados não-verbais que licenciam o sujeito locativo também podem ocorrer com o sujeito marcado canonicamente, através de pronome de pessoa marcado no predicado, duplicado ou não por pronome nominativo ou por nominal.

<sup>140</sup> Uma percepção geral que nos ocorre em relação a alguns verbos, é que eles parecem alternar entre a marcação canônica e a marcação não-canônica. A construção não-canônica ocorre com o sujeito dativo, como se esse tipo de construção estivesse em processo de mudança. No exemplo (299), acima, seria possível também que *ku-mã* fosse o sujeito dativo e não o complemento (OI). Nesse caso, a estrutura da sentença seria equivalente à sentença (300), com oração com predicado não verbal funcionando como o objeto do verbo principal:

A				[Pred	Ex]P	V
kubê	nê	krĩ	kãm	kane	ku-mã	ire
branco	NFUT	aldeia	LOC	doença	3PL-DAT	deixar

‘O homem branco deixou/está deixando eles doentes’.

Um argumento em favor dessa análise/estrutura é o fato de SP que está sendo identificado como OI em (299) ocorrer após o objeto direto, quando o mais comum seria vir antes, isso poderia ser mais um indício de *ku-mã* como sujeito. No entanto, não tivemos tempo hábil para afirmar categoricamente, mas que pode ser motivação para trabalhos futuros, a fim de conhecer melhor este fenômeno

<sup>141</sup> O exemplo (300) contrasta também com o exemplo abaixo, no qual *kane* ‘doença’ ocorre como sujeito do verbo intransitivo ‘chegar’. Neste caso, embora o argumento oblíquo não seja o sujeito sintático, semanticamente parece sê-lo.

S	OBL	V
kane <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -wir	boj
doença	1SG-DIR	chegar

‘A doença chegou para mim.’ [‘Eu estou doente’] (elicitação)

Os predicados *kukɾɑɖʒɑ* ‘ter.problema’ e *kane* ‘ter.doença’ ocorrem também com o prefixo de pessoa marcado no predicado, sem a posposição *kām*, conforme exemplos (301) e (302) a seguir.

	TOP		S		s-Pred
301	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -kukɾɑɖʒɑ	
	1SG	NFUT	1SG	1SG-ter.problema	
	‘Eu tenho/estou com problema/meu problema.’ (elicitação)				

	TOP		S		s-Pred
302	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -kane	
	1SG	NFUT	1SG	1SG-ter.doença	
	‘Eu estou doente/minha doença.’ (elicitação)				

Nestes casos, o prefixo de pessoa marcado no predicado não-verbal, seria o sujeito marcado canonicamente, coocorrendo com o pronome nominativo, numa relação de concordância. Seria possível também uma outra análise para estas ocorrências, tratando-as como construção predicativa não-verbal, sem cópula, apenas com a justaposição de sintagmas nominais, em que o segundo sintagma nominal é um sintagma nominal possessivo.

Neste trabalho, observa-se que as construções possessivas, locativas e existenciais mantêm uma relação muito próxima, baseado na análise de Freeze (1992) que considera essas construções localistas, por serem derivadas da mesma estrutura subjacente.

Adotando esta hipótese, temos que o sujeito locativo em Mëbêngôkre se constitui por construções, em que o sujeito é marcado com as posposições *kām*, *jā* e *bê*, estas com a função de cópula. As posposições *kām* e *jā* seriam equivalentes a cópula ‘ter’ e, a posposição *bê* seria equivalente a cópula ‘ser’, com esta se diferenciando das outras duas por ser um existencial com argumento locativo e com traço (+humano). Seguindo essa análise, diríamos que existenciais e locativos são construções de posse.

Nas seções 5.2.2.1 a 5.2.2.3 apresentaremos construções de um único lugar com o SP com sujeito locativo marcado por posposições, que serão tratadas como cópula. Nestas construções, o sujeito é expresso por três posposições diferentes: *kām*, *jā* e *bê*.

### 5.2.2.1 Sujeito locativo marcado com a posposição *kām*

Segundo Payne (1997, p. 122) ‘em muitas línguas, a palavra locativo em uma construção locacional é o mesmo que uma adposição locativa’<sup>142</sup>. De acordo com este autor, muitas línguas tratam formalmente possuidor e locativo com o mesmo sentido, pelo fato de a relação de posse estar associada a determinada localização.

Ainda, de acordo com Payne (Op. cit., p. 126) ‘As línguas geralmente empregam estruturas existenciais e/ou locacionais para expressar a noção de posse’<sup>143</sup>. Os exemplos (303) e (304) a seguir, do estoniano, ilustram essa afirmação.

303 lapsel on piima  
criança-LOC ser-3SG leite  
‘A criança tem leite. [Lit.: O leite está com a criança.<sup>144</sup>]

304 mul on tikku  
1SG-LOC ser-3SG fósforo  
‘Eu tenho um fósforo. [Lit.: Um fósforo está comigo.<sup>145</sup>]

Nos exemplos acima, observa-se que ainda que a noção seja de posse, a marca formal expressa, é uma partícula locativa. Para Wang e Xu (2013, p. 8) ‘a posse é um conceito e não uma construção, sendo definida como uma construção biocultural’<sup>146</sup>. Segundo esses autores, a relação do ser humano com seus parentes, partes do corpo, pertences materiais, culturais e intelectuais ocorrem como uma possessão.

A afirmação de Payne (Op. cit.) parece se aplicar ao Mëbêngôkre, uma vez que, a forma locativa marcada com a posposição *kām* nos exemplos (305) e (306) a seguir, dá a noção locacional e de posse.

<sup>142</sup> Trecho original: in many languages, the locative word in a locational construction is the same as a locative adposition.

<sup>143</sup> Trecho original: Languages usually employ existential and/or locational structures to express the notion of possession.

<sup>144</sup> Trecho original: ‘The child has milk.’ (lit.: ‘Milk is at the child.’).

<sup>145</sup> Trecho original: ‘I have a match.’ (lit.: ‘A match is at me.’).

<sup>146</sup> Trecho original: possession is a concept, not a construction. It is defined as a biocultural constructo.

Ex-COP      Pred  
 305    i-kãm      kukɾΛɖʒΛ  
       1SG-LOC      ter.problema  
       ‘Eu estou com problema/meu problema. [Lit.: O problema está em mim.]’

Ex-COP      Pred  
 306    i-kãm      kane  
       1SG-LOC      ter.doença  
       ‘Eu estou doente/minha doença. [Lit.: A doença está em mim.]’

Este tipo de construção do Mëbêngôkre é semelhante à construção (307) a seguir, do Barasano, língua Tucano-Equatorial (cf. PUSTET, 2003), que apresenta semelhança com o exemplo (303). Neste caso, a cópula que faz a ligação do sujeito com o predicado está indexada no sujeito, assim como ocorre em Mëbêngôkre.

307    riha-go                      bahi-a-bo                      (adaptado de Jones; Jones, 1991, p. 22)  
       ter.doença-SG.FEM      COP-PRS-3SG.FEM  
       ‘Ela está doente.’<sup>147</sup>

Observa-se que (305) e (306), acima, coocorrem de forma paralela com as construções dos exemplos (308) e (309) a seguir, que são expressas formalmente com a partícula de posse *nõ* e não com a posposição locativa *kãm*.

Ex-COP      Pred  
 308    i-nõ      kukɾΛɖʒΛ  
       1SG-GEN      ter.problema  
       ‘Eu estou com problema/meu problema.’

Ex-COP      Pred  
 309    i-nõ      kane  
       1SG-GEN      ter.doença  
       ‘Eu estou doente/minha doença.’

---

<sup>147</sup> Trecho original: ‘she is sick.’

Nestes exemplos *kukradʒa* e *kane* podem ocorrer com o prefixo marcado pelo sintagma posposicional locativo (305) e (306), com prefixo marcado pelo possessivo (308) e (309), e também com o prefixo de pessoa indexado no predicado, como em (301) e (302) acima. Assim, a forma de expressão do prefixo nestas construções são diferentes, com a marca de posse, com o locativo ou diretamente no predicado.

Embora as formas do prefixo que antecede *kukradʒa* e *kane* apresentem significados diferentes, hipotetizamos que elas podem ser sujeitos dos predicados *kukradʒa* e *kane*, no entanto, para isso, seria importante que dispuséssemos de dados para confirmar essa hipótese. Por exemplo, a duplicação das formas do prefixo pelo pronome nominativo, sim como acontece nas construções que estamos chamando de sujeito locativo, poderia ser uma evidência a favor.

Nas construções (310) e (311) a seguir, não é possível uma construção paralela com a ocorrência do locativo *kām*, coocorrendo com construções com o possessivo *ɲõ*. Construções como (312) e (313) seriam agramaticais. A diferença estaria no sentido, já que a leitura, nestas questões, não pode ser ‘a terra está em mim’ e ‘o amigo está em mim, mas, ‘a terra é minha/me pertence’ e ‘o amigo é meu’.

	Ex-COP	Pred
310	i-ɲõ	pika
	1SG-GEN	terra

‘Eu tenho terra/minha terra.’ [Lit.: ‘A terra é minha/me pertence.’]

	Ex-COP	Pred
311	i-ɲõ	bikwa
	1SG-GEN	amigo

‘Meu amigo. [Lit.: Eu tenho amigo.]’

312	*i-kām	pika
	1SG-LOC	terra

‘Eu tenho terra/minha terra.’ [Lit.: ‘A terra é minha/me pertence.’]

313	*i-kām	bikwa
	1SG-LOC	amigo

‘Meu amigo.’ [Lit.: ‘Eu tenho amigo.’]

Resumindo, observa-se que as construções predicativas locativas podem ser expressas de três formas diferentes, com a projeção do pronome na própria raiz e com o SP, com a posposição expressa pelo morfema de posse ou pelo morfema locativo, nos dois últimos casos seriam construções em que o SP é analisado como uma cópula, ou seja, a posposição funciona como cópula.

Retomando a hipótese que considera os prefixos de pessoa, que ocorrem como objeto da posposição, nestas construções funcionam como sujeitos locativos, apresentamos os resultados dos testes de codificação e de controle aplicados às construções locativas com a posposição *kām*.

Para fins de comparação, apresentamos a seguir os exemplos de (314) a (316), todos contendo a posposição locativa *kām*, em que esta não é o sujeito da oração, mas sim adjunto adverbial locativo. Nestes casos, o SP locativo expressa um adjunto adverbial (314) ou o estímulo (315) e (316) e não apresenta as propriedades de controle associadas com o sujeito.

		S	[		]ADV	V
314	arip	gai	kubẽ	jaê	kām	ŋõrõ
	ADV	2SG	branco	ninho	LOC	dormir
	‘Você dormiu na rede. (elicitação)’					
	TOP	S	St		s-Pred	
315	ba	nẽ	bai	a-kām	i <sub>i</sub> -d̥umar	punu
	1SG	NFUT	1SG	2SG-LOC	1SG-sentir	ser.ruim
	‘Eu estou preocupado com você.’ (elicitação)’					
	TOP	S	St		Ex-Pred	
316	ba	nẽ	bai	a-kām	i <sub>i</sub> -ŋrik	
	1SG	NFUT	1SG	2SG-LOC	1SG-ser.zangado	
	‘Eu estou com raiva de você.’ (elicitação)’					

No exemplo (316) acima, o sujeito experienciador é marcado no predicado e o estímulo, equivalente ao objeto, é marcado de forma diferente, pela posposição locativa *kām*. Neste caso, há diferença entre esse tipo de construção e aquelas com o sujeito experienciador dativo, em que o estímulo, equivalente ao objeto, é marcado na forma de prefixo no predicado e o sujeito

é marcado de forma diferente, pela posposição dativa *mã*, conforme exemplo (317) a seguir, que já foi descrito anteriormente, mas repetido aqui para facilitar a compreensão.

	TOP		A	Ex	St-Pred
317	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã	a-kĩj
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	2SG-gostar
	‘Eu gosto de você.’ (elicitação)				

Observa-se nestes casos, que há uma inversão na forma de marcação dos argumentos, entre essas duas construções que parece ser condicionada pela estrutura argumental do predicado. Neste caso, pode-se pensar que em (316) o predicado apresenta um comportamento diferente, já que marca como oblíquo o objeto e não o sujeito, ao contrário de (317) que marca como oblíquo o sujeito.

Os exemplos (318) e (319), a seguir, expressam construções em que o locativo, marcado com a posposição *kãm* é o sujeito dos predicados não-verbais *kane* e *kukɾɒɖʒɒ*. Estas construções equivalem a oração subordinada, com a função de objeto da oração principal, verbo *arẽ*.

	TOP		A	[Ex-COP	Pred]P	V
318	ga	nẽ	ga <sub>i</sub>	i-kãm	kane	arẽ
	2SG	NFUT	2SG	1SG-LOC	ter.doença.N	dizer
	‘Você disse que eu estava doente.’ (elicitação)					

	TOP		A	[Ex-COP	Pred]P	V
319	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	a-kãm	kukɾɒɖʒɒ	arẽ
	1SG	NFUT	1SG	2SG-LOC	ter.problema.N	dizer
	‘Eu disse que você estava com problema.’ (elicitação)					

Assim como no caso da marcação não canônica de sujeito, a marcação não canônica de objeto depende do predicado. Isso pode ser um indício de que o objeto, assim como o sujeito, pode ser marcado de diferentes formas em Mëbêngôkre.

Quanto às propriedades de codificação, o locativo não apresenta concordância verbal, uma vez que o sujeito experienciador não é marcado no predicado, ao invés disso, é marcado pela posposição *kãm*.

Apesar disso, o SP locativo com a posposição *kām* das construções apresentadas a seguir, é analisado como o sujeito, uma vez que apresenta as propriedades comportamentais que são características típicas de sujeito, tais como o controle e apagamento nas orações coordenadas, conforme exemplos de (320) a (323) a seguir.

	TOP		S	Ex-COP	Pred	
320	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -kām	kukɾɒɟɒ	
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.problema	
	‘Eu tenho/estou com problema.’ (elicitação)					
	TOP		S	Ex-COP	Pred	
321	ga	nẽ	ga <sub>i</sub>	a <sub>i</sub> -kām	kukɾɒɟɒ	raj
	2SG	NFUT	2SG	2SG-LOC	ter.problema	grande
	‘Você tem/está com um grande problema.’					
	TOP		S	Ex-COP	Pred	
322	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -kām	kane	
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.doença	
	‘Eu estou doente/minha doença.’ (elicitação)					
	Ex		COP		Pred	
323	mēm̃i		kām		kukɾɒɟɒ	
	homem		LOC		ter.problema	
	‘O homem tem/está com problema.’ (elicitação)					

Em relação ao apagamento sob correferência nas orações coordenadas, o sujeito locativo da primeira oração, controla o apagamento do sujeito na segunda oração, conforme os exemplos (324) e (325) a seguir.

	TOP		S	Ex-COP	Pred		A		OI
324	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -kãm	kane	nẽkãm	ø <sub>i</sub>	mẽ	kunĩ
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.doença	CONJ	1SG	PL	tudo
		V							
	mã	arẽ							
	DAT	dizer							

‘Eu estava doente e disse isso para todo mundo.’ (elicitação)

	TOP			Ex-COP	Pred		A		OI
325	ta <sub>i</sub>	wã	nẽ	ku <sub>i</sub> -kãm	kukɾΛɖʒΛ	nẽkãm	ø <sub>i</sub>	mẽ	kunĩ
	3SG	DEM	NFUT	3SG-LOC	ter.problema	CONJ	3SG	PL	tudo
		V							
	mã	arẽ							
	DAT	dizer							

‘Ele estava com problema e disse isso para todo mundo.’ (elicitação)

De acordo com os exemplos vistos acima, em construções com sujeito locativo, a ordem dos constituintes é [Exp Pred], o que corresponde à ordem sujeito-verbo, que ocorre nas construções em que os sujeitos são marcados canonicamente.

Observa-se que o sujeito locativo também é duplicado pelo pronome nominativo, assim como ocorre com o sujeito não-canônico marcado com a posposição *mã* e com o sujeito canônico.

### 5.2.2.2 Sujeito locativo marcado com a posposição *jã*

A seguir serão apresentadas construções, em que o SP com o prefixo de pessoa marcado pela posposição *jã*<sup>148</sup> é o ‘sujeito locativo’, já que apresenta característica comportamental típica de sujeito, tal como o controle e apagamento em orações coordenadas.

Quanto às propriedades de codificação, o sujeito locativo com a posposição *jã* não apresenta concordância verbal, uma vez que não é marcado no predicado, ao invés disso, é marcado pela posposição *jã*.

<sup>148</sup> Acreditamos ser possível que essa posposição seja uma variação da posposição *kãm*, mas por limitação de dados, por ora, vamos considerá-la como um morfema distinto.

Salanova (2007) descreve construções existenciais em Mëbêngôkre, em que o sujeito do predicado nominal é um locativo posposicional. O exemplo (326) a seguir, apresenta semelhança com a construção com a posposição *jã*<sup>149</sup>, da qual vamos tratar nesta seção. Esta construção, Salanova chama de ‘tema afetado’<sup>150</sup>.

326	<i>ij-ã</i>	<i>larĩziŋĩ</i>	(adaptado de Salanova, 2007, p. 110)
	1 SG-LOC	laringite	
	Eu estou com laringite/Minha laringite. <sup>151</sup>		

O exemplo (327), a seguir, refere-se à posposição *jã* marcando o sujeito da construção com predicado não-verbal. Esta construção equivale à oração subordinada e está na função de objeto da oração principal.

	TOP	A	[Ex-COP	Pred]P	V
327	<i>ga</i>	<i>nẽ</i>	<i>ga<sub>i</sub></i>	<i>i-jã</i>	<i>ŋô arẽ</i>
	2SG	NFUT	2SG	1SG-LOC	ter.calor.N dizer
	‘Você disse que eu estou com calor.’ (elicitação)				

Os exemplos (328) a (330), a seguir, são referentes ao SP com sujeito locativo, marcado pela posposição *jã*.

	TOP	S	Ex-COP	Pred	
328	<i>ba</i>	<i>nẽ</i>	<i>ba<sub>i</sub></i>	<i>i-jã</i>	<i>ŋô</i>
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.calor
	‘Eu estou com calor.’ [‘Tem suor em mim.’] (elicitação)				

	TOP	S	Ex-COP	Pred	
329	<i>ga</i>	<i>nẽ</i>	<i>ga<sub>i</sub></i>	<i>ai-jã</i>	<i>ŋô</i>
	2SG	NFUT	2SG	2SG-LOC	ter.calor
	‘Você está com calor.’ [‘Tem suor em você.’] (elicitação)				

<sup>149</sup> É possível que a forma desta posposição seja *ã*. Neste caso, o pronome de pessoa seria *ij-*, uma alomorfa de pessoa, conforme Salanova (2014). Preferimos utilizar a forma *jã*, por acreditarmos que o movimento seja ao contrário, a aproximante palatal *j* teria se juntado ao *ã* e gerando a forma *jã*.

<sup>150</sup> Trecho original: ‘affected theme’.

<sup>151</sup> Trecho original: ‘I have laryngitis.’

	TOP		Ex-COP		Pred
330	ta <sub>i</sub>	wã	ø <sub>i</sub> -jã		ηô
	3SG	DEM	3SG-LOC		ter.calor

'Ele está com calor.' ['Tem suor nele.'] (elicitação)

Em (328) a (330), a tradução literal nos leva a pensar nessas construções como 'Tem água em mim.'/'Tem suor em mim.', 'Tem água em você.'/'Tem suor em você.', 'Tem água nele.'/'Tem suor nele.' em virtude da definição de *ηô* ser água. No entanto, há uma outra interpretação semântica, uma vez que a tradução de *ηô*, fornecida pelo consultor é 'suor', logo, o resultado da construção é 'Eu estou com calor.' ['Tem suor em mim.']/'Você está com calor' ['Tem suor em você.']/'Ele está com calor' ['Tem suor nele.'].

Para corroborar o que estamos considerando a respeito de *ηô* como predicado, na gramática de Sala (1920, p. 406) encontra-se *iãgo* traduzido como 'suor'. Isso nos leva a crer que possivelmente o consultor da época tenha usado a construção *i-jã ηô* 'Eu estou suando/com calor.', confirmando o que descrevemos em (328) a (330).

Assim, o que Sala (Op. cit.) transcreveu como uma única palavra e utilizou a consoante oclusiva sonora velar, teria a forma de predicado, iniciado pela nasal velar e com o sujeito locativo marcado com a posposição *jã*.

Observa-se que o sujeito locativo marcado com a posposição *jã* também é duplicado por nominativo, assim como ocorre com os demais sujeitos canônicos e não-canônicos.

Evidências a favor de *jã* como posposição que marca o sujeito, seria o fato de, assim como as pessoas *i-* '1sg', *a-* '2sg' e *ø-* '3sg', nas questões de (328) a (330) acima, a terceira pessoa *ø-*, em (331), é o sujeito marcado pelo pela posposição *jã*, pois *wã* já é o determinante do nome *memi* 'homem'. Neste caso *jã* não teria esta função.

	TOP			Ex-COP		Pred
331	mēm <sub>i</sub> <sub>i</sub>	wã	nẽ	ø <sub>i</sub> -jã		ηô
	homem	DEM	NFUT	3SG-LOC		ter.calor

'Aquele homem está com calor.' (elicitação)

Em relação ao apagamento sob correferência nas orações coordenadas, o SP da primeira oração, controla o apagamento do sujeito na segunda oração, conforme os exemplos (332) e (333) a seguir.

	TOP		S	Ex-COP	Pred		A	
332	ba	ně	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -jã	ŋô	nekãm	ø <sub>i</sub>	mě
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.calor	CONJ	1SG	PL
	OI		V					
	kunĩ	mã	arě					
	tudo	DAT	dizer					

‘Eu estava com calor e disse para todo mundo.’ (elicitação)

	TOP			Ex-COP	Pred		A	
333	mi <sub>i</sub>	wã	ně	ø <sub>i</sub> -jã	ŋô	někãm	ø <sub>i</sub>	wĩri
	homem	DEM	NFUT	3SG-LOC	ter.calor	CONJ	3SG	PROSP
	P		V					
	dźwa		prãm	ket				
	tomar.banho		querer	NEG				

‘Aquele homem está com calor, mas não quer tomar banho.’ (elicitação)

Em (334), o predicado licencia sujeito marcado por prefixo verbal. Neste caso o sujeito seria marcado canonicamente. Observa-se neste exemplo, que *kaŋrɔ* é uma raiz com semântica relacionada a *ŋô*, mas com interpretação diferente e com estrutura morfossintática também diferente, uma vez que o sujeito é marcado canonicamente, por prefixo verbal.

	TOP		S	s-Pred
334	ba	ně	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -kaŋrɔ
	1SG	NFUT	1SG	1SG-estar.quente

‘Eu estou com febre.’ (elicitação)

O Canela-Apãniekra, língua Timbira da família Jê, conforme Castro Alves (2004, p. 81), apresenta essa mesma construção, semelhante ao exemplo (334) do Měbêngôkre, com o sujeito marcado canonicamente, conforme exemplo (335) a seguir.

335	pa	mã	i-kakrɔ
	1	TOP	1-estar.quente

‘Eu estou com febre.’



- 338 i-pê capi (adaptado de Popjes; Popjes, 1986, p. 134)  
 1SG-COP Capi  
 ‘Eu sou índio.’<sup>153</sup>

Em Canela-Apãniekra, língua do complexo Timbira, Castro Alves (2004) descreve construção semelhante, em que a cópula é o núcleo do SP, conforme exemplo (339) a seguir.

- 339 mε=pa-pe iʔ-ŋkrer -kate (adaptado de Castro Alves, 2004, p. 88)  
 PL=1INC-COP 3-cantar.NF-NMZ  
 ‘Nós somos cantadores.’

Em Apinajé, língua da família Jê, Oliveira (2005) descreve construções com cópula, na qual o sujeito é expresso prefixado nesta, conforme exemplo (340) a seguir.

- 340 pa na ic-pe wajga (adaptado de Oliveira, 2005, p. 246)  
 1NOM.SG RLS 1SG-COP xamã  
 ‘Eu sou um xamã.’<sup>154</sup>

Nas construções de (341) a (343) a seguir, da língua Mëbêngôkre, o sujeito locativo é marcado pela posição *bê*, nestes casos a posição também pode ser analisada como uma cópula equativa<sup>155</sup>.

- |     |         |         |   |           |
|-----|---------|---------|---|-----------|
|     | Ex-COP  | [       | ] | Pred      |
| 341 | a-bê    | i-ŋõ    |   | bikwa     |
|     | 2SG-LOC | 1SG-GEN |   | ser.amigo |
- ‘Você é meu amigo.’

<sup>153</sup> Trecho original: ‘I am Capi.’

<sup>154</sup> Trecho original: ‘I’m a shaman.’

<sup>155</sup> Uma construção na qual uma entidade é caracterizada como tendo alguma propriedade na mesma medida que outra entidade, como em ‘o francês de Lisa é tão bom quanto o de Pierre (TRASK, 1996, p. 92). Tradução do autor.

	[		]TOP		Ex-COP		[Pred]
342	i-nõ		bikwa	nẽ	ku-bê		krẽŋfi
	1SG-GEN		ser.amigo	CONJ	3SG-LOC		ser.crente
	‘Eu tenho um amigo e ele é crente.’						

	TOP				Ex-COP		[		]Pred
343	mi	wã	nẽ	ku-bê			i-kra		
	homem	DEM	NFUT	3SG-LOC			1SG-filho		
	‘Aquele homem é meu filho.’								

As construções acima apresentam a posposição *bê* como cópula equativa, com a função de ligar o sujeito locativo ao predicado. Em todas elas, ocorre uma construção possessiva, porém em funções sintáticas diferentes. Em (341) e (342) o prefixo de pessoa ocorre com o possessivo *nõ* ‘genitivo’ e, em (343) o prefixo de pessoa ocorre com o nome *kra* ‘filho’. Observa-se que em (341) o sintagma nominal *i-nõ bikwa* ‘meu amigo’ seria o predicado, já em (342) o predicado é *krẽŋfi* ‘ser.crente’ e o sintagma nominal *i-nõ bikwa* ‘meu amigo’ parece ser tópico do sujeito *ku-*. Em (343) o nome *kra* ‘filho’ pode ser possuído diretamente pelo prefixo sem a marca formal de posse, com o morfema *nõ*.

O SP com sujeito locativo marcado pela posposição *bê* compartilha algumas das propriedades comportamentais inerentes ao sujeito canônico.

Quanto às propriedades de codificação, o SP sujeito locativo não apresenta concordância verbal, uma vez que o sujeito experienciador não é marcado no predicado, ao invés disso, é marcado pela posposição *bê*.

Por outro lado, determinadas propriedades são consistentes com propriedades de sujeito, como nos exemplos (344) e (345) que apresentamos a seguir, em que o SP é composto pelo prefixo de pessoa mais *bê*. Neste caso SP é o sujeito da construção equivalente à oração subordinada, ocorrendo na função de objeto da oração principal.

	TOP		A		[Ex-COP		Pred]P		V
344	ga	nẽ	gai	i-bê			krẽŋfi		arẽ
	2SG	NFUT	2SG	1SG-LOC			ser.crente.N		dizer
	‘Você disse que eu sou crente.’ (elicitação)								

	A	[Ex-COP	Pred]P	V
345	ba <sub>i</sub>	a-bê	krẽfĩ	kamama
	1SG	1SG-LOC	ser.crente.N	esperar

‘Eu espero que você seja crente.’ (elicitação)

Os exemplos de (346) a (351) a seguir, são referentes ao uso da posposição *bê* com probabilidade de ser o sujeito. Observa-se que em (346) e (347) o SP com sujeito marcado pela posposição *bê* também é duplicado por nominativo, assim como ocorre com o sujeito canônico e demais sujeitos locativos descritos neste capítulo.

	TOP		S	Ex-COP	Pred
346	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -bê	krẽfĩ
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ser.crente

‘Eu sou crente.’ (elicitação)

	TOP		S	Ex-COP	Pred
347	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -bê	tɛp
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ser.peixe

‘Eu sou peixe.’ (elicitação)

		Ex-COP	Pred
348	mẽ	a-bê	kubẽ
	PL	2SG-LOC	ser.branco

‘Vocês são brancos. (fala livre)

	Ex-COP	Pred	
349	ku-bê	beɲadʒori	raj
	3SG-LOC	ser.chefe	grande

‘Ele, o Raoni. é o grande cacique.’ (fala livre)

	Ex-COP	Pred		
350	i-bê	kajkrit	ket	
	1SG-LOC	ser.maneiro	NEG	

‘Eu estou com dificuldade (Lit.: Não está fácil para mim).’ (texto)

	Ex-COP	Pred		
351	a-bê	piʔôkjakrêdźwij	kumrej	
	2SG-LOC	ser.professor	mesmo	

‘Você é professor mesmo.’ (fala livre)

Em relação ao apagamento sob correferência nas orações coordenadas, o sujeito da primeira oração, controla o apagamento do sujeito na segunda oração, conforme o exemplo (352) a seguir.

	TOP			Ex-COP	Pred		A		OI
352	ta <sub>i</sub>	wã	nê	ku <sub>i</sub> -bê	krêjfi	nekãm	ø <sub>i</sub>	mê	kunĩ
	3SG	DEM	NFUT	3SG-LOC	ser.crente	CONJ	3SG	PL	tudo
		V							
	mã	arê							
	DAT	dizer							

‘Ele é crente e diz para todo mundo.’ (elicitação)

É importante observar que nem todos os testes para identificação de sujeitos não-canônicos foram correspondidos para o sujeito locativo com as posposições *kãm*, *jã* e *bê*. No entanto, o teste de controle do apagamento do sujeito na oração subsequente foi satisfatório.

Se utilizarmos uma escala, baseado em Holveot (2013), para representarmos os sujeitos dativo e locativo em Mêbêngôkre, poderíamos representá-los na forma mostrada abaixo. Neste caso, o SP dativo estaria mais próximo do sujeito, enquanto o SP locativo estaria no meio da escala, como sujeito apenas parcialmente.

+ Sujeito ----- Quase sujeito ----- Sujeito -  
                   SP com dativo                    SP com locativo

Com base nos dados descritos nas seções acima, pode-se hipotetizar que os SP, formados com *kām*, *jã* e *bê* são sujeito locativo, no entanto, precisaríamos de dados mais precisos e com informações mais refinadas para confirmar tal afirmação.

Em relação às propriedades comportamentais, a reflexivização não foi identificada para o sujeito locativo. No entanto, se a reflexivização se faz presente em construções com dois argumentos, como no caso do sujeito dativo, o fato de estes sujeitos ocorrerem em construções com apenas um argumento, é uma razoável explicação para a ausência de reflexivização. Embora o critério de controle de reflexivização não seja um teste suficiente para a identificação do sujeito, conforme Moore; Perlmutter (2000).

A estrutura de sujeito locativo em Mëbêngôkre pode ser ilustrada com os exemplos de (353) a (355) a seguir. O predicado destes exemplos instancia um único argumento, o sujeito, que é o SP formado pelo prefixo pronominal mais *kām*, *jã* ou *bê*.

	TOP		S	Ex-COP	Pred
353	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -kām	kane
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.doença
	‘Eu tenho doença/minha doença.’ (elicitação)				

	TOP		S	Ex-COP	Pred
354	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -jã	ŋô
	1SG	NFUT	1SG	1SG-LOC	ter.calor
	‘Eu estou com calor.’ (elicitação)				

	TOP		S	Ex-COP	Pred
355	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -bê	krêfĩ
	1SG	NFUT	3SG	3SG-LOC	ser.crente
	‘Eu sou crente.’ (elicitação)				

Em relação ao sujeito locativo com cópula, uma conclusão preliminar que se pode chegar é que, embora nestas construções, o sujeito apresente formas morfológicas diferentes, marcado pelas posposições *kām*, *jã* e *bê*, no entanto, a semântica parece ser a mesma.

A identificação dessas construções ilustradas em (353) a (355) acima como construções com o sujeito locativo com as posposições *kām*, *jã* e *bê* é a hipótese atual com os dados

disponíveis. Porém, necessita-se aprofundar a pesquisa com dados suficientes para a aplicação dos testes morfossintáticos para considerá-los de forma definitiva como sujeitos. Ao contrário, o sujeito dativo responde satisfatoriamente à maioria dos testes aplicados, o que nos permite considerá-lo sujeito, conforme apresentado na seção 5.2.1.

Observa-se nas construções com sujeito dativo e locativo que a terceira pessoa é expressa com o prefixo *ku-*<sup>156</sup>, da série acusativa, diferente da terceira pessoa do sujeito canônico que é expresso com a forma  $\emptyset$ -, da série absoluta. Uma possível explicação seria o fato de os sujeitos dativo e locativo serem afetados pelo predicado e por isso são marcados pela posposição dativa e locativa, que selecionam a forma pronominal.

Como a primeira e segunda pessoas são marcadas da mesma forma tanto para absoluto e acusativo (cf. Quadro 5, p. 65), a oposição é neutralizada e não dá para afirmar com certeza, no entanto, o uso da forma *ku-* para a terceira pessoa indica que ocorre a série acusativa e não a absoluta.

O quadro 13 esboça a forma como são expressos os pronomes nas construções com sujeito não-canônico em Mëbêngôkre.

**Quadro 13:** Formas de marcação do sujeito não-canônico.

<b>Transitividade</b>	<b>Dativo</b>	<b>Locativo</b>
Intransitivo	EX-POSP Pred	EX-POSP Pred
Transitivo	EX-POSP St-Pred	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em síntese, ainda que de modo preliminar, baseado nas evidências observadas pelos dados apresentados, conclui-se que os SP com *mã*, *kãm*, *jã* e *bê* comportam-se como sujeitos e não como oblíquos, na língua, em construções com predicados com sujeito experienciador. A partir disso, pode-se afirmar que o sujeito Mëbêngôkre, apesar de ser expresso por diferentes morfemas, apresenta o comportamento sintático unificado.

Mas, por que analisar em Mëbêngôkre os sujeitos experienciadores marcados com posposição de forma distinta para dativos e locativos, uma vez que autores como Arad (1998) e Landau (2010) argumentaram que sujeitos experienciadores denotam relações locativas?

Uma resposta um tanto preliminar seria baseada em diferenças que estas duas formas de sujeito apresentam. A primeira seria que, embora os dois tipos de sujeitos, dativos e

<sup>156</sup> Embora seja necessário mais observações em dados para uma afirmação mais contundente, pois no caso do locativo com a posposição *jã*, a forma da terceira pessoa é  $\emptyset$ -.

locativos, apresentem propriedades de codificação comuns, em relação às propriedades comportamentais, o sujeito locativo só tem controle de apagamento do sujeito em orações coordenadas, diferente do sujeito dativo que apresenta todas as propriedades comportamentais.

A segunda diferença seria o fato de o sujeito dativo apresentar construções com um e dois lugares, experienciador e estímulo, ao passo que o sujeito locativo só ocorre em construções com um lugar, o experienciador. No caso do sujeito dativo, a transitividade seria completa, pois, ocorre com construções transitivas e intransitivas, diferente do sujeito locativo, que ocorre somente com construções intransitivas.

A terceira diferença seria motivada pelo fato de o sujeito dativo apresentar evidências mais contundentes dos critérios adotados para definição de sujeito, enquanto o locativo, não é aprovado em muitos desses critérios, sendo, por isso, considerado como um quase sujeito, ou seja, sujeito incompleto (HOLVEOT, 2013).

Finalmente, observa-se, de forma geral, que o tipo de predicado determina a forma de marcação do sujeito: o predicado verbal predica diretamente, quando o sujeito é marcado canonicamente; o predicado verbal não predica diretamente, quando o sujeito é marcado não-canonicamente, no caso do dativo e, quando o sujeito é marcado não-canonicamente, no caso do sujeito locativo, o predicado não-verbal também não predica o sujeito diretamente.

Apesar de os sujeitos dativo e locativo serem marcados não-canonicamente, por posposições, uma diferença crucial entre os dois seria justamente o sujeito dativo apresentar a possibilidade de ser analisado como argumento de predicado verbal, o que pode ser atestado pelos exemplos de (356) a (359) a seguir.

	TOP		S	Ex	Pred
356	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã	kri
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	ter.frio.V
	'Eu estou com frio.' (elicitação)				

	TOP		S	Ex	Pred	
357	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã	krit	ket
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	ter.frio.N	NEG
	'Eu não estou com frio.' (elicitação)					

	TOP		A	Ex	St-Pred	
358	ba	nẽ	ba <sub>i</sub>	i <sub>i</sub> -mã	a-kĩj	
	1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	2SG-gostar.V	

‘Eu gosto de você.’ (elicitação)

	TOP			Ex	Pred	
359	mẽbejokre <sub>i</sub>	nẽ		ku <sub>i</sub> -mã	kĩjn	ket
	Mẽbêngôkre	NFUT		3SG-DAT	gostar.N	NEG

‘O Mẽbêngôkre não está gostando.’ (fala livre)

Em (356) a (359) acima, observa-se que há alternância entre forma finita *versus* forma não-finita do predicado, quando o sujeito é marcado com a posposição dativa *mã*, e essa alternância seria um indício de que este sujeito é predicado por uma forma verbal. Esse comportamento assumido pelo predicado que instancia sujeito dativo é o mesmo que ocorre com o predicado que instancia sujeito canônico na língua, ou seja, o verbo alterna a forma finita, como identificação para verbos prototípicos *versus* a forma não-finita para nominais, conforme discussão feita no capítulo três.

Ao contrário, o sujeito locativo é argumento de predicado não-verbal, neste caso, nestas construções não há alternância entre forma finita *versus* não-finita, conforme atestam os exemplos (360) e (361) a seguir.

	TOP		S	Ex	Pred	
360	ga	nẽ	ga <sub>i</sub>	a <sub>i</sub> -bê	krêjfi	
	2SG	NFUT	2SG	2SG-LOC	ser.crente.N	

‘Você é crente.’ (elicitação)

	TOP		S	Ex	Pred	
361	ga	nẽ	ga <sub>i</sub>	a <sub>i</sub> -bê	krêjfi	ket
	2SG	NFUT	2SG	2SG-LOC	ser.crente.N	NEG

‘Você não é crente.’ (elicitação)

A distinção entre a alternância na forma do predicado em construções com sujeito dativo e a não alternância na forma do predicado em construções com sujeito locativo, explicaria o

fato de a posposição locativa ser analisada como uma cópula, o que não ocorreria com a posposição dativa.

O quadro 14 a seguir, esboça as formas como os sujeitos são predicados.

**Quadro 14:** Formas de predicar o sujeito canônico e não-canônico.

Verbo	Sujeito canônico	Sujeito não-canônico	
		Predicado verbal	Predicado não-verbal
		Dativo	Locativo
Intransitivo	s-V/S V	Ex-posp Pred	Ex-posp Pred
Transitivo	A V	Ex-posp St-Pred	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

No quadro (14) acima, observa-se que o predicado verbal instancia o sujeito marcado canonicamente, na forma de prefixo, indexado no verbo, em orações intransitivas ou o sujeito na forma de pronome livre, em orações intransitivas e transitivas. O predicado verbal também instancia o sujeito marcado não-canonicamente, na forma de prefixo marcado por posposição, em orações intransitivas ou transitivas. Quando se trata do predicado não-verbal, o sujeito é marcado por posposição e estes sujeitos ocorrem somente em construções intransitivas.

## CONCLUSÃO

Esta tese teve como objetivo identificar, descrever e analisar as diferentes formas de marcação dos argumentos do verbo e as possibilidades de agrupamento destes argumentos, presentes nas construções com argumento único e nas construções com mais de um argumento. Foi dada maior atenção aos argumentos na função de sujeito, tanto para sujeito marcado canonicamente, quanto para sujeito marcado não-canonicamente.

Nos capítulos de três a cinco foi discutido sobre a relação do predicado com seus argumentos. No terceiro capítulo *morfossintaxe Měbêngôkre* foram descritas resumidamente as classes de palavras da língua, com destaque para a classe de verbos. Nesta classe, a descrição dos verbos intransitivos, transitivos e bitransitivos mostrou a forma como estes verbos são expressos e como licenciam seus argumentos. Foi tratado preliminarmente sobre a diferença entre argumento/adjunto.

Foi iniciada neste trabalho discussão acerca da expressão do tempo, observando que quando o sujeito é pronome nominativo, a partícula de tempo vem expressa; ao passo que, quando o sujeito é pronome ergativo, prefixo de pessoa indexado no verbo ou prefixo posicionado, a partícula de tempo não vem expressa, só ocorrendo a presença de tal partícula quando o sujeito é duplicado pelo nominativo.

No capítulo quatro *marcação de argumentos, relações sintáticas e alinhamento morfossintático* foi descrito sobre a categoria dos argumentos, a forma como são marcados e como são alinhados em relação ao predicado. Os argumentos não são marcados quando são expressos como nominais. Quando são expressos por pronominais, a marcação ocorre da seguinte forma: S é marcado por pronome livre, nominativo, ou é indexado como prefixo no verbo; A é expresso por pronome livre, nominativo ou ergativo, e P é indexado como prefixo no verbo. Em construções com sujeito dativo, o Ex é indexado na posposição e o St é prefixado no verbo. Com o sujeito locativo, o Ex é indexado na posposição.

O capítulo quatro mostrou também a importância da ordem de constituintes na oração, já que se trata de língua SV/SPV e a posição do sujeito no início da construção é relevante para a definição do sujeito não-canônico. Mostrou ainda que a língua manifesta os padrões de alinhamento nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo e nominativo-absolutivo e que a duplicação de S pelo nominativo condiciona o padrão de alinhamento nominativo-absolutivo.

O capítulo quinto *sujeito não-canônico em Měbêngôkre* descreve sobre a marcação diferencial do sujeito. Os sujeitos não-canônicos, dativo e locativo, são expressos com o prefixo

de pessoa marcado pela posposição dativa ou locativa. O dativo é expresso pela posposição *mã* e ocorre com predicados de um e de dois lugares, experienciador e estímulo. O dativo também apresenta mais atributos de sujeito, uma vez que compartilha muitas das propriedades comportamentais características do sujeito canônico das orações verbais, tais como controle do reflexivo e do apagamento nas orações coordenadas e subordinadas e na mudança de referência.

Já o sujeito locativo é expresso pelas posposições *kām*, *jã* e *bê* e ocorre com predicados de apenas um lugar, o experienciador. Este sujeito apresenta somente algumas das características referentes ao sujeito canônico das orações verbais. O sujeito locativo apresenta apenas a propriedade comportamental, controle do apagamento do sujeito nas orações coordenadas. As posposições que marcam o sujeito locativo foram descritas como uma cópula que faz a ligação entre o predicado e o sujeito.

A aplicação dos mesmos testes para os dois diferentes tipos de sujeitos não-canônicos, dativo e locativo, mas nem todos correspondidos para o locativo, mostra a assimetria que há entre estes sujeitos em Mëbêngôkre.

Conclui-se que construções com prefixos pronominais marcados por posposições dativa e locativa necessitam de um estudo mais concentrado para serem consideradas sujeitos não-canônicos, especialmente no caso do sujeito locativo. No entanto, com os dados disponíveis e arrolados neste trabalho, já é possível postular, ainda que de modo preliminar, que se trata de sujeitos não-canônicos.

A duplicação do sujeito pelo pronome nominativo ocorre tanto nas construções canônicas, com sujeito expresso por pronome livre e por prefixo de pessoa, quanto em construções não-canônicas, quando o sujeito é expresso pelas posposições *mã*, *kām*, *jã* e *bê*.

De acordo com as evidências observadas pelos dados apresentados, em que os sintagmas posposicionais apresentam evidências sintáticas próprias das orações verbais, conclui-se que os SP dativo *mã* e locativo *kām*, *jã* e *bê* comportam-se como sujeitos e não como adjuntos. A partir disso, pode-se afirmar que o sujeito Mëbêngôkre apresenta morfologia diversificada, mas com o comportamento sintático unificado.

Em termos de contribuição para os estudos sobre linguística indígena, em especial as línguas Jê, este trabalho traz para discussão a temática do sujeito marcado pelas posposições dativa e locativa. Embora o tema ainda precise de mais estudos para se firmar como uma proposta viável, a contribuição é válida também para os estudos tipológicos, haja vista marcação não-canônica de sujeito não ser tão comum nas línguas em geral.

Como possíveis futuras linhas de pesquisas, além da continuação da atual, sinalizamos o objeto marcado não-canonicamente, pois assim como o sujeito, o objeto indica a possibilidade

de receber formas diferentes de marcação. Outra possibilidade de pesquisa, seria identificar como classificar o sujeito não-canônico dentro da estrutura argumental da língua, o experienciador, equivalente ao S, se comporta como um argumento interno ou como um argumento externo. Mostra-se interessante ainda discutir sobre o comportamento do S, já que dependendo do verbo com o qual ocorre pode receber marcação diferente e de acordo com a teoria de Hale e Keyser, o S seria gerado dentro do SV com alguns verbos e fora do SV com outros verbos.

## REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. **Evidentiality**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Evidentiality in typological perspective. In: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (ed.). **Studies in Evidentiality**. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- AMARAL, Luiz. **Revitalização, retomada e manutenção de línguas ameaçadas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nJNnBiT1oDU>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- ANDREWS, Avery D. The major functions of the noun phrase. In: SHOPEN, Timothy. **Language Typology and Syntactic Description**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 1. p. 132-223.
- ARAD, Maya. **VP Structure and the syntax lexicon interface**. Londres: Doctoral dissertation, University College London, 1998.
- ATOYEBI, Joseph Dele. 2010. A reference grammar of Oko. Cologne: Rüdiger Köppe Verlag. In: HASPELMATH, Martin. **Argument indexing: a conceptual framework for the syntactic status of bound person forms**, 2013.
- BAI, B. Lakshmi. Acquisition of dative subject in Tamil. In: BHASKARARAO, Peri; SUBBARAO, Karumuri Venkata. **Non-nominative subjects**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. v. 1.
- BARDA GIL-MAS, Bernat. **Case and agreement in Panará: Naamval en congruentie in het Panará**. 2018. 283 f. Tese (Doutorado)- Rijksuniversiteit Groningen. Groningen, 2018.
- BARDA GIL-MAS, Bernat. **A morfologia de caso nas línguas Jê**. Belém: MPEG, 2019.
- BARDDAL, Jóhanna; EYTHÓRSSON, Thórhallur. **The origin of the oblique-subject construction: an indo-european comparison**. [S.l.: s.n.], 2009. p. 179-193. DOI: 10.1075/cilt.305.19bar.
- BARDDAL, Jóhanna; EYTHÓRSSON, Thórhallur. **What is a subject? The nature and validity of subject tests**. 2016. DOI: 10.13140/RG.2.1.2060.6968.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BAYER, Josep. Non-nominative subjects in comparison. In: BHASKARARAO, Peri; SUBBARAO, Karumuri Venkata. **Non-nominative Subjects**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. v. 1 - 2.
- BHASKARARAO, Peri; SUBBARAO, Karumuri Venkata. **Non-nominative subjects**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. v. 1 - 2.

BICKEL, Balthasar. The syntax of experiencers in the Himalayas. In: BHASKARARAO, Peri; SUBBARAO, Karumuri Venkata. **Non-nominative subjects**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. v. 1 - 2.

BLASZCZAK, Joanna. **What HAS to BE used? Existential, Locative, and Possessive Sentences in Polish**. University of Potsdam. 2007.

BOEDER, Winfried. Syntax and morphology of polysynthesis in the Georgian verb. In: EVANS, Nicholas; SASSE, Hans-Jürgen. (ed.). **Problems of polysynthesis**. Berlin: Akademie Verlag, 2002. p.87–111. (Studia Typologica 4). Berlin: Akademie Verlag.

BORGES, Marília de Nazaré de O. F. **Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó**. 1995. 57 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, Arion D.; COSTA, Lucivaldo S. **Notas sobre ergatividade em Xikrín**. LIAMES, n. 4, p. 21-28, 2004.

CASTRO ALVES, Flavia de. **O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá**: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. 2004. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CASTRO ALVES, Flavia de. Propriedades formais do sujeito em Canela In: TELLES, Stella; PAULA, Aldir Santos de (ed.). Topicalizando Macro-Jê. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Recife: Néctar, p. 167-194, 2008.

CASTRO ALVES, Flavia de. Evolution of alignment in Timbira 1. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 76, n. 4, p. 439-475, oct. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1086/658054>.

CASTRO ALVES, Flavia de. Sujeito dativo em Canela. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 13, n 2, p. 377- 403, 2018.

CASTRO ALVES, Flavia de. Relações de objeto em Canela. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 16, n 1, p. 1-18, 2021.

CHELLIAH, Shobhana L.; REUSE, Willem J. de. **Handbook of descriptive linguistic fieldwork**. University of North Texas: Springer, 2011.

CLARK, Eve V. **Locationals**: a study of the relations between existential, locative and possessive constructions. Working papers on language universals. Stanford, CA: Language Universals Project, Stanford University. 3. L1-L26, 1970.

CLARK, Eve V. Locationals: existential, locative, and possessive constructions. In: GREENBERG, Joseph H. (ed.). **Universals of human language**. Volume 4: Syntax. Stanford, CA: Stanford University Press. 1978. p. 85–126.

COLE, Peter et al. The acquisition of subjecthood. **Language**, v. 56, n. 4, p. 719-43, 1980.

COMRIE, Bernard. The ergative: variations on a theme, **Língua**, v. 32, p. 239-53, 1973.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

COMRIE, Bernard. **Language universals and linguistic typology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

COMRIE, Bernard. Alignment of Case Marking of Full Noun Phrases. *In*: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (ed.). **The world atlas of language structures**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <http://wals.info/chapter/98>. Acesso em: 30 dez. 2018.

COMRIE, Bernard. Alignment of Case Marking of pronouns. *In*: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (ed.). **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível: <http://wals.info/chapter/99>. Acesso em: 17 fev. 2020.

COSTA, Lucivaldo Silva. **Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín**: contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê. Orientadora: Ana Suely Arruda Câmara Cabral. 2003. 79 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

COSTA, Lucivaldo Silva. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)**. Orientadora: Ana Suely Arruda Câmara Cabral 2015. 358 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

CREISSELS, Denis. **Uncommon patterns of core term marking and case terminology**. Padang, Indonesia: conference ALT VI, 2005.

CROFT, William. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CULLICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R.. **Simpler Syntax**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. **Changing valency: case studies in transitivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

DIXON, R. M. W. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, R. M. W. Field Linguistics: a minor manual, 2007. *In*: CHELLIAH, Shobhana L.; REUSE, Willem J. de. **Handbook of descriptive linguistic fieldwork**. University of North Texas: Springer, 2011.

DOURADO, Luciana Gonçalves. **Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)**. Orientador: Lucy Sek. 2001. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

DRYER, S. Matthew. Order of Subject, Object and Verb. *In*: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (ed.) **The world atlas of language structures**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <http://wals.info/chapter/81>. Acesso em: 30 dez. 2018.

DRYER, S. Matthew. Position of Tense-Aspect Affixes. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (ed.). **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <http://wals.info/chapter/69>. Acesso: 2 jan. 2019.

DRYER, S. Matthew. Word order. In: SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 1. p. 224-275.

EPPS, Patience; SALANOVA; Andrés P. A linguística amazônica hoje. **LIAMES**, n. 12, p. 7-37, p. 2012.

EVANS, Nicholas; DENCH, Alan, 2006. Introduction: catching language. In: CHELLIAH, Shobhana L.; REUSE, Willem J. de. **Handbook of descriptive linguistic fieldwork**. University of North Texas: Springer, 2011.

EYTHÓRSSON, Thórhallur; BARDDAL, Jóhanna. Oblique subjects: a common germanic inheritance. **Language**, Baltimore, v. 81, n. 4, p. 824-881, 2005.

FACUNDES, Sidi; CHAGAS, Angela. Verbos e estrutura argumental em Apurinã (Aruák). In: STORTO, Luciana; FRANCHETTO; Bruna; LIMA; Suzi. (Org.). **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

FERNÁNDEZ GARAY, A. El Tehuelche: una lengua en vías de extinción. In: BIRCHALL, Joshua Thomas Rigo. **Argument marking patterns in South American Languages**. 2014. 297 f. Tese (Doutorado), Universidade Radboud Nijmegen, Nijmegen, 2014.

FERREIRA, Marília de Nazaré de O. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. Orientadora: Lucy Seki. 2003. 266 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FOLEY, William. The Yimas language of New Guinea. In: HASPELMATH, Martin. **Argument indexing: a conceptual framework for the syntactic status of bound person forms**, 2013.

FRANCHETTO, Bruna. Ergativity and nominativity in Kuikuro and other Cariban Languages. In: PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FREEZE, Ray. Existentials and other locatives. *Language*, v. 68, no. 3, 1992, p. 553-595.

GALUCIO, Ana Vilacy; NOGUEIRA, Antonia Fernanda. Causativização em Mekens e Wayoro. In: QUEIXALÓS, Francesc; TELLES, Stella; BRUNO, Ana Carla. **Incremento de Valencia em las lenguas amazónicas**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2014.

GILDEA, Spike; CASTRO ALVES, Flávia de. Nominative-absolutive: Counter-universal split ergativity in Je and Cariban. In: GILDEA, Spike, QUEIXALÓS, Francesc. **Ergativity in Amazonia**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 159-199. (Typological Studies in Language, 89).

GILDEA, Spike; CASTRO ALVES, Flávia de. Reconstructing the source of nominative-absolutive alignment in two Amazonian language families. In: LUJÁN, Eugenio; Barðdal, Jóhanna; GILDEA, Spike (ed.). **Reconstructing syntax: cognates and directionality**. Leiden: Brill Press, 2016.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. 1.

GOMES, Edson de Freitas. Processos morfofonológicos em Mëbêngôkre. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**, Macapá, v. 3, n. 2, p. 140-155, 2020.

HALE, Kenneth; KEYSER, Jay. **Prolegomenon to a theory of argument Structure**. Cambridge, MA: Linguistics inquiry monograph 39, MIT Press, 2002.

HASPELMATH, Martin. **Understanding morphology**. 2. ed. London: Hodder education, 2010.

HASPELMATH, Martin. On S, A, P, T, and R as comparative concepts for alignment typology. **Linguistic Typology**, v. 15, p. 535–567, 2011. Disponível em: Recuperado de [https://www.eva.mpg.de/fileadmin/content\\_files/staff/haspelmt/pdf/OnSAPTR.pdf](https://www.eva.mpg.de/fileadmin/content_files/staff/haspelmt/pdf/OnSAPTR.pdf). Acesso em: 30 dez. 2018.

HASPELMATH, Martin. **Argument indexing: a conceptual framework for the syntactic status of bound person forms**, 2013.

HIMMELMANN, Nikolaus P., The challenges of segmenting spoken language. 2006. In: CHELLIAH, Shobhana L.; REUSE, Willem J. de. **Handbook of descriptive linguistic fieldwork**. University of North Texas: Springer, 2011.

HOLVOET, Axel. Obliqueness, Quasi-Subjects and Transitivity in Baltic and Slavonic. In: SERZANT, Ilja A.; KULIKOV, Leonid. **The diachronic typology of non-canonical subjects**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 257-282.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/pesquisa/povo/145>. Acesso em: 10 ago. 2019.

JEFFERSON, Kathleen. **Gramática pedagógica Kayapó**. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, SIL–Brasil, 1989.

KENEDY, Eduardo. **Curso Básico de Linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KEENAN, Edward L. Towards a universal definition of ‘Subject’. In: **Subject and topic**. Li, C.N. (ed.), New York: Academic Press, 1976. p. 303-333.

KLEIN, Wolfgang. Concepts of time. In: KLEIN, Wolfgang; LI, Ping (ed.). **The expression of time**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 5-38.

KLEIN, Wolfgang. How time is encoded. In: KLEIN, Wolfgang; LI, Ping (ed.). **The expression of time**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 40-81.

KULIKOV, Leonid. Non-Canonical Marking of Subjects and Objects. **The canadian journal of linguistics**, Canadian Linguistic Association, v. 49, n. 1, p. 1-154, 2004.

LANDAU, Idan. **The locative syntaxe of experiencers**. Massachusetts Institute of Technology, 2010.

LAPIERRE, M.; BARDAGIL-MAS, B.; SALANOVA, A. P. **A reconstruction of Proto-Northern Jê Phonemics**. Leticia – Colombia: Apresentação em Amazônicas VI, Universidad Nacional de Colombia, 2016.

LAZARD, G. Actance, diathèse: questions de definition. **Bulletin de la Société de Linguistique de Paris**, t. xcii, fasc, v 1, p. 115-136, 1997.

LEA, Vanessa R. **Riquezas intangíveis de pessoas partíveis: os Mëbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central**. São Paulo: EDUSP, 2012.

LEHMANN, Christian. Directions for interlinear morphemic translations. In: CHELLIAH, Shobhana L.; REUSE, Willem J. de. **Handbook of descriptive linguistic fieldwork**. University of North Texas: Springer, 2011.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. **Mandarin Chinese: a functional reference grammar**. Berkeley: University of California Press, 1981.

LYONS, John. **A note on possessive, existential, and locative sentences**. Foundations of Language, v. 3, p. 390-396, 1967.

LYONS, John. **The ergativity parameter: have-be alternation, word order and split ergativity**. proceedings of NELS 24, 1994b. p. 317 - 31.

MAIA, Marcus. **Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MANUAL do professor. **Me banhõ pi'ôk nhidji jakrenhdjwynh kadjy-neja**. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1978.

McGREGOR, Ronald Stuart. **Outline of Hindi Grammar**. 2 ed. Delhi: Oxford University Press, 1977.

MIOTO, C. Figueiredo; SILVA, M. C.; LOPES, R. **Manual de sintaxe**. 3 ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MITHUN, Marianne. Active/agentive Case Marking and Its Motivations. **Language**, v. 67, n. 3, p. 510-546, 1991.

MOORE, J.; PERLMUTTER, D. What does it take to be a dative subject? **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 18, n. 2, p. 373-416, 2000.

NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. A investigação da estrutura argumental: por uma confluência dos instrumentais analíticos. *In*: STORTO, Luciana; FRANCHETTO; Bruna; LIMA; Suzi. (org.). **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

NIKULIN, Andrey. Historical phonology of Proto-Northern Jê. **Journal of Language Relationship**, v. 14, n. 3, p. 165-185, 2015.

NIKULIN, Andrey. A phonological reconstruction of Proto-Cerrado (Jê Family). **Journal of Language Relationship**, v. 15, n. 3, p. 147-180, 2016.

NIKULIN, Andrey. A reconstruction of Proto-Jê phonology and lexicon. **Journal of Language Relationship**, Moscou, v. 17, n. 2, p. 93 -127, 2019a.

NIKULIN, Andrey. **Proto Macro-Jê: um estudo reconstrutivo**. Orientadora: Flávia de Castro Alves. 2020. 595 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020.

NONATO, Rafael. **A marcação da inter-referência (switch-reference) nas línguas jê do norte**. [S.l.], [s.n.], 2016.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. **The language of the Apinajé people of central Brazil**. 2005. 444 f. Tese (Doutorado em Linguística), University of Oregon, Oregon, 2005.

ONISHI, Masayuki. Non-canonically marked subjects and objects: parameters and properties. *In*: AIKHENVALD, Alexandra; DIXON, R. M. W; ONISHI, Masayuki. **Non-canonical marking of subjects and objects**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

POPJES, Jack; POPJES, Jo. Canela-Krahô. *In*: DERBYSHIRE, D.; PULLUM, G. (ed.). **Handbook of Amazonian Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. v. 1. p. 128-199.

PUSTET, Regina. **Copulas: universals in the categorization of the lexicon**. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press, 2003.

REIS SILVA, Maria Amélia. **Pronomes, ordem e ergatividade em Mëbêngôkre (Kayapó)**. Orientadora: Charlotte Galves. 2001. 87f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

REIS SILVA, Maria Amélia. **Aspect and split ergativity in Mëbêngôkre**. Talk delivered at NWLC 22, Simon Fraser University, 2006.

REIS SILVA, M. Amélia; SALANOVA, A. Pablo. Verbo y ergatividade escindida en Mëbêngôkre. *In*: VOORT, H. van der; KERKE, S. van der (ed.). **Indigenous languages of lowland South America**, Leiden, 2000. p. 225-242.

RIBEIRO-SILVA, Nandra. **Pronomes em Parkatêjê**: a expressão da terceira pessoa. Orientadora: Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira. 2016. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

RODRIGUES, Aryon D. Línguas Brasileiras. **Para o conhecimento das línguas Indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon D. Macro-Jê. *In*: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.). **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 164 -206.

RODRIGUES, Aryon D. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 4, n. 2, 2012.

SALA, Antonio Maria. Ensaio de grammatica Kaiapó: lingua dos Indios Kaiapós Brasil Central. **Revista do Museu Paulista**: São Paulo, v. 12, p. 395-429, 1920.

SALANOVA, Andrés Pablo. **A nasalidade em Mëbêngôkre e Apinayé**: o limite do vozeamento soante. Orientadora: Maria Bernadete Marques Abaurre. 2001. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SALANOVA, Andrés Pablo. **Nominalizations and aspect**. Orientadora: Sabine Iatridou. 2007. 151 f. Tese (Doutorado)- Massachusetts Institute of Technology: Massachusetts, 2007.

SALANOVA, Andrés Pablo. **Uma análise unificada das construções ergativas do Mëbêngôkre**. Ottawa, Ameríndia, v. 32, p. 109-134, 2008.

SALANOVA, Andrés Pablo. Não existem prefixos relacionais nas línguas Jê. *In*: BRAGGIO, Silvia Lucia; SOUSA FILHO, Sinval (org.). **Línguas e culturas Macro-Jê**. Goiânia: Vieira, 2009. p. 259 - 271.

SALANOVA, Andrés Pablo. **Mëbêngôkre (Kayapó)**. [S.l.: s.n.], 2010.

SALANOVA, Andrés Pablo. **A flexão de terceira pessoa nas línguas Jê**. LIAMES, Campinas, 2011. v. 11. p. 75 -114.

SALANOVA, Andrés Pablo. **As posposições e a estrutura dos eventos**. [S.l.: s.n.], 2011.

SALANOVA, Andrés Pablo. Semántica causativa, sintaxis aplicativa *In*: QUEIXALÓS, Francesc; TELLES, Stella; BRUNO, Ana Carla. **Incremento de Valencia em las lenguas amazónicas**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2014b. p. 155-189.

SALANOVA, Andrés P; NIKULIN, Andrey. A história que conta o léxico Mëbêngôkre. **Revista de letras norte@mentos. Dossiê Temático**: Para a década das línguas indígenas, Sinop, v. 13, n. 33, p. 52-106, 2020.

SANTOS, Ludovico Carnasciali dos. **Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá (Kisêdjê) família Jê**. 1997. 186 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1997.

SANTOS, Mara; FRANCHETTO, Bruna. A investigação da estrutura argumental: por uma confluência dos instrumentais analíticos. *In: STORTO, Luciana; FRANCHETTO; Bruna; LIMA; Suzi. (org.). **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil***. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

SCHACHTER, Paul; SHOPEN, Timothy. Parts-of-speech systems. *In: SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description***, 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 1. p. 1-60.

SCHÄTZLE, Christin. **Dative subjects**: historical change visualized. 2018. 293 f. Tese (Doutorado), Universität Konstanz, Konstanz, 2018.

SERŽANT, Ilja A. The diachronic typology of non canonical subjects and subject-like obliques. *In: SERŽANT, Ilja A.; KULIKOV, Leonid (org.). **The diachronic typology of non-prototypical subjects***. John Benjamins: Amsterdam, 2013. p. 313-59.

SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description**. [S.l.]: Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 1-2.

SIGURÐSSON, Halldór Ármann. Icelandic non-nominative subjects: facts and implications. *In: BHASKARARAO, Peri; SUBBARAO, Karumuri Venkata. **Non-nominative Subjects***, Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. v. 2. p. 137-159.

SILVA, Ivan Rocha da. **A estrutura argumental da língua Karitiana**: desafios descritivos e teóricos. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SOUZA, João H. S. de; DUARTE, Fábio B. Morfossintaxe verbal das variedades Timbira faladas pelos povos Gavião do Pará e do Maranhão. **Polifinia/Estudos Linguísticos**, Cuiabá, v. 27, n. 48, p. 60-77, 2020.

SPAGNOLO, L. M. Bari grammar; SIEWIERSKA, Anna. Verbal person Marking. 2013. *In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (ed.) **The world atlas of language structures online***. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <http://wals.info/chapter/102>. Acesso em: 30 dez. 2018.

STORTO, Luciana. **Línguas indígenas**: tradição, universais e diversidade. São Paulo: Mercado de Letras, 2019.

STORTO, Luciana; SILVA, Ivan Rocha da. Estrutura argumental na língua Karitiana. *In: STORTO, Luciana; FRANCHETTO; Bruna; LIMA; Suzi. (Org.). **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil***. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

THOMPSON, Sandra A; LONGACRE, Robert E.; Hwang, Shin Já J. Adverbial clauses. *In: SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description***. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 2.

THOMSON, Ruth; STOUT, Mickey. **Elementos proposicionais em orações Kayapó**. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1974. (Série Linguística, 3). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo>. Acesso em: 10 ago. 2019.

TRASK, R. L. **A dictionary of grammatical terms in linguistics**. Brighton: Routledge, 1996.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. 3. ed. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2015.

TURNER, Terence. Da cosmologia à história: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó. **Cadernos de campo**, v. 30, n. 1, 1991.

TURNER, Terence. Da cosmologia à história: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó. *In*: CUNHA, Manuela C. da (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

UNESCO, Ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. **Language vitality and endangerment**, 2003. Disponível em :[http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/Language\\_vitality\\_and\\_endangerment\\_EN.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/Language_vitality_and_endangerment_EN.pdf). Acesso em: 28 jul. 2020.

URBAN, Greg. Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê). The University of Chicago Press. **International Journal of American Linguistics**, v. 51, n. 2, p. 164-187, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1265457>. Acesso em: 28 jul. 2020.

WANG, Yong; XU, Jie. **A systemic typology of existential and possessive constructions**. John Benjamins Publishing Company, 2013.

WEBER, David J. A grammar of Huallaga (Huanuco) Quechua. Berkeley: University of California Press, 1989. *In*: PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

WILLETT, Thomas. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. **Studies in Language**, v. 12, n. 1, p. 51-97, 1988.

WITZLACK-MAKAREVICH, Alena.; BICKEL, Balthasar. Towards a questionnaire on grammatical relations: a project bridging between typology and field linguistics. Tomsk. **Journal of Linguistics and Anthropology**, v. 2, n. 2, p. 124-134, 2013.

ZAENEN, Annie; MALING, Joan; THRÁINSSON, Hoskuldur. Case and grammatical functions: the Icelandic passive. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 3, p. 441-483, 1985.